

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**ANDRESSA MACIEL CORRÊA**

**METÁFORA E VALOR: Considerações sobre o contexto do refúgio**

Niterói

2023

ANDRESSA MACIEL CORRÊA

**METÁFORA E VALOR:** Considerações sobre o contexto do refúgio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Diogo de França Gurgel.

Niterói

2023

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmãos pelo apoio. À minha vó Maria, pela presença sempre vibrante e afável em minha vida.

Aos meus amigos que sempre fizeram parte e estão presentes em minha vida. Sou grata a todo momento por ter pessoas sensíveis e engraçadas.

Às pessoas que conheci durante a minha vida, com as quais aprendi muito somente com a sua existência e forma de viver.

A todas as pessoas que conheci em situação de refúgio, principalmente às crianças que passaram em minha vida e me mostraram a capacidade rara de enfrentar as dificuldades pelo enorme afeto que possuem.

Aos professores da Banca Celso Braida e Solange Vereza, pela disponibilidade em olhar para este estudo. Sou grata por todos os apontamentos e *feedbacks* dados. Agradeço, também, por compartilhar todo o conhecimento, principalmente diante de todos os meus déficits enquanto pesquisadora.

Ao professor Diogo, primeiramente, pelo exemplo respeitável, cortês e diligente. Sou grata pela forma singular e aberta em cada orientação. Aprendo muito com a pessoa e docente que é. Sou grata também pela enorme disponibilidade neste período e compreensão, mesmo diante dos meus déficits. Agradeço todo o conhecimento e saber que se dispôs a compartilhar enquanto professor, e a enorme paciência neste período diante das minhas dúvidas e construção deste trabalho.

“No one leaves home  
unless home is the mouth of a shark  
no one leaves home  
unless home chases you  
fire under feet  
hot blood in your belly  
it’s not something you ever thought of doing  
until the blade burnt threats into your neck  
you have to understand,  
that no one puts their children in a boat  
unless the water is safer than the land”  
(Poema “Home” - Warsan Shire).

## RESUMO

Eventos relacionados aos fluxos migratórios, forçados como o refúgio, têm recebido uma atenção esmagadora na grande mídia, principalmente devido ao seu aumento. Este estudo investiga o enquadramento metafórico e os acentos de valor em discursos envolvendo o tema da migração, especialmente relacionadas ao contexto do refúgio, elucidando a dimensão político-ideológica das disputas semânticas envolvendo os discursos midiáticos e políticos que aparecem como descrições, mas em muitos casos funcionam na prática como valorações diretas ou indiretas. O intuito é ressaltar como as metáforas se tornam poderosas e podem influenciar o trato com as pessoas na condição de refúgio ou mesmo a interpretação dos leitores, escolhas políticas e abertura ou não de fronteiras.

**Palavras-chave:** Refúgio; Metáfora; Teoria da Metáfora Conceptual; Acentos de valor.

## **ABSTRACT**

Events related to migration flows, forced such as refuge, have received overwhelming attention in the mainstream media, mainly due to their increase. This study investigates the metaphorical framing and value accents of migration issues, especially related to the refuge context, elucidating the political-ideological dimension of semantic disputes involving media and political discourses that appear as descriptions, but in many cases function in practice as direct or indirect valuations. The intention is to highlight how metaphors become powerful and can influence the treatment of people in the refugee condition or even the interpretation of readers, political choices, and the opening or not borders.

**Keywords:** Refuge, Metaphor; Conceptual Metaphor Theory; Value Accents.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AGNU	Assembleia Geral das Nações Unidas
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
EUA	Estados Unidos da América
ONG	Organização Não Governamental
OPEP	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
TMC	Teoria da Metáfora Conceptual
UFF	Universidade Federal Fluminense

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1 A METÁFORA CONCEPTUAL .....	16
1.1 Metáfora: considerações preliminares.....	16
1.2 Teoria da Metáfora Conceptual: definição de metáfora.....	19
1.3 Metáfora: mapeamentos sistemáticos entre dois domínios.....	21
1.4 Sistematização metafórica: <i>highlighting</i> , <i>hiding</i> e <i>downplaying</i> .....	26
1.5 <i>Entailments</i> .....	29
1.6 <i>Embodiement</i> e <i>Image-schemes</i> .....	32
1.7 Críticas ao objetivismo e subjetivismo .....	34
1.8 Metáfora, Cultura e Política .....	36
2 METÁFORA E VALOR: algumas críticas e considerações .....	42
2.1 Kövecses: contexto.....	42
2.2 Cognição e discurso: considerações acerca das metáforas situadas .....	45
2.3 Como certas metáforas licenciam e interditam ações? .....	50
2.4 Acentos de Valor e o Círculo de Bakhtin .....	55
3 METÁFORAS, ACENTO DE VALOR E REFÚGIO: algumas análises .....	64
3.1 “NATION AS HOME”: “migrant as a guest”/“refugee as a guest”.....	65
3.2 “COISAS RUINS SÃO MERDA”: “Países de Merda”/“Países do Sul Global são merda” .....	74
3.3 “ONDA” DE REFUGIADOS: “pessoas são objetos”, “pessoas são líquidos”, “pessoas são estados da natureza” .....	79
3.4 HOSPITALIDADES E HOSTILIDADES NO CONTEXTO DO REFÚGIO: “O anjo protetor dos refugiados” ou “A bruxa desalmada” .....	90
3.5 MANCHA NA HISTÓRIA: uma história de hostilidades.....	96
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	112



## INTRODUÇÃO

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), refugiados são pessoas que: “[...] estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento, grupo social ou opinião política, como também devido à grave generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados” (ACNUR, 2018, p. 2). Conforme dados do ACNUR (2022), o número de pessoas deslocadas forçosamente em todo o mundo, seja por guerras, violências, perseguições e abusos de direitos humanos, chegou, em maio de 2022, a mais de 100 milhões.

Tendo em mente o cenário dos deslocamentos migratórios forçados, principalmente no que tange o refúgio, e complexidade e contemporaneidade deste fenômeno, este estudo visa problematizar olhares desqualificadores sobre deslocamentos migratórios forçados, como o refúgio, a partir de uma perspectiva que evidencie os acentos de valor presentes no uso de metáforas empregadas em discursos com essa temática.

Segundo Moullagaliev e Khismatullina (2017), “[...] a metáfora pode transmitir de forma concisa e precisa as opiniões comuns sobre um determinado fenômeno; converter ideias em um sistema de representações humanas”<sup>1</sup> (MOULLAGALIEV; KHISMATULLINA, 2017, p. 132, tradução nossa). Diante disso, o recorte metodológico teve como propósito elucidar as disputas semânticas presentes em discursos e descrições – em alguns casos, com valorações implícitas –, acerca destas populações na mídia e em discursos de atores internacionais, tendo em vista que são afloramentos semânticos de disputas ideológicas e hierárquicas.

O discurso dos meios de comunicação social é um tipo especial de discurso, cujo principal objetivo é representado pela promoção de certas ideias, impacto emocional nos cidadãos e encorajando-os à atividade política, ao desenvolvimento do consenso público, aceitação e justificação de decisões sociais e políticas em uma multiplicidade de pontos de uma sociedade (CHUDINOV, 2001, p. 36, tradução nossa)<sup>2</sup>.

A proposta desta dissertação é analisar a natureza dos enunciados metafóricos feitos no contexto de debates sobre a questão do refúgio, sob a perspectiva das relações

---

<sup>1</sup> “[...] the metaphor can concisely and accurately convey the common views about a particular phenomenon; convert ideas into a system of human representations” (MOULLAGALIEV; KHISMATULLINA, 2017, p. 132).

<sup>2</sup> “The mass media discourse is a special type of discourse, the main purpose of which is represented by the promotion of a certain ideas, emotive impact on the citizens and by encouraging them to political activity, to the development of public consensus, acceptance and justification of social and political decision-making in a multiplicity of points in a society” (CHUDINOV, 2001, p. 36).

dialógicas e, por consequência, demonstrar que muitos dos proferimentos que se trataram teoricamente como descritivos sobre refugiados são formas indiretas de valoração. Pretende-se examinar recortes discursivos presentes em meios midiáticos, que evidenciaram os acentos de valor nas metáforas acerca de populações refugiadas.

Törmä (2017) evidencia a influência e o papel da metáfora na mídia e a discussão sobre o tema da imigração no discurso midiático, principalmente em relação ao uso dos termos “migrante” e “refugiado”, e como são frequentemente utilizados de forma intercambiável. Assim, compreende-se a importância da distinção legal entre os termos, tendo em vista que a proteção legal para cada categoria migratória será diferente. Contudo, compreende-se, também, que em muitos momentos, e devido à precariedade e dificuldades do processo de elegibilidade para a concessão do *status* de refugiado (CORRÊA; GURGEL, 2021), e o fechamento e policiamento de fronteiras aos fluxos migratórios (VAUGHAN-WILLIAMS, 2015; CORRÊA, 2019), levar-se-á em conta o contexto do refúgio de forma mais ampla, bem como os discursos que tratam de deslocamentos migratórios forçados, seja na mídia, seja em discursos políticos.

Populações refugiadas só ganharam efetiva proteção pela comunidade internacional no século XX, com a Sociedade das Nações, pois, com a Segunda Guerra Mundial, o problema dos refugiados tomou proporções jamais vistas – com dezenas de milhões de pessoas em deslocamento (ACNUR, 2018). Após a Segunda Guerra Mundial foram criados mecanismos, a partir de um Direito Internacional específico<sup>3</sup>, para lidar com o “problema” do refúgio internacionalmente. A partir destes marcos e, posteriormente no século XX, a questão do refúgio se tornou cada vez mais significativa (NYERS, 2003).

Assim, com o aumento dos deslocamentos migratórios forçados, observou-se um aumento da gestão de fronteiras e de políticas migratórias ou mesmo antimigratórias pelos Estados (VAUGHAN-WILLIAMS, 2015). Diferente de outros deslocamentos migratórios, a forma que o refúgio será enquadrado ou valorado no ordenamento internacional (CUNHA; ALMEIDA, 2008; FERRI, 2011; MOULIN, 2011), influenciará a gestão ou o fechamento de fronteiras a estes fluxos migratórios, bem como o trato com pessoas nesta condição, ou seja, quem entra e quem sai.

---

<sup>3</sup> O entendimento contemporâneo legal do termo “refugiado” é definido pela Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951. Contudo, a Convenção foi elaborada dentro de um escopo específico, temporal e geográfico, restrito ao pós-guerra. Desse modo, a concessão do *status* de refugiado a migrantes era concedida aos do continente europeu e aos que se originassem dos eventos ocorridos em 1951. Somente após o Protocolo de 1967, que se extinguíram as limitações espaços-temporais do documento original, ou seja, expandindo a definição para todas as pessoas do globo (THOMAZ, 2015).

O domínio do refúgio é uma área altamente politizada e internacionalizada. Os movimentos de massa de refugiados são o resultado de várias mudanças políticas e sociais que afetam todo o sistema internacional de Estados e não apenas os desenvolvimentos dentro de cada país. Desde que surgiu como um “problema” moderno, tornou-se claro que a questão dos refugiados estava para além da capacidade de qualquer governo para lidar eficazmente com esta questão (HADDAD, 2008, p. 2, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Os refugiados são parte inevitável desse sistema, enquanto houver fronteiras políticas construindo definições dos que estão “dentro” ou “fora” dos Estados. Contudo, quando se trata do refúgio, o enquadramento e acento de valor dados a estes fluxos migratórios, muitas das vezes são embasados por discursos pejorativos (SOTO-ALMELA; ALCARAZ-MÁRMOL, 2019; FISCHER, 2020), depreciativos (MUJAGIC; BERBEROVIC, 2019; PORTO, 2022) e embasados por um uso de termos que colocam tais populações à margem, ou como perigo à norma, segurança e ordem, invalidados como formas de alteridades indesejáveis: *outsiders*<sup>5</sup> (WALKER, 2013; VAUGHAN-WILLIAMS, 2015; INAYATULLAH; BLANEY, 2004).

Em 1946, a Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) estabeleceu alguns princípios da condição de refugiado, o direito de entrada e a elegibilidade para permanência em determinado país receptor. Contudo, a elegibilidade e a criminalização em determinado país dar-se-á a partir do momento que um imigrante for enquadrado em determinado juízo de valor, mesmo que de forma indireta. Foi em 1951 que a Convenção sobre o Estatuto de Refugiados definiu o termo “refugiado” como toda pessoa que, “[...] devido a fundados temores de ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, por pertencer a determinado grupo social e por suas opiniões políticas [...]” (ACNUR, 2018, p. 15), encontre-se fora do seu país de origem ou não pode regressar a ele.

O intuito de trazer o refúgio como tema central desta dissertação se deu primeiramente devido à relevância da temática no cenário atual, à diferença em relação a outros fluxos migratórios enquanto um cenário de fuga, e à proximidade e ao trabalho dentro do campo. O refúgio parece ter uma atração particular para o uso de metáforas com pesos valorativos devido ao seu significado sócio, político e histórico no cenário contemporâneo, bem como a sua complexidade perante outros fluxos migratórios. Quando se trata do refúgio,

---

<sup>4</sup> “The refugee domain is a highly politicized and internationalized area. Mass movements of refugees are the result of various political and social changes that affect the entire international states system and not just developments within individual countries. Since it emerged as a modern ‘problem’ it became clear that the refugee issue was beyond the capacity of any one government to deal with effectively” (HADDAD, 2008, p. 2).

<sup>5</sup> *Outsiders* pode ser traduzido como pessoas de fora, forasteiros ou mesmo estranhos. Dito de outra forma, refugiados não são considerados, em muitas situações, parte do sistema de Estados-nações.

o país que está recebendo tais fluxos migratórios forçados não pode devolver um solicitante ou refugiado para o território de origem. O *non-refoulement*<sup>6</sup> é um conceito que se aplica aos fluxos migratórios forçados e que proíbe os Estados devolverem tais populações. No contexto do Direito Internacional, o *non-refoulement* deve ser compreendido como a proibição de repulsa do estrangeiro que intenta permanecer sob a jurisdição do Estado de destino (LUIZ FILHO, 2001).

Diferente de outros deslocamentos migratórios, o refúgio é uma migração por fuga<sup>7</sup>, e, atualmente, os estudos são muito escassos, dentro do campo de saber da Filosofia, acerca do uso da metáfora na mídia e em discursos políticos de atores internacionais, evidenciando categorizações e valorações implícitas e indiretas de fluxos migratórios forçados. Assim, há uma grande relevância nos estudos acerca das disputas e barganhas metafóricas que determinam as políticas públicas e o trato com refugiados.

Segundo Moullagaliev e Khismatullina (2017), a mídia tem sido um veículo muito usado para a vinculação de determinadas metáforas acerca da migração. Essa vinculação de metáforas pode servir como forma de manipulação do comportamento humano influenciando determinadas percepções acerca destas populações. Como reforçou Volodina (2008), “[...] porque a mídia é um componente integral da vida social do homem moderno, o principal meio de sua iniciação aos eventos do mundo, e vem como um intermediário na formação da cultura<sup>8</sup>” (VOLODINA, 2008, p. 3, tradução nossa).

As narrativas midiáticas são uma fonte rica para o estudo da linguagem figurativa, tal como o processo de naturalização das metáforas, e desempenham um papel particularmente importante na formação e confirmação da visão de mundo do público. Refletem discursos públicos predominantes sobre questões atuais e são, por isso, de interesse central para um estudo centrado nas percepções do público sobre fenômenos como a migração. Contudo, os meios de comunicação social não só refletem, mas também moldam e reforçam as percepções predominantes do público (PETERSSON; KAINZ, 2017, p. 46, tradução nossa)<sup>9</sup>.

<sup>6</sup> O conceito *non-refoulement* pode ser traduzido como não devolução.

<sup>7</sup> Segundo a Lei n.º 947/1997, arts. 36 e 37: “Não será expulso do território nacional o refugiado que esteja regularmente registrado, salvo por motivos de segurança nacional ou de ordem pública”. Desse modo, “[...] a expulsão de refugiado do território nacional não resultará em sua retirada para país onde sua vida, liberdade ou integridade física possam estar em risco, e apenas será efetivada quando da certeza de sua admissão em país onde não haja riscos de perseguição”.

<sup>8</sup> “[...] because the media is an integral component of social life of the modern man, the main means of its initiation to the events of the world, and it comes as an intermediary in culture formation” (VOLODINA, 2008, p. 3).

<sup>9</sup> “Media narratives are a rich source for the study of figurative language, such as the naturalization process of metaphors, and play a particularly important part in shaping and confirming the world views of the public. They reflect predominant public discourses on topical issues and are therefore of central interest for a study focused on public perceptions of phenomena such as migration. However, media outlets do not only reflect, but also shape and reinforce predominant public perceptions” (PETERSSON; KAINZ, 2017, p. 46).

Uma tese que se quer defender é que as bases metafóricas têm um peso considerável na determinação da vida política, como se pensa a administração da vida pública, tendo-se em vista que “[...] a caracterização da migração de acordo com sua motivação acarretará um delineamento da rede social e jurídica associada” (ARANTES; DEUSDARÁ; BRENNER, 2016, p. 198). Imanishi (2022) também realizou um estudo sobre o impacto de discursos políticos a respeito da migração forçada, bem como sobre o refúgio. Segundo Imanishi (2002), “[...] mais do que o sofrimento dos solicitantes de asilo, a preocupação da maioria dos formuladores de políticas era a segurança nacional” (IMANISHI, 2002, p. 896, tradução nossa)<sup>10</sup>. Eriksson (2019) enfatizou também o papel das metáforas, principalmente das metáforas conceptuais, e investigou como as metáforas conceptuais estão subjacentes ao discurso político. Cabe ressaltar que se apresenta de forma mais detalhada, no terceiro capítulo deste estudo, o papel subjacente da metáfora em discursos políticos. Mostra-se, a partir da análise de exemplos, como as metáforas conceptuais moldam os discursos políticos acerca de populações refugiadas, seja para a criação de políticas de abertura de fronteira ou acentos de valor depreciativos subjacentes às políticas anti-imigratórias de fechamento de fronteiras.

Estudos de Ferreira, Flister e Morosini Filho (2020) evidenciaram como certos discursos da mídia sobre imigração e refúgio valorizam de forma explícita estas populações, como: “desastre natural” e “mercadoria” etc. Petersson e Kainz (2017) também analisaram alguns discursos na mídia suíça e alemã, principalmente voltados ao período de intensa migração em 2015, a partir do arcabouço teórico da Teoria da Metáfora Conceptual (Doravante, TMC) de Lakoff e Johnson. O principal argumento dos autores é que determinados enquadramentos metafóricos, especialmente após terem sido naturalizados nos principais discursos da mídia sobre refugiados, têm profunda influência sobre as disposições dos leitores em relação a eventos relacionados à migração e à política. Para os autores, “[...] o conteúdo dos noticiários midiáticos reflete e influencia o sentimento público [...] aumentando receios emocionais sobre a infiltração da Grã-Bretanha e sugeriu que o controle da imigração através da segurança das fronteiras nacionais asseguraria o controle sobre as mudanças sociais” (PETERSSON; KAINZ, 2017, p. 41, 47, tradução nossa)<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> “[...] more than suffering of asylum seekers, the preoccupation of the most policymakers was national security” (IMANISHI, 2002, p. 896).

<sup>11</sup> “[...] news-media content both reflects and influences public sentiment [...] it heightened emotional fears about the infiltration of Britain and suggested that controlling immigration through securing the national borders would ensure control over social change” (PETERSSON; KAINZ, 2017, p. 41, 47).

Musolff (2011) e Montagut e Moragas-Fernández (2020) também evidenciam usos metafóricos a partir de estudos discursivo-analíticos acerca de fluxos migratórios, destacando as categorizações implícitas e depreciativas acerca da imigração, como algum tipo de desastre natural, ou mesmo como uma invasão militar. Moullagaliev e Khismatullina (2017) reforçam o uso da metáfora da *water* (água) em discursos sobre a migração, principalmente no México e América Latina, e em mídias britânicas e russas categorizando fluxos migratórios, como: *flood* (inundação), *storm* (tempestade), *flow* (fluxo), *wave* (onda), dentre outros. Esse entendimento é agravado pela reprodução de estereótipos e desinformação sobre imigrantes em geral, reforçados por conteúdos e discursos equivocados. Sobre o assunto, Arantes, Deusdará e Brenner (2016) afirmam que:

Nesse cenário [...], essas práticas de criminalização que o impedem de ingressar de modo regular em outro país conferem ao ato de imigração a marca da infração. Em muitos cenários fronteiriços atuais estas marcas são produzidas no campo da linguagem e intensificadas pelo uso de determinadas categorias migratórias (ARANTES; DEUSDARÁ; BRENNER, 2016, p. 1199).

Estudos voltados ao campo do refúgio e migração (FERREIRA; FLISTER; MOROSINI FILHO, 2020; ARANTES; DEUSDARÁ; BRENNER, 2016; FERREIRA; FLISTER; MOROSINI FILHO, 2017; MUSOLFF, 2011) defendem a tese de que dissociar juízos de fato e juízos de valor, e realizar certas distinções de graus de importância e medidas a serem tomadas para lidar com o contexto do refúgio, dizem mais dos interesses de determinados grupos do que da proteção dessas populações, configurando-se mais como um enviesamento de interesses (MUJAGIC, 2018) do que do cumprimento dos direitos destes.

Portanto, uma hipótese de trabalho é a partir do modo como a linguagem condiciona e preestabelece os lugares políticos e sociais dos indivíduos que se pode observar como alguns acordos entre quem entra e quem sai de determinado país são baseados nestes sistemas de crenças. É importante compreender como que – em vista destas relações – os acentos de valor e as práticas discriminatórias se inserem nas estruturas sociais, perpassando e orientando as políticas migratórias, a gestão de fronteiras e os aparatos de controle das organizações e Estados-nação, pela indústria midiática ou pela alimentação de discursos produzidos por atores estatais e internacionais.

Dessa maneira, o intuito deste trabalho é investigar, utilizando, principalmente, do arcabouço teórico da TMC e uma complementação deste por certas discussões do Círculo de Bakhtin, a fim de evidenciar a vinculação implícita de valor pelo uso de metáforas. A

proposta é elucidar a natureza normativa das práticas sociais vinculadas a esse tema, seus dilemas e suas disputas semântico-ideológicas.

Em um primeiro capítulo, apresenta-se a TMC originalmente proposta pelos autores George Lakoff e Mark Johnson, com suas principais discussões e conceitos. O propósito é apresentar a definição dos autores, a sistematização metafórica, o desenvolvimento da teoria e algumas noções importantes, como *entailments* (ramificações), *embodiment cognition* (cognição corporificada) e *image-schemes* (esquemas imagéticos), bem como as críticas que os autores fazem ao objetivismo e ao subjetivismo, e considerações sobre o uso da metáfora na política e cultura.

Seguindo nessa direção, vale a pena perpassar, no segundo capítulo, por algumas críticas e olhares à TMC. O intuito é ressaltar algumas críticas realizadas por Zoltan Kövecses (2005) e determinados aspectos de sua ênfase no contexto. Pois, o autor sublinha, sobretudo, o modo como a TMC não explora suficientemente o papel do contexto no estabelecimento e interpretação de metáfora. E, a partir das considerações realizadas por Solange Vereza em relação aos aspectos do funcionamento da metáfora no âmbito discursivo, enfocam-se algumas ideias centrais acerca das metáforas conceptuais e das metáforas situadas, pois servirão de base teórica para a análise no último capítulo. Ainda neste segundo capítulo, apresentam-se, também, algumas ideias de Philip Eubanks com o propósito de ampliar os horizontes de possibilidade para pensar a valoração das metáforas e o seu uso. O autor faz uma teoria em cima da teoria de Lakoff e Johnson, para evidenciar o licenciamento e interdição de ações mediante metáforas; discutindo ideologia a partir de histórias de licenciamento, e, como forma de ampliar a análise, perpassar pontos importantes elucidados pelo Círculo de Bakhtin a respeito dos acentos de valor<sup>12</sup>.

No terceiro capítulo, aplica-se o arcabouço teórico em casos observados nos discursos políticos de atores internacionais, e descrições acerca do refúgio<sup>13</sup> na mídia. O esforço será elucidar, a partir de alguns exemplos acerca do contexto do refúgio, não só as

---

<sup>12</sup> Cabe ressaltar que se compreendem as distintas perspectivas e ideias que embasam cada um destes teóricos. Contudo, o intuito neste estudo foi se utilizar, de forma, estratégica de alguns conceitos e discussões elaboradas pelos autores no esforço de contribuir como arcabouço teórico para a análise no último capítulo acerca das metáforas e do papel do valor.

<sup>13</sup> Cabe ressaltar que a proposta deste trabalho não é delimitar algum contexto do refúgio, mas lidar com exemplos que vislumbrem o cenário complexo e heterogêneo enquanto migração forçada. Tendo isto em mente, entende-se que mesmo que tal fluxo migratório ou pessoa em situação de refúgio não tenha ainda conseguido a sua elegibilidade jurídica enquanto refugiado, já se vislumbra um cenário de refúgio. Muitas vezes fluxos migratórios forçados são barrados antes mesmo de terem a possibilidade de aplicarem para o *status* de refúgio, ou são caracterizados como ilegais ou mesmo estão em um limbo jurídico no seu processo de solicitação de refúgio. Portanto, trata-se do refúgio neste estudo de forma mais ampla, que abarque a sua complexidade e cenários heterogêneos.

metáforas de fundo presentes em descrições acerca destas populações, mas, também, o acento de valor presente nos usos de metáforas em discursos e na mídia, e como podem influenciar no trato com estas populações. Acredita-se que seja importante contribuir para a descrição de um fenômeno contemporâneo, e chamar a atenção para o fato de que o uso de esquemas imagéticos e metafóricos na mídia pode direcionar a opinião pública a favor ou contra estes fluxos migratórios.

O foco é evidenciar como as metáforas presentes nestes discursos podem ser usadas como descrições, apontando, também, de forma implícita, para disputas ideológicas e hierarquias; são descrições hierárquicas, racistas e discriminatórias, apoiadas em uma valoração mais ou menos implícita dos fluxos migratórios. Um outro objetivo do presente trabalho é contribuir para a ampliação das discussões acerca do contexto do refúgio, principalmente trazendo para o campo, estudo e pesquisa em filosofia uma abordagem que dialogue com outros campos e estudos, e amplie as discussões sobre os deslocamentos migratórios forçados, como o refúgio; que não é comum no Brasil ver tal objeto de estudo dentro da filosofia. A proposta é trazer discussões pertinentes e necessárias para repensar o trato com populações em deslocamento migratório forçado, tendo em vista que a filosofia ainda não se encontra tão presente nos estudos e discussões acerca da temática. Desta forma, essa contribuição inclui o fortalecimento dos estudos realizados pela Cátedra Sérgio Vieira de Mello<sup>14</sup>, da Universidade Federal Fluminense (UFF).

---

<sup>14</sup> A Cátedra é uma iniciativa do ACNUR, para promover educação, pesquisa e extensão acadêmica voltada à população em condição de refúgio. Contudo, ainda existe pouca inserção da Filosofia enquanto disciplina nos estudos, pesquisas e discussões acerca do refúgio, principalmente no âmbito das Cátedras no Brasil.



## 1 A METÁFORA CONCEPTUAL

### 1.1 Metáfora: considerações preliminares

A investigação acerca do tema da metáfora vem ocorrendo, com alguma sistematicidade, desde a antiguidade clássica. Quando se trata da teorização acerca da metáfora, um dos raros consensos entre estudiosos é que a metáfora “[...] representaria, em sua essência, uma transferência de sentido de um termo ‘A’ para um outro termo ‘B’”, (VEREZA, 2010, p. 200), ou seja, um transporte de sentidos. Contudo, quando se trata da natureza da transferência “[...] [se de ordens] semânticas, retóricas, cognitivas, epistemológicas e discursivas ainda são fontes de muitas controvérsias” (VEREZA, 2010, p. 200). As principais teorias da metáfora diferem entre si acerca de seu *locus* mais adequado: se é fenômeno da linguagem, do pensamento ou do discurso.

Já no século IV a.C., veem-se as primeiras discussões sobre a metáfora tendo as suas raízes na *Poética* e na *Retórica* de Aristóteles. Para o filósofo, a metáfora consiste “[...] no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia” (ARISTÓTELES, 1969, XXI, 1457b). Para Aristóteles, a metáfora se associa majoritariamente à ornamentação do discurso, e possui um caráter acessório. Os efeitos desta abordagem Aristotélica podem ser vistos até os dias atuais, quando se situam as metáforas apenas no “[...] plano estrutural da língua como figura de linguagem e não como um elemento inerente à mente” (MEDEIROS; SANTOS, 2015, p. 25).

Quando se trata da tematização da valoração através de metáforas, já aparece na *Retórica*, de Aristóteles. No livro III da *Retórica* é possível observar que Aristóteles aproxima as metáforas de epítetos na passagem acerca de Orestes, que pode ser visto como assassino de sua mãe ou, de alguma maneira, como vingador de seu pai<sup>15</sup> (ARISTÓTELES, III, 2005, 1405a). O mesmo fato pode ser narrado de formas diferentes, por diversos epítetos: “[...] também nos epítetos, é lícito aplicar coisas provindas do vil e do vergonhoso (como, por exemplo, ‘matricida’), bem como do melhor (como, por exemplo, ‘o vingador do pai’)” (ARISTÓTELES, 2005, III, 1405b). Por essas vias, Aristóteles mostra como as metáforas

---

<sup>15</sup> Oréstia é uma trilogia composta por peças Agamêmnon, Coéforas e Eumênides. A primeira mostra a volta deste personagem, pai de Orestes, da guerra de Troia; a segunda narra a volta de Orestes para vingar a morte do pai; e, a terceira parte, narra o julgamento do assassinato da própria mãe. No tribunal, analisado pela deusa Atena, há empate, isto é, metade dos votos é pela absolvição e a outra pela condenação de Orestes.

também funcionam muitas vezes vinculando valor, sem que esse processo seja explícito; atribui-se valor ao que se caracteriza metaforicamente, como, por exemplo: “[...] a Grécia gritou seu choro [...]” (ARISTÓTELES, 2005, III, 1411a). Desse modo, discursos, supostamente, descritivos na mídia sobre essas populações podem, por hipótese, estar carregados de acentos de valor, evidenciando disputas ideológicas e hierárquicas embasadas por políticas racistas e xenofóbicas. Quando se trata de populações migratórias, especificamente do refúgio, em muitos casos, uma série de crenças ligadas ao refúgio – como criminalidade, terrorismo, invasão, ilegalidade e crise (FERREIRA, 2017; LAFIANDRA, 2020; MORAIS; FERREIRA, 2021; SALEM *et al.*, 2022)<sup>16</sup> –, atuam como pano de fundo dos julgamentos, sendo que muitos desses conceitos são parcialmente estruturados por metáforas conceituais, e são usados para justificar práticas fronteiriças, pois metáforas conceituais estruturam parcialmente nosso sistema conceitual.

Para Gurgel (2014), também há outros estudos sobre a natureza das metáforas no seio de uma retórica “[...] apartada da lógica e dos estudos sobre a natureza do conhecimento [...]. De modo que são tomadas como ocorrências linguísticas parafraseáveis por meio de símiles literais” (GURGEL, 2014, p. 379). Como assevera Gurgel (2014), é possível observar essas ocorrências da metáfora em estudos (latinos) de retórica e oratória desenvolvidos, sobretudo, por Cícero e Quintiliano. Vereza (2010) demonstra, no que tange a pensar a metáfora na linguagem, que o que ficou conhecido atualmente como uma perspectiva tradicional da linguagem não possui, necessariamente, a sua gênese na tradição aristotélica de figuras, pois Aristóteles nunca propôs uma conceitualização sistemática de metáfora. Para a autora, o que pode ser considerado como algo que faria parte da visão tradicional seria seu *locus* na linguagem, e, como consequência, a visão como um “[...] recurso supérfluo da linguagem” (VEREZA, 2010, p. 202).

É importante notar que a visão da metáfora como uma figura de linguagem com função meramente ornamental, sem qualquer efeito cognitivo, é, segundo Genette (1975), resultante do processo reducionista a que a retórica foi submetida [...]. Ou seja, a retórica reduzida é a retórica tropológica (dos tropos), e é por meio dela que a metáfora também se reduz ao seu nível puramente linguístico e decorativo (como o próprio termo “figura” parece sugerir). É nesse sentido que podemos concluir que a visão tradicional de metáfora não é aristotélica: o estatuto da metáfora acompanhou o declínio da retórica, e como esta, consolidou-se, por um longo período, em sua versão reduzida (VEREZA, 2010, p. 203).

---

<sup>16</sup> Estes são alguns estudos que enfocam o cenário brasileiro.

Posteriormente, já em uma época contemporânea, século XX, tem-se movimentos de renovação da conceitualização sobre a metáfora. Cabe ressaltar, que alguns precursores deste processo foram Ivor Armstrong Richards, com a sua obra *The Philosophy of Rhetoric* (1936) – (A Filosofia da Retórica) –, e Max Black (2011), principalmente em seu artigo intitulado *Metaphor and Thought* (Metáfora e Pensamento). Segundo Gurgel (2017), Black em seu artigo, “[...] a um só tempo alinha-se com a teoria interacionista da metáfora fundada por Richards e isola essa teoria dos demais desenvolvimentos presentes em *The Philosophy of Rhetoric*” (GURGEL, 2017, p. 363). Os autores enfocam o aspecto da metáfora resultante da interação entre contextos:

A imagem está completa quando tomamos a visão interacionista desenvolvida por Richards e Black [...], é importante esclarecer o que significam quando usam expressões como “transação entre conceitos” (RICHARDS, 1936, p. 94) ou “dois pensamentos sobre coisas diferentes ativos em conjunto” (RICHARDS, 1936, p. 93) quando discutem metáforas (GURGEL, 2016, p. 168, tradução nossa)<sup>17</sup>.

Solange Vereza também discorre acerca da metáfora com o *locus* no pensamento como sendo “[...] aquela que não só surge no contexto da cognição, mas é, em si mesma, responsável por parte importante dessa mesma cognição” (VEREZA, 2010, p. 204). Tal perspectiva reitera a função da linguagem não mais como supérflua, mas como recurso cognitivo usado a partir da interação entre domínios da experiência; ou seja, a metáfora é um processo de pensamento, e não somente de linguagem (muito menos dos campos restritos da poética e da retórica). É nesse cenário, de crescente atribuição de valor cognitivo à metáfora, que surge a TMC.

Essa virada paradigmática nos estudos da metáfora (ZANOTTO et al., 2002) se deu a partir da formalização de uma teoria de base cognitivista, cujo núcleo estaria no conceito de *metáfora conceptual*, introduzido por Lakoff e Johnson (1980 [2002]; 1999). Por essa razão a teoria é conhecida como Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) (VEREZA, 2010, p. 2004, grifo do autor).

Lakoff e Johnson (2003) apresentam em sua publicação seminal, *Metaphors We Live By* (Obra que teve seu título traduzido para o português como *Metáforas da vida cotidiana*), a sua pesquisa sobre a natureza cognitiva da metáfora, e colaboram, no decorrer das décadas seguintes, com diversas áreas, como: a neurociência, a psicologia e outros. Para tal visão, as metáforas são da ordem do pensamento, aparecem na superfície da linguagem,

---

<sup>17</sup> “The picture is complete when we take the interaction view developed by Richards and Black [...], it is important to shed light on what they meant when they use expressions such as ‘transaction between contexts’ (RICHARDS, 1936, p. 94) or ‘two’ thoughts of different things active together (RICHARDS, 1936, p. 93) when discussing metaphors” (GURGEL, 2016, p. 168).

mas não são um fenômeno linguístico fundamentalmente. Para os autores, a metáfora é primeiramente cognitiva, aparecendo na linguagem enquanto afluência, expressão do pensamento. Vereza (2010) afirma que a TMC serviu como base e referência para muitos outros estudos acerca da metáfora, tendo como pressuposto de base como “[...] as expressões metafóricas encontradas na linguagem são evidências de metáforas conceituais que as licenciam” (VEREZA, 2010, p. 206).

Apresenta-se, a seguir, de forma mais detida, a TMC proposta por Lakoff e Johnson (2003, p. 3), e a sua compreensão de metáfora como “[...] recorrentes na vida cotidiana, não apenas na linguagem, mas no pensamento e na ação”. Procurar-se-á ressaltar, como faz Vereza (2013), que “[...] o deslocamento teórico do lócus da metáfora da linguagem para o pensamento [...] foi um dos principais fatores responsáveis pela grande importância e, por que não dizer, inovação, da ‘virada cognitiva’, resultante da Teoria da Metáfora Conceptual – TMC”. (VEREZA, 2013, p. 2).

## **1.2 Teoria da Metáfora Conceptual: definição de metáfora**

A metáfora tem sido estudada em vários domínios e áreas desde os tempos de Aristóteles, sendo apresentada nos estudos clássicos na forma de linguagem figurada, considerada como um ornamento do discurso e catalogada pela tropologia, fundamentalmente como recurso estilístico. Para Lakoff e Johnson (2002b), a metáfora “[...] está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação” (LAKOFF; JOHNSON, 2002b, p. 45), na constituição parcial do “sistema conceitual” do homem; age-se metaforicamente por natureza.

Portanto, os autores garantem que a metáfora não é uma espécie de recurso de linguagem que reside em dimensões específicas, como a poesia ou a retórica<sup>18</sup>, mas que se faz presente na compreensão do mundo, mesmo não verbal<sup>19</sup>. Para os autores, estudar metáfora não é examinar uma ocorrência linguística dela, mas a sua articulação, que pode, em alguns casos, nem aparecer de forma verbal, podendo ser de outra ordem. Assim, a

---

<sup>18</sup> “Metaphor is for most people a device of the poetic imagination and the rhetorical flourish – a matter of extraordinary rather than ordinary language” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 3). “A metáfora é para a maioria das pessoas um dispositivo da imaginação poética e do florescimento retórico – uma questão de linguagem extraordinária em vez de comum” (Tradução nossa).

<sup>19</sup> Dentro destas perspectivas, a metáfora era vista sempre como linguagem figurada, como mera representação da realidade, não admitindo a sua constituição no social. Somente a partir da metade do século XX, que se percebem certos rompimentos, em que tais ideias e outros pressupostos emergem a partir de um olhar para uma linguagem agora mediada pelo sujeito sócio-histórico, por sua constituição social.

questão e o foco trazidos por eles são as metáforas de fundo, que eles denominam “conceptuais”, e são a base de seu estudo.

[...] a metáfora é difundida na vida cotidiana, não apenas na linguagem, mas no pensamento e na ação. Os conceitos que regem nosso pensamento não são apenas questões do intelecto. [...] Nossos conceitos estruturam o que percebemos, como nos relacionamos com outras pessoas [...], então a maneira como pensamos, o que experimentamos e o que fazemos no dia-a-dia é muito mais uma questão de metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 3, tradução nossa)<sup>20</sup>.

De acordo com a TMC cunhada pelos autores, existe uma distinção entre metáforas linguísticas (expressões linguísticas usadas metaforicamente), e metáforas conceptuais (certos padrões conceituais que estruturam como se pensam os aspectos do mundo e da vida diária) (LAKOFF; JOHNSON, 2003). Os autores ressaltam que estas metáforas conceptuais muitas vezes não aparecem na superfície da linguagem, não sendo possível pensa-las como se fossem tropos<sup>21</sup>.

Desde Aristóteles, a ideia era a de que a metáfora fosse primeiro uma transferência de nome. A partir da perspectiva interacionista, proposta por I. A. Richards, que propunha a metáfora como uma “[...] transação entre contextos” (RICHARDS, 1936, p. 94), outros teóricos puderam, posteriormente, desenvolver os seus estudos a partir do trabalho do autor. Max Black (2011) foi um destes teóricos que corroboraram para o desenvolvimento dos estudos da metáfora.

Em seu artigo *Metaphor and Thought*, Black (2011), a partir desta noção fornecida por Richards, irá elucidar, pela primeira vez, a metáfora como tendo um valor cognitivo. Segundo Black (2011), “[...] em sua formulação mais simples, quando usamos uma metáfora, temos dois pensamentos sobre coisas diferentes, ambos ativos e sustentados por uma única palavra ou expressão, e seu significado resulta da interação entre eles”. (BLACK, 2011, p. 9). A ideia desenvolvida por Black é de que a metáfora não é somente um ornamento ou uma transferência de nome, mas é ela toda a sentença, a interação, e possui uma função própria. Tendo isso em mente, tanto para Richards (1936) quanto para Black (2011), a metáfora tem função cognitiva. A perspectiva interacionista acerca da metáfora,

<sup>20</sup> “[...] metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. The concepts that govern our thought are not just matters of the intellect. [...] Our concepts structure what we perceive, how we get around in the world, and how we relate to other people [...], then the way we think, what we experience, and what we do everyday day is very much a matter of metaphor” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 3).

<sup>21</sup> Cabe ressaltar que estas teses apresentadas por Lakoff e Johnson são contrárias à visão dos autores da tropologia, que diziam que a metáfora é somente comparação implícita, reduzindo e tirando da metáfora o seu forte valor cognitivo.

apresentada pelos autores, foi inspiradora para o desenvolvimento da TMC de Lakoff e Johnson (2003).

A definição preliminar de metáfora conceptual, apresentada por Lakoff e Johnson (2003, p. 5), propõe as metáforas conceptuais tanto como processo quanto como produto: “[...] a essência da metáfora é entender e experimentar uma determinada coisa em termos de outra” (Tradução nossa)<sup>22</sup>. Posteriormente, os autores reformulam, como ressalta Kövecses (2017), esta primeira definição para uma versão mais técnica. Para os autores, “[...] uma metáfora é um conjunto sistemático de correspondências entre dois domínios de experiência [...] para ‘correspondência’ é ‘mapeamento’”<sup>23</sup> (KÖVECSES, 2017, p. 2, tradução nossa).<sup>24</sup>

### 1.3 Metáfora: mapeamentos sistemáticos entre dois domínios

A partir da definição apresentada na seção anterior de metáfora, a proposta será realizar algumas considerações acerca do desenvolvimento das definições na TMC de Lakoff e Johnson (2003).

Os autores iniciam o capítulo 15 de sua obra *Metaphors We Live By* apresentando a discussão acerca das dimensões da experiência e as *gestalts* experienciais. Para Lakoff e Johnson (2003), há uma série de propriedades comuns, do que eles denominam de *gestalts*: “[...] o complexo de propriedades que ocorrem juntas é mais básico para nossa experiência do que sua ocorrência separada” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 71, tradução nossa)<sup>25</sup>. Para eles, é importante compreender o que significa a afirmação de que para a experiência ou o conjunto de experiências ser coerente, em virtude de ter uma estrutura, deve haver certos modos de compreender situações e lidar com os objetos que são compostos, mas que vêm em forma de unidade. A partir desta base, os autores formulam que “[...] a essência da metáfora é compreender e experimentar uma determinada coisa em termos de outro” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 5)<sup>26</sup>.

<sup>22</sup> “[...] the essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 5).

<sup>23</sup> “[...] a conceptual metaphor is a systematic set of correspondences between two domains of experience [...] for ‘correspondence’ is ‘mapping’” (KÖVECSES, 2017, p. 2).

<sup>24</sup> Cabe ressaltar que não entrar-se-á a fundo neste momento preliminar do estudo e apresentação da TMC, e no desenvolvimento da definição de metáfora conceptual. Apresentar-se-ão, nas seções seguintes, algumas considerações acerca dos pontos centrais e do desenvolvimento da TMC.

<sup>25</sup> “[...] the complex of properties occurring together is more basic to our experience than their separate occurrence” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 71).

<sup>26</sup> “[...] the essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 5).

De acordo com Lakoff e Johnson, há um modo de funcionar cognitivamente, que identifica e memoriza certas unidades básicas da cognição a partir de certas unidades experienciais, que são as *gestalts* – unidades perceptuais –, aspectos que se apresentam e podem ser decompostos, pois há formas mais elementares de percepção. A experiência perceptual giraria em torno destas *gestalts*. O importante é compreender como as metáforas estariam como uma espécie de recurso, operação cognitiva peculiar que os autores denominam de *mapping* (mapeamentos).

Para os autores, “*metaphorical mappings*” (mapeamentos metafóricos) são:

[...] moldados e limitados por nossas experiências corporais no mundo, experiências nas quais os dois domínios conceptuais estão correlacionados e estabelecem mapeamentos de um domínio para o outro. [E,] a estrutura do esquema imagético do domínio fonte é usada no raciocínio sobre analisando centenas de casos, descobrimos que a estrutura dos esquemas imagéticos parecia ser ‘preservada’ por metáforas. Ou seja, os recipientes do domínio de origem (por exemplo, armadilhas físicas) são mapeados para recipientes (por exemplo), armadilhas metafóricas, com interiores mapeados para interiores e exteriores mapeados para exteriores (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 246, 253, tradução nossa)<sup>27</sup>.

Em publicações mais recentes, os autores definem o objeto da partida de uma metáfora como “domínio-fonte” (*source domain*), e o objeto de chegada como “domínio-alvo” (*target domain*)<sup>28</sup>. Dessa forma, significaria que um “domínio-fonte”, de natureza concreta e experiencial, serviria para explicar entidades que pertenceriam a um “domínio-alvo”, com um caráter mais abstrato.

Em uma metáfora, há dois domínios: o domínio alvo, que é constituído pelo assunto imediato, e o domínio fonte, no qual ocorre um importante raciocínio metafórico e que fornece os conceitos de fonte utilizados nesse raciocínio. A linguagem metafórica tem um significado literal no domínio fonte. Além disso, um mapeamento metafórico é múltiplo, ou seja, dois ou mais elementos são mapeados para dois ou mais outros elementos. A estrutura do esquema de imagem é preservada no mapeamento – interiores de contêineres mapeados para interiores, exteriores mapeados para exteriores; fontes de movimento para fontes, metas para metas, e assim por diante (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 265, tradução nossa)<sup>29</sup>.

<sup>27</sup> “[...] shaped and constrained by our bodily experiences in the world, experiences in which the two conceptual domains are correlated and establish mappings from one domain to another. [And,] the image-schemas structure of the source domain is used in reasoning about the target domain. Moreover, by looking at hundreds of cases, we found that image-schema structure and image-schematic inferences seemed to be ‘preserved’ by metaphors. That is, source domain containers (e. g., physical traps) are mapped to containers (e. g.), metaphorical traps, with interiors mapped to interiors and exteriors mapped to exteriors” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 246, 253).

<sup>28</sup> A terminologia “domínio-fonte” e “domínio-alvo” não são usadas posteriormente pelos autores. Em seu livro *Metaphors We Live by*, edição de 2003, no *Afterword*, os autores mudam a terminologia para *source domain* e *target domain*.

<sup>29</sup> “In a metaphor, there are two domains: the target domain, which is constituted by the immediate subject matter, and the source domain, in which important metaphorical reasoning takes place and that provides the

Para os autores, as metáforas permitem compreender um domínio de experiência em termos de outro, ou seja, não acontece em termos de conceitos isolados. “É tipicamente baseado em correlações de domínios cruzados em nossa experiência, que dão origem às semelhanças percebidas entre os dois domínios dentro da metáfora” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 245, tradução nossa)<sup>30</sup>. Esse mapeamento tem a ver, portanto, com o itinerário neurofisiológico de fundo<sup>31</sup>; tal mapeamento é uma versão mais afinada à neurociência da ideia de sobreposição de domínios anteriormente proposta pelos autores. “A metáfora é um fenômeno neural. O que temos chamado de mapeamentos metafóricos parece ser realizado fisicamente como mapas neurais<sup>32</sup>” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 256, tradução nossa)<sup>33</sup>.

De acordo com os proponentes da TMC, é possível perceber vários domínios da experiência, em espécie de unidade, quando se trata, por exemplo, da compreensão e experiência de uma “conversa” por meio da experiência (mais clara em termos sensorio-motores) de “guerra”. Quando isso ocorre, compreende-se e experimenta-se a discussão (*argument*): “[...] a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 4, tradução nossa)<sup>34</sup>.

Entender uma conversa como sendo uma discussão/argumento envolve ser capaz de sobrepor a estrutura multidimensional de parte do conceito GUERRA sobre a estrutura correspondente CONVERSATION. Tais estruturas multidimensionais caracterizam os gestos experienciais, que são formas de organizar as experiências em um conjunto estruturado. Na metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, a gestalt para CONVERSAÇÃO é estruturada mais adiante por meio de correspondências com elementos selecionados da gestalt para GUERRA. Assim, uma atividade, o falar, é entendido em termos de outra, a luta física. Estruturar nossa experiência em termos de tais gestos multidimensionais é o que torna nossa experiência coerente. Vivemos uma conversa como um argumento/discussão quando a gestalt da GUERRA se

---

source concepts used in that reasoning. Metaphorical language has literal meaning in the source domain. In addition, a metaphoric mapping is multiple, that is two or more elements are mapped to two or more other elements. Image-schema structure is preserved in the mapping – interiors of containers map to interiors, exteriors map to exteriors; sources of motion to sources, goals to goals, and so on” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 265).

<sup>30</sup> “It is typically based on cross-domain correlations in our experience, which give rise to the perceived similarities between the two domains within the metaphor” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 245).

<sup>31</sup> Cabe ressaltar que Lakoff e Johnson não vão reduzir o significado e os aspectos semânticos à questão neuronal, mas os autores ficam perplexos com o fato de que a Neurociência e a Psicologia Cognitiva estavam demonstrando na época resultados a respeito do que eles estudavam ainda de maneira ensaística: o fato de que uma região se conecta a outra e se estabelece habitualmente, isso é uma marca metafórica em um sistema neurofisiológico. Para os autores não é uma questão de linguagem, é algo que vai para muitas outras esferas, como fisiológica, cognitiva, linguística, comunicacional etc.

<sup>32</sup> “The idea that metaphors can be motivated by correlation in bodily experience has given rise to the ‘neural theory of metaphor’. [...] Embodied experience results in certain neural connection between areas of the brain”. (KÖVECSES, 2015, p. 22).

<sup>33</sup> “Metaphor is a neural phenomenon. What we have referred to as metaphorical mappings appear to be realized physically as neural maps<sup>33</sup>” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 256).

<sup>34</sup> The conceptual metaphor ARGUMENT IS WAR” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 4).



encaixa em nossas percepções e ações na conversa (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 81, tradução nossa)<sup>35</sup>.

Tal aproximação do conceito de “conversa” pode ganhar outros contornos, quando metaforicamente comparado com o conceito de “guerra”, em que se diz: “discussão” (*argument*). Não é só um diálogo qualquer: é uma discussão. Cabe ressaltar que há uma sistematicidade e coerência interna da metáfora que advém desta sobreposição: “[...] envolve poder sobrepor-se” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 81, tradução nossa)<sup>36</sup>.

Lakoff e Johnson (2003) elucidam o que é acrescentado quando se sobrepõe o conceito de *war* (guerra) com o conceito de *conversation* (conversa). Os autores apresentam seis dimensões que organizam a experiência da metáfora conceitual *ARGUMENT IS WAR* (DISCUSSÃO É GUERRA). (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 80-81, tradução nossa):

*Participantes*: O tipo de participantes são pessoas ou grupos de pessoas. Eles desempenham o papel de adversários

*Partes*: As duas posições

Estratégia de planejamento

Ataque

Defesa

Retirada

Manobras

Contra-ataque

Impasse

Trégua

Rendição/vitória

*Etapas*: Condições iniciais: os participantes têm posições diferentes. Um ou ambos querem que o outro se renda. Cada participante assume que pode defender sua posição

Início: Um ataque adversário

Meio: Combinações de defesa

Manobras

Retirada

Contra-ataque

Fim: Tréguas ou paralisação ou rendição/vitória

Estado final: Paz, o vencedor tem domínio sobre o perdedor

*Sequência linear*: Retirada após o ataque

Defesa após o ataque

Contra-ataque após ataque

*Causalidade*: Ataque resulta em defesa ou contra-ataque ou recuo ou fim.

*Objetivo*: Vitória<sup>37</sup>.

<sup>35</sup> “Understanding a conversation as being an argument involves being able to superimpose the multidimensional structure of part of the concept WAR upon the corresponding structure CONVERSATION. Such multidimensional structures characterize experiential gestalts, which are ways of organizing experiences into structured wholes. In the ARGUMENT IS WAR metaphor, the gestalt for CONVERSATION is structured further by means of correspondences with selected elements of the gestalt for WAR. Thus one activity, talking, is understood in terms of another, physical fighting. Structuring our experience in terms of such multidimensional gestalts is what makes our experience coherent. We experience a conversation as an argument when the WAR gestalt fits our perceptions and actions in the conversation” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 81).

<sup>36</sup> “[...] involves being able to superimpose” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 81).

<sup>37</sup> *Participantes*: The kind of participants are people or groups of people. They play the role of adversaries

Lakoff e Johnson (2003) apresentam esta lista de pontos que fazem a “conversa” ser vista como “discussão”. Essa “discussão” se associa a elementos do conceito de guerra: “[...] duas posições ataque, defesa, contra-ataque, participantes têm posições diferentes etc. Como vimos acima, as gestalts experimentais são multi-dimensionais estruturados conjuntos” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 81)<sup>38</sup>. Para os autores, existem várias dimensões advindas do domínio-fonte e do domínio-alvo, e, se estas dimensões batem, há coerência. O conceito de “guerra” se aproxima do domínio de uma “conversa”, do “diálogo”. Dito de outro modo, “[...] o que dá coerência a esta lista de coisas que fazem de uma conversa uma discussão é que elas correspondem a elementos do conceito WAR (GUERRA)” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 80, tradução nossa)<sup>39</sup>.

Quando tal conceito de “diálogo” ganha outros contornos, os aspectos cooperativos são ocultados, o que confere relevo à perspectiva bélica (competitiva), e, a partir daí, surge então o conceito de “discussão” (*argument*). Ou seja, as suas percepções e ações correspondem, em parte, às percepções e ações de uma guerra. Dessa maneira, é possível compreender uma “discussão acalorada”, pois há uma série de expressões animadas à dinâmica de uma “guerra”. De forma mais elucidativa, a “guerra” possui parte ou momentos difíceis, e o diálogo acalorado (discussão) também.

---

*Parts:* The two positions

Planning strategy

Attack

Defense

Retreat

Maneuvering

Counterattack

Stalemate

Truce

Surrender/victory

*Stages:* Initial conditions: Participants have different positions. One or both wants the other to surrender. Each participant assumes he can defend his position

Beginning: One adversary attacks

Middle: Combinations of defense

Maneuvering

Retreat

Counterattack

End: Either truce or stalemate or surrender/victory

Final state: Peace, victor has dominance over loser

*Linear sequence:* Retreat after attack

Defense after attack

Counterattack after attack

*Causation:* Attack results in defense or counterattack or retreat or end

*Purpose:* Victory” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 80-81).

<sup>38</sup> “[...] two positions, attack, defense, counterattack, participants have different positions etc. As we saw above, experiential gestalts are multidimensional structured wholes” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 81).

<sup>39</sup> “[...] what gives coherence to this list of things that make a conversation into an argument is that they correspond to elements of the concept WAR” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 80).

Assim, classificamos experiências particulares em termos de gestos experienciais em nosso sistema conceitual. Aqui devemos distinguir entre: (1) a experiência em si, como a estruturamos, e (2) os conceitos que empregamos para estruturá-la, ou seja, os gestos multidimensionais como CONVERSAÇÃO e DISCUSSÃO. O conceito (DIZER, CONVERSAÇÃO) especifica certas dimensões naturais (por exemplo, participantes, partes, estágios, etc.) e como estas dimensões estão relacionadas. Há uma correlação, dimensão por dimensão, entre o conceito CONVERSAÇÃO e os aspectos da atividade de conversação propriamente dita. Isto é o que queremos dizer quando dizemos que um conceito se enquadra em uma experiência desta maneira que escolhemos os aspectos importantes de uma experiência (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 83, tradução nossa)<sup>40</sup>.

Os autores ressaltam que quando se tem uma experiência de “guerra”, você tem uma unidade em relação à experiência da “guerra”. Ou seja, tal experiência possui vários aspectos elementares; mas só quando se unificam e se observam os liames destes aspectos, é que se consegue ter a experiência da “guerra”. A metáfora ganha aí, então, os contornos de uma operação cognitiva fundamental, pois, procedendo assim, opera na constituição dos mais variados conceitos – muitos deles considerados inequivocamente literais. Para Lakoff e Johnson (2003), isso acontece, pois quando se está preocupado com os aspectos de batalha, perdem-se outros aspectos que podem estar presentes em uma interlocução, como, por exemplo, o esforço cooperativo.

#### **1.4 Sistematização metafórica: *highlighting*, *hiding* e *downplaying***

Quando se trata de compreender um aspecto de um conceito nos termos de outro, os autores ressaltam que existe uma sistematicidade metafórica (*metaphorical systematicity*), que irá necessariamente realçar (*highlighting*) ou encobrir (*hiding*) aspectos do conceito: “[...] ao permitir que nos concentremos em um aspecto de um conceito metafórico, pode nos impedir de nos concentrarmos em outros aspectos do conceito que são inconsistentes com essa metáfora” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 10, tradução nossa)<sup>41</sup>. Eles oferecem alguns exemplos deste processo de realçar ou encobrir aspectos do conceito, no caso de uma

---

<sup>40</sup> “Thus, we classify particular experiences in terms of experiential gestalts in our conceptual system. Here we must distinguish between: (1) the experience itself, as we structure it, and (2) the concepts that we employ in structuring it, that is, the multidimensional gestalts like CONVERSATION and ARGUMENT. The concept (SAY, CONVERSATION) specifies certain natural dimensions (e. g., participants, parts, stages etc.) and how these dimensions are related. There is a correlation, dimension by dimension, between the concept CONVERSATION and the aspects of the actual activity of conversing. This is what we mean when we say that a concept fits an experience. It is by means of conceptualizing our experience in this manner that we pick out the important aspects of an experience” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 83).

<sup>41</sup> “[...] in allowing us to focus on one aspect of a concept [...], a metaphorical concept can keep us from focusing on other aspects of the concept that are inconsistent with that metaphor” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 10).

discussão acalorada. Quando se está no meio de uma discussão (*heated argument*), a intenção é atacar a posição do oponente e defender a própria, assim pode-se perder, segundo os autores, o aspecto cooperativo da argumentação.

Os autores ressaltam que para “[...] entender o mundo e funcionar nele [...]” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 163, tradução nossa)<sup>42</sup>, precisa-se categorizar as coisas de forma que façam sentido:

[...] ao fazer uma declaração, fazemos uma escolha de categorias porque temos alguma razão para nos concentrarmos em certas propriedades e minimizar outras. Cada afirmação verdadeira, portanto, necessariamente deixa de fora o que é menosprezado ou escondido pelas categorias usadas nela (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 163, tradução nossa)<sup>43</sup>.

Sobre esse aspecto da metáfora, sob a ótica da TMC, Kövecses (2015) faz a seguinte complementação:

A base corporal universal sobre qual as metáforas universais poderiam ser construídas não pode ser utilizada da mesma forma ou na mesma medida em línguas e culturas diferentes. O foco experiencial significa que diferentes povos podem estar sintonizados com diferentes aspectos de seu funcionamento corporal em relação a um domínio metafórico alvo, ou que podem ignorar ou minimizar certos aspectos de seu funcionamento corporal em relação à conceitualização metafórica de um domínio alvo<sup>44</sup> (KÖVECSES, 2015, p. 12, tradução nossa).

Kövecses (2015) também oferece, como complementação da discussão, um exemplo quando ressalta a conceitualização de raiva (*anger*) em inglês e chinês. Segundo o autor, muitos estudos demonstraram que a correlação de *anger* com “[...] o aumento da temperatura da pele e o aumento da pressão arterial são fisiológicos universais” (KÖVECSES, 2015, p. 12)<sup>45</sup> é menos comum no chinês do que no inglês. No chinês, metáforas para “[...] a raiva parece estar baseada na pressão – sem calor”. (KÖVECSES, 2015, p. 13, tradução nossa)<sup>46</sup>. Tal exemplo indica que falantes da língua chinesa destacam um aspecto diferente de sua fisiologia na conceitualização metafórica da raiva em comparação

<sup>42</sup> “[...] understand the world and function in it [...]” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 163).

<sup>43</sup> “[...] in making a statement, we make a choice of categories because we have some reason for focusing on certain properties and downplaying others. Every true statement, therefore, necessarily leaves out what is downplayed or hidden by the categories used in it” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 163).

<sup>44</sup> “The universal bodily basis on which universal metaphors could be built may not be utilized in the same way or to the same extent in different languages and cultures. What experiential focus means is that different peoples may be attuned to different aspects of their bodily functioning in relation to a metaphorical target domain, or that they can ignore or downplay certain aspects of their bodily functioning with respect to the metaphorical conceptualization of a target domain” (KÖVECSES, 2015, p. 12).

<sup>45</sup> “[...] increase in skin temperature and rise in blood pressure are universal physiological” (KÖVECSES, 2015, p. 12).

<sup>46</sup> “[...] anger seem to be based on pressure – no heat” (KÖVECSES, 2015, p. 13).

aos falantes de inglês. Para Kövecses (2015), o ponto principal é que, em muitos casos, a universalidade do viés experiencial não conduz necessariamente a uma conceituação universalmente equivalente.

Nas descrições abaixo, é possível observar como Lakoff e Johnson (2003) elucidam o processo de *highlighting*, *downplaying* ou *hiding*. Para os autores, por exemplo, quando se convida alguém para um jantar, é possível descrever a pessoa convidada de diferentes formas:

Convidei uma loira sexy para nosso jantar.  
 Convidei uma violoncelista de renome para nosso jantar.  
 Convidei uma marxista para o nosso jantar.  
 Convidei uma lésbica para o nosso jantar<sup>47</sup>. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 163, tradução nossa).

A partir desses exemplos de edição metafórica, é possível observar que a mesma pessoa pode ser descrita de formas distintas, e alguns aspectos desta descrição serão destacados. Segundo os autores, “[...] descrever alguém que você sabe que tem todas essas propriedades como ‘loira sexy’ é minimizar o fato de que ela é uma violoncelista renomada e uma marxista e esconder seu lesbianismo” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 163, tradução nossa)<sup>48</sup>.

Sobre como se dá a sobreposição ou *mapping* (apresentado na seção anterior), espero ter deixado claro que são certos aspectos de um domínio da experiência que são projetados em outro domínio da experiência, e os que não são compatíveis são ocultados, e os que não têm coocorrência ou semelhança são ocultados ou postos em segundo plano (*to downplaying*)<sup>49</sup>.

A própria sistemática que nos permite compreender um aspecto de um conceito em termos de outro (por exemplo, compreender um aspecto de argumentação em termos de batalha) irá necessariamente esconder outros aspectos do conceito. Ao permitir que nos concentremos em um aspecto de um conceito (por exemplo, os aspectos da discussão em termos de batalha), um conceito metafórico pode nos impedir de nos concentrarmos em metáforas. Por exemplo, no meio de uma discussão acalorada, quando estamos com a intenção de atacar a posição de nosso adversário e defender a nossa própria posição, podemos perder de vista os aspectos

<sup>47</sup> I’ve invited a sexy blonde to our dinner party.

I’ve invited a renowned cellist to our dinner party.

I’ve invited a Marxist to our dinner party.

I’ve invited a lesbian to our dinner party” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 163).

<sup>48</sup> “[...] describing someone who you know has all of these properties as ‘sexy blonde’ is to downplay the fact that she is a renowned cellist and a Marxist and to hide her lesbianism” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 163).

<sup>49</sup> “To highlight certain properties is necessarily to downplay or hide others, which is what happens whenever we categorize something” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 163).

cooperativos da argumentação (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 10, tradução nossa)<sup>50</sup>.

Em suma, Lakoff e Johnson (2003) evidenciam que não é uma questão meramente de mostrar certas propriedades do objeto, mas também ocultar propriedades do objeto ou colocar em segundo plano, tendo em vista uma certa meta, ou seja, algo que se queira fazer com a metáfora. O que Lakoff e Johnson (2003) querem mostrar é que há uma correlação entre aspectos diretamente emergentes da experiência, e que servem de base para compreender o que há de mais complexo nos conceitos. Raramente encontrar-se-á como domínio-alvo (*target domain*) um conceito mais simples do que o do domínio-fonte (*source domain*), pois, em geral, o domínio-fonte (*source domain*) é mais sensório-motor que o do domínio-alvo (*target domain*).

### 1.5 *Entailments*

A metáfora, em geral, envolve, para Lakoff e Johnson (2003), uma rede de ramificações (*entailments*) que possui como eixo central a metáfora conceitual; são sistemas compostos por metáforas conceituais e suas ramificações. Os autores ressaltam que o sistema conceitual é em grande parte metafórico (*largely metaphorical*), e possui um papel central na definição da realidade cotidiana. Os conceitos são parcialmente constituídos por metáforas: “[...] nossos conceitos estruturam o que percebemos no mundo e como nos relacionamos com outras pessoas” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 3, tradução nossa)<sup>51</sup>.

As metáforas, de acordo com a TMC, são uma forma operatória basilar do pensamento; elas não são periféricas, mas constituem conceitos e suas formas literais, como “guerra” (*war*), “tempo” (*time*) e outros.

De forma elucidativa, pode-se pensar numa rede de ramificações a partir da metáfora conceptual *ARGUMENT IS WAR*. Essa metáfora é refletida na linguagem cotidiana por uma grande variedade de expressões (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 4, tradução nossa):

---

<sup>50</sup> “The very systematicity that allows us to comprehend one aspect of a concept in terms of another (e. g., comprehending an aspect of arguing in terms of battle) will necessarily hide other aspects of the concept. In allowing us to focus on one aspect of a concept (e. g., the battling aspects of arguing), a metaphorical concept can keep us from focusing on metaphor. For example, in the midst of a heated argument, when we are intent on attacking our opponent’s position and defending our own, we may lose sight of the cooperative aspects of arguing” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 10).

<sup>51</sup> “[...] our concepts structure what we perceive how we get around in the world, and how we relate to other people” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 3).

ARGUMENTO/DISCUSSÃO É GUERRA

Suas reivindicações são indefensáveis  
 Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação  
 Suas críticas estavam bem no alvo  
 Demoli seu argumento  
 Eu nunca ganhei uma discussão com ele  
 Você não concorda? Está bem, atire!  
 Se você usar essa estratégia, ele vai acabar com você  
 Ele derrubou todos os meus argumentos<sup>52</sup>.

É importante compreender que, como lembram Lakoff e Johnson (2003), não se fala apenas de discussões em termos de guerra. Pode-se ganhar (*win*) ou perder (*lose*) discussões, olhar o outro como oponente atacando ou defendendo a própria posição na discussão. Pode-se, também, planejar estratégias, ganhar terreno ou não na discussão, ou mesmo abandonar ou avançar na discussão. “Muitas das coisas que fazemos na argumentação são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra. Embora não haja batalha física, há uma batalha verbal, e a estrutura de um argumento – ataque, defesa, contra-ataque etc. – reflete isto” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 4, tradução nossa)<sup>53</sup>.

Pode-se pensar, também, no conceito de “tempo”. “Tempo” é um conceito abstrato, que a princípio é tomado como literal em boa parte de seus usos, e que, no entanto, depende de uma estruturação metafórica – parcialmente metafórica. Lakoff e Johnson (2003) ressaltam que esse conceito de “tempo” é parcialmente metafórico, e tais conceitos, como “tempo”, “guerra”, dentre outros, evidenciam a relação entre as redes metafóricas e o sistema conceitual.

Quando se trata do “tempo” (*time*), Lakoff e Johnson (2003, p. 8-9) dão alguns exemplos de como é usado esse conceito culturalmente. Em alguns casos, segundo os autores, usa-se como uma mercadoria valiosa TEMPO É DINHEIRO (*TIME IS MONEY*); em outros momentos utiliza-se como um recurso limitado para atingir objetivos TEMPO É UM RECURSO (*TIME IS A RESOURCE*), dentre outros (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 7, tradução nossa):

---

<sup>52</sup> “ARGUMENT IS WAR

Your claims are *indefensible*  
 He *attacked every weak point* in my argument  
 His criticisms were *right on target*  
 I *demolished* his argument  
 I’ve never *won* an argument with him  
 You disagree? Okay, *shoot!*  
 If you use that *strategy*, he’ll *wipe you out*  
 He *shot down* all of my arguments” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 4).

<sup>53</sup> “Many of the things we do in arguing are partially structured by the concept of war. Though there is no physical battle, there is a verbal battle, and the structure of an argument – attack, defense, counterattack, etc. – reflects this” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 4).

TEMPO É DINHEIRO  
 Você está perdendo meu tempo  
 Este gadget lhe economizará horas  
 Eu não tenho tempo para lhe dar  
 Como você passa seu tempo hoje em dia?  
 Aquele pneu furado me custou uma hora  
 Investi muito tempo para isso  
 Você está ficando sem tempo  
 Você precisa orçar seu tempo  
 Reservar algum tempo para o ping pong  
 Isso vale a pena?  
 Você ainda tem muito tempo?  
 Ele está vivendo com o tempo emprestado  
 Você não usa seu tempo de maneira lucrativa  
 Eu perdi muito tempo quando fiquei doente  
 Obrigado por seu tempo<sup>54</sup>

Das expressões listadas sob a metáfora *TIME IS MONEY*, algumas se referem especificamente ao dinheiro, como: gastar, investir, orçar, rentabilizar, custo (*spend, invest, budget, profitably, cost*); outras aos recursos limitados, como: uso, usar, tenha o suficiente, fique sem (*use, use up have enough of, run out of*); e outras às mercadorias valiosas, como tenha, dê, perca, obrigado por isso (*have, give, lose, thank you for*). Esses são exemplos da forma como implicações metafóricas (*metaphorical entailments*) podem caracterizar um sistema coerente de expressões metafóricas para o conceito de “tempo”: “[...] estamos adotando a prática de utilizar o conceito metafórico mais específico, neste caso ‘O TEMPO É DINHEIRO’ para caracterizar todo o sistema” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 9, tradução nossa)<sup>55</sup>.

Tendo isso em mente, os autores dão ênfase às experiências sensório-motoras, procurando mostrar como a compleição neurofisiológica condiciona a formação de conceitos, a partir de casos de “emergência direta”. O fato de ter sido levado à metáfora,

---

<sup>54</sup> “TIME IS MONEY

You’re *wasting* my time  
 This gadget will *save* you hours  
 I don’t *have* the time to *give* you.  
 How do you *spend* your time these days?  
 That flat tire *cost* me an hour  
 I’ve *invested* a lot of time to *spare* for that  
 You’re *running out* of time  
 You need to *budget* your time  
*Put aside* some time for ping pong  
 Is that *worth your while*?  
 Do you *have* much time *left*?  
 He’s living on *borrowed* time  
 You don’t *use* your time *profitably*  
 I *lost* a lot of time when I got sick  
*Thank you for* your time” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 7).

<sup>55</sup> “[...] we are adopting the practice of using the most specific metaphorical concept, in this case ‘TIME IS MONEY’ to characterize the entire system” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 9).



como *TIME IS MONEY* ou *ARGUMENT IS WAR*, sugere que o foco da definição está no nível dos domínios básicos da experiência, como dinheiro (*Money*) e guerra (*War*).

### 1.6 Embodiement e Image-schemes<sup>56</sup>

Asseveram Lakoff e Johnson (2003), que muitas metáforas conceptuais são baseadas em estruturas cognitivas fundamentais<sup>57</sup>, como os esquemas-imagéticos (*image-schemes*). Lakoff e Johnson (2003 [1980], 1999) definem esquemas-imagéticos como estruturas recorrentes na experiência corporal humana de todo dia; tais esquemas são uma espécie de elo fundamental da percepção e da categorização. São estruturas preconceituais e abstratas que emergem de experiências recorrentes do mundo.

Gallagher e Lindgren (2021) lembram que Lakoff e Johnson evidenciam o papel da corporificação (*embodiement*) na formação das metáforas e ao desenvolvimento de conceitos abstratos. Eles argumentam que movimentos básicos do corpo, situações espaciais, anatomia, dentre outras, contribuem para “[...] metáforas básicas que escalam até a cognição de ordem superior” (GALLAGHER; LINDGREN, 2021, p. 394, tradução nossa)<sup>58</sup>.

Os esquemas imagéticos são estruturas que se repetem em nossa experiência corporal diária. Exemplos incluem contenção, caminhos, forças, equilíbrio e as relações de cima-baixo, frente-atrás, e parte-todo. Experimentamos nosso corpo como um recipiente quando comemos; experimentamos caminhos quando caminhamos, forças quando somos empurrados, equilíbrio quando nos levantamos, e assim por diante (GALLAGHER; LINDGREN, 2021, p. 395, tradução nossa)<sup>59</sup>.

No *Afterword* (2003), de *Metaphors We Live By*, e, em sua obra *Philosophy in the Flesh* (1990), os autores demonstram o papel da corporificação na formação de metáforas que levam ao desenvolvimento de conceitos abstratos. Lakoff e Johnson inserem-se cada vez mais em um paradigma que ficou conhecido como o da “mente corporificada” (*embodied mind*).

---

<sup>56</sup> Corporificação e esquemas imagéticos (Tradução nossa).

<sup>57</sup> Cabe ressaltar que os autores apresentam outras estruturas cognitivas fundamentais, como as metáforas primárias (orientacionais) (que ocorrem por coocorrência e não por semelhança e sobreposição de dimensões – *up-down, in-out, front-back, on-off, deep-shallow, central-peripheral*). No *Afterword* (2003) de *Metaphors We Live By*, Lakoff e Johnson (2003, p. 264) ressaltam que “[...] the division of metaphors into three types – orientational, ontological, and structural – was artificial”. O foco principal nesta seção será apresentar os esquemas-imagens (*Image-schemes*).

<sup>58</sup> “[...] basic metaphors that scale up to higher-order cognition” (GALLAGHER; LINDGREN, 2021, p. 394).

<sup>59</sup> “Image-schemas are structures that recur in our everyday bodily experience. Examples include containment, paths, forces, balance, and the relations of up-down, front-back, and part-whole. We experience our body as a container when we eat; we experience paths when we walk, forces when we are pushed upon, balance when we stand upright, and so on” (GALLAGHER; LINDGREN, 2021, p. 395).

No decorrer do percurso e desenvolvimento da teoria, os autores irão discorrer acerca da mente corporificada, especialmente na obra *Philosophy in The Flesh* (1999). Eles iniciam a sua obra tentando responder à pergunta: “O que significa dizer que conceitos e razão são encarnados?” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, n. p., tradução nossa),<sup>60</sup> e no decorrer de sua escrita, vão evidenciando as suas visões sobre a mente e o entendimento acerca da razão. Para os autores, a razão não seria descorporificada, mas “[...] surge da natureza de nossos cérebros, corpos e experiência corporal” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, n. p., tradução nossa)<sup>61</sup>.

Como ressalta Kövecses (2015), na TMC, as pessoas adquirem e constroem conceitos sobre o mundo a partir de experiências corporais (*bodily experiences*). De outra forma, significa que os autores compreendem que o corpo e a mente não se separam, pois para eles o funcionamento da mente opera através de um embasamento corpóreo (LAKOFF; JOHNSON, 1990), atrelado aos aspectos culturais. “Nós experienciamos nosso corpo como um recipiente quando nos alimentamos; experimentamos trajetórias quando caminhamos; [...]” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, n. p.).

De forma elucidativa, tanto Lakoff quanto Johnson apresentam “*the image-schema of containment*” como um esquema que evidencia uma delimitação entre um interior e um exterior, ou seja, envolve movimentos de entrada e saída. Tais esquemas permitem conceituar uma série de conceitos abstratos:

Você acorda de um sono profundo e espreita de baixo da coberta para dentro de seu quarto. Você gradualmente sai de seu estupor, puxa-se para fora de baixo das cobertas, entra em seu roupão, estica seus membros e caminha em um atordoamento fora de seu quarto e para o banheiro. Você se olha no espelho e vê seu rosto olhando para você (LAKOFF, 1987, p. 30-31, tradução nossa)<sup>62</sup>.

Assim, é possível perceber como os “[...] esquemas-imagéticos carregam e transformam experiências corporais básicas e conceitos metafóricos” (GALLAGHER; LINDGREN, 2021, p. 147-148). Como exemplo elucidativo, Lakoff e Johnson (2003) evidenciam como os esquemas-imagéticos dão as bases para a formação de metáforas muito simples como *happy is up* (feliz é para cima). “O fato de o conceito HAPPY estar orientado

<sup>60</sup> “What does it mean to say that concepts and reason are embodied?” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, n. p.).

<sup>61</sup> “[...] arises from the nature of our brains, bodies and bodily experience” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, n. p.).

<sup>62</sup> “You wake *out of* a deep sleep and peer *out* from beneath the covers into your room. You gradually emerge *out of* your stupor, pull yourself *out* from under the covers, climb *into* your robe, stretch *our* your limbs, and walk *in* a daze *out of* your bedroom and *into* the bathroom. You look *in* the mirror and see your face staring *out at you*” (LAKOFF, 1987, p. 30-31).

para cima leva a expressões inglesas como ‘Eu estou me sentindo bem hoje’” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 14-15, tradução nossa)<sup>63</sup>:

FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO

Estou me sentindo bem. Isso impulsionou meu espírito. Meu espírito se elevou. Você está em alta espiritualidade. Pensar nela sempre me dá uma carona. Estou me sentindo para baixo. Estou deprimido. Ele está muito para baixo hoje em dia. Caí em uma depressão. Meu espírito afundou. Base física: a postura de queda normalmente acompanha a tristeza e a depressão, postura ereta com um estado emocional positivo.

A partir deste exemplo, percebe-se como muitos dos conceitos fundamentais usados são organizados a partir de esquemas-imagéticos polares, como: dentro-fora, cima-baixo, cheio-vazio, e não são arbitrários, mas possuem sua base em experiências corporais e culturais. “O tipo de Sistema conceitual que temos é um produto do tipo de seres que somos e da forma como interagimos com nossos ambientes físicos e culturais” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 119, tradução nossa).<sup>64</sup>

### 1.7 Críticas ao objetivismo e subjetivismo

Quando Lakoff e Johnson (2003), em *Metaphors We Live By*, fazem uma distinção entre propriedades interacionais e proposição de propriedades intrínsecas, os autores estão dentro da discussão sobre a crise do conceito do modelo clássico, organizado como representações mentais de notas essenciais e exprimíveis por definições que reúnem propriedades necessárias e suficientes que um objeto deve apresentar para pertencer a uma certa classe. Assim, quando se fala de propriedades interacionais que se fazem na própria interação do agente com o ambiente, tal ponto acaba sendo determinante para a própria concepção de realidade; eles reforçam que o que se toma como real dependerá de quais serão as interações que se farão com determinado objeto.

Os autores, no capítulo 19 de *Metaphors We Live By*, realizam uma distinção entre propriedades interacionais e intrínsecas dos objetos, e mostram que tem muito mais coisa do lado interacional do que do lado intrínseco. Boa parte do que se chama de “real” é composto por propriedades interacionais, ou seja, a questão é como cada um interage com o ambiente e como atua a cognição na edição dos estímulos a que se está sujeito

---

<sup>63</sup> “The fact that the concept HAPPY is oriented UP leads to English expressions like ‘I’m feeling *up* today’” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 14-15):

<sup>64</sup> “The kind of conceptual system we have is a product of the kind of beings we are and the way we interact with our physical and cultural environments” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 119).

Visando evitar os extremos do objetivismo e do subjetivismo, Lakoff e Johnson assumem uma posição intermediária, que chamam de experientialista. Os autores enfocam que o ponto de partida é a lida sensório-motora com o ambiente, e depois as faculdades superiores, apesar de na época de sua obra seminal não possuírem base neurocientífica suficiente para verificar minúcias desse paradigma.

Dessa maneira, sua concepção se desenvolve na direção de uma cognição corporificada (*embodied cognition*), segundo a qual o conhecimento é situado. Eles enfatizam o fato de que a cognição perceptual afeta os juízos e as categorizações. É a partir do paradigma da cognição corporificada que eles afirmam que “[...] os significados metafóricos são dados pelo mapeamento metafórico conceptual que em última instância, surgem da correlação em nossa experiência corporificada” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 247, tradução nossa)<sup>65</sup>. As categorias feitas fazem parte de experiência humana, são estruturas que diferenciam aspectos destas experiências. A categorização não é uma questão, para os autores, puramente intelectual, mas “[...] faz parte do que nossos corpos e cérebros estão constantemente engajados” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, n. p., tradução nossa)<sup>66</sup>.

Segundo os autores, a chamada “linguagem literal” está repleta de metáforas; assim, as metáforas conceptuais operam muito no registro das propriedades relacionais. Lakoff e Johnson (2003) reforçam que não acreditam em tal verdade objetiva (*objective truth*), afirmando que “[...] acreditamos que existem verdades, mas pensamos que a ideia de verdade não precisa estar ligada à visão objetivista. [...] a verdade objetiva absoluta não é apenas equivocada, mas social e politicamente perigosa” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 159, tradução nossa)<sup>67</sup>. Portanto, a verdade seria relativa a um determinado sistema conceitual, que é definido – em grande parte – por metáforas, e ainda que muitas são impostas às pessoas em posições de poder (LAKOFF; JOHNSON, 2003). No decorrer do trabalho analisam-se alguns usos de metáforas que são utilizadas por pessoas no poder. A mídia é um tipo de poder para categorizar determinadas populações refugiadas, construindo supostas verdades sobre estas populações.

Nesse sentido, analisar as expressões metafóricas recorrentes no discurso cotidiano permitiria verificar como as pessoas se apoiam em modelos de mundo concreto

---

<sup>65</sup> “[...] the metaphorical meanings are given by conceptual metaphorical mapping that ultimately arise from correlation in our embodied experience” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 247).

<sup>66</sup> “[...] it is part of what our bodies and brains are constantly engaged in”. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, n. p.).

<sup>67</sup> “We do believe that there are truths but think that the idea of truth need not be tied to the objectivist view. [...] absolute objective truth is not only mistaken but socially and politically dangerous” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 159).

para conceitualizar fenômenos abstratos; ou seja, evidencia a própria forma de pensar e agir no mundo. Para além da ênfase dada aos aspectos neurofisiológicos, dada a dimensão cognitiva da metáfora, Lakoff e Johnson (2002a) abordam a importância do fator cultural na criação e manutenção das metáforas que estruturam o pensamento humano. Vê-se, a seguir, como isso se dá.

### 1.8 Metáfora, Cultura e Política

Apesar de Lakoff e Johnson apresentarem certo determinismo em sua teoria, quando eles falam de operações e compleição neurofisiológicas, eles também levam em conta as diferenças de cultura e contexto. Os autores, em seus capítulos 21 e 23 de *Metaphor we live by*, dão alguns exemplos que servem para pensarmos a metáfora e a cultura na teoria dos autores.

No capítulo 21 eles dão o exemplo de como uma metáfora pode criar um novo significado. Eles dão um exemplo de um estudante iraniano que tinha acabado de chegar em Berkeley, e que participou em um dos seminários sobre metáfora dos autores. O estudante iraniano encontrou uma expressão que ele ouviu e “[...] entendia como uma bela metáfora sã. A expressão era “a solução dos meus problemas” – que ele tomou como um grande volume de líquido, borbulhante e fumante, contendo todos os seus problemas” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 143, tradução nossa)<sup>68</sup>. Tal metáfora oferece uma visão dos problemas como coisas que nunca desaparecem totalmente, e que não podem ser resolvidas de uma vez por todas: ou são dissolvidos em solução, ou podem estar de forma sólida. O melhor que é possível fazer é encontrar um catalisador que fará com que um problema se dissolva sem fazer com que o outro se precipite, e como não é possível um controle total da solução, sempre está encontrando problemas. “A metáfora QUÍMICA nos dá uma nova visão dos problemas humanos. É apropriada à experiência de descobrir que problemas que antes pensávamos que estavam ‘resolvidos’ aparecem repetidamente” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 144, tradução nossa)<sup>69</sup>. O estudante ficou, como informam Lakoff e Johnson (2003,

---

<sup>68</sup> “[...] understood as a beautifully sane metaphor. The expression was ‘the solution of my problems’ – which he took to be a large volume of liquid, bubbling and smoking, containing all of your problems” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 143).

<sup>69</sup> “The CHEMICAL metaphor gives us a new view of human problems. It is appropriate to the experience of finding that problems which we once thought were ‘solved’ turn up again and again” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 144).

p. 143), desiludido ao descobrir que os residentes de Berkeley não tinham essa metáfora química (*The CHEMICAL metaphor*) em mente.

Desse modo, é possível perceber que a forma interpretada pelo estudante iraniano era diferente. O estudante pensou que a metáfora “solução dos meus problemas” abriria uma visão de mundo que compreenderia os problemas como algo que fica mais líquido, contudo, não desapareceria. Depois ele constata que essa metáfora não era interpretada desta maneira, sendo possível observar como culturas diferentes têm diversas formas de entender. Desse modo, a partir desse exemplo, é possível perceber como Lakoff e Johnson (2003) levam em conta as diferenças culturais.

Muita da mudança cultural decorre da introdução de novos conceitos metafóricos e da perda dos conceitos antigos. [...] cada cultura deve definir uma realidade social dentro da qual as pessoas têm papéis que fazem sentido para elas e em termos dos quais elas podem funcionar socialmente. Não é surpreendente que a realidade social definida por uma cultura afete sua concepção da realidade física. O que é real para um indivíduo como membro de uma cultura é um produto tanto de sua realidade social quanto da forma como isso molda sua experiência do mundo físico. Como grande parte de nossa realidade social é entendida em termos metafóricos, e como nossa concepção do mundo físico é parcialmente metafórica, a metáfora desempenha um papel muito significativo na determinação do que é real para nós (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 145-146, tradução nossa)<sup>70</sup>.

No capítulo 23, Lakoff e Johnson (2003) dão o exemplo da declaração do Presidente Carter. Em suas declarações, Carter incitou a sociedade estadunidense a aderir a uma moral “equivalente a guerra (equivalent of war)” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 156) diante da crise energética do petróleo. Alcofe e Johnson ressaltam que, a partir do uso da metáfora da “guerra” (*war*), pelo Presidente, geraram-se novas formas de ver e agir na realidade, ou seja, produziu-se uma rede de ramificações (*entailments*).

Em todos os aspectos da vida, não apenas na política ou no amor, definimos nossa realidade em termos de metáforas e depois passamos a agir com base nas metáforas. Traçamos inferências, estabelecemos metas, assumimos compromissos e executamos planos, tudo com base em como estruturamos em parte nossa experiência, consciente e inconscientemente, por meio de metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 158, tradução nossa)<sup>71</sup>.

<sup>70</sup> “Much of cultural change arises from the introduction of new metaphorical concepts and the loss of old ones. [...] each culture must define a social reality within which people have roles that make sense to them and in terms of which they can function socially. Not surprisingly, the social reality defined by a culture affects its conception of physical reality. What is real for an individual as a member of a culture is a product both of his social reality and of the way in which that shapes his experience of the physical world. Since much of our social reality is understood in metaphorical terms, and since our conception of the physical world is partly metaphorical, metaphor plays a very significant role in determining what is real for us” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 145-146).

<sup>71</sup> “In all aspects of life, not just in politics or in love, we define our reality in terms of metaphors and then proceed to act on the basis of the metaphors. We draw inferences, set goals, make commitments, and execute

A metáfora da “guerra”, segundo Lakoff e Johnson (2003, p. 156-157), destacou (*highlighted*) certas realidades e escondeu (*hid*) outras. Para os autores, se olhar para a realidade a partir da metáfora da “guerra”, cria-se uma rede de implicações metafóricas, como: certa ideia de inimigo, uma ameaça à segurança nacional ou mesmo uma certa exigência em estabelecer uma nova cadeia de comando, novas estratégias, mobilizar forças, impor sanções etc. A metáfora não era apenas uma forma de ver a realidade, mas constituía uma licença para mudança de política e atuação econômica:

A própria aceitação da metáfora forneceu fundamentos para certas inferências: havia um inimigo externo, estrangeiro e hostil [...]; a energia precisava ser dada prioridade máxima; a população teria que fazer sacrifícios; se não encontrássemos a ameaça, não sobreviveríamos. É importante perceber que esta não era a única metáfora disponível. A metáfora da GUERRA de Carter tomou por certo nosso conceito atual do que é ENERGIA e se concentrou em como conseguir o suficiente. [...] seja na política nacional ou na interação cotidiana, as pessoas no poder podem impor suas metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 156-157, tradução nossa)<sup>72</sup>.

A questão é, como observam Lakoff e Johnson (2003, p. 158), se você não vê os árabes como inimigos externos, se não vê ameaça externa, se não reconhece nenhum campo de batalha, nenhum alvo, nenhuma força concorrente claramente definida, então esta declaração dada pelo Presidente é falsa. Mas, se você aceita a realidade como definida pela metáfora, no caso do exemplo do Presidente Carter, em que se vê a crise energética como uma guerra, então poderia se dizer de fato que ele teria ganho uma grande batalha:

Se Carter, por meio de sanções políticas e econômicas estrategicamente empregadas, obrigasse as nações da OPEP<sup>73</sup> a cortar o preço do petróleo pela metade, então você diria que ele teria de fato ganho uma grande batalha. Se, por outro lado, suas estratégias tivessem produzido apenas um congelamento temporário de preços você não poderia ter tanta certeza e poderia ser cético. [...] Na maioria dos casos, o que está em questão não é verdade ou a falsidade de uma metáfora, mas as percepções e inferências que se seguem e as ações que são sancionadas por ela (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 158, tradução nossa)<sup>74</sup>.

---

plans, all on the basis of how we in part structure our experience, consciously and unconsciously, by means of metaphor” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 158).

<sup>72</sup> “The very acceptance of the metaphor provided grounds for certain inferences: there was external, foreign, hostile enemy [...]; energy needed to be given top priorities; the populace would have to make sacrifices; if we didn’t meet the threat, we would not survive. It is important to realize that this was not the only metaphor available. Carter’s WAR metaphor took for granted our current concept of what ENERGY is and focused on how to get enough of it. [...] whether in national politics or in everyday interaction, people in power get to impose their metaphors” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 156-157).

<sup>73</sup> A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) é um organismo internacional que administra os assuntos relacionados à política petrolífera mundial.

<sup>74</sup> “If Carter, by means of strategically employed political and economic sanctions, forced the OPEC nations to cut the price of oil in half, then you would say that he would indeed have won major battle. If, on the other hand, his strategies had produced only a temporary price freeze, you couldn’t be so sure and might be skeptical. [...] In most cases, what is at issue is not the truth or falsity of a metaphor but the perceptions and inferences that follow from it and the actions that are sanctioned by it” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 158).

Neste exemplo, o Presidente Carter coloca os árabes fornecedores de petróleo como inimigos. E essa metáfora do inimigo serve, segundo os autores, para regular a sua política interna econômica. Assim, é possível perceber como as metáforas podem licenciar ou interditar certas posições políticas e formas de ação política; como são usadas para sancionar certas ações. No *Afterword* da obra *Metaphor We Live By*, Lakoff e Johnson (2003), quando discutem sobre as aplicações da TMC, eles ressaltam que as áreas de mais importância para a aplicação da TMC têm sido nas áreas do direito, política e social. Para eles, “[...] a metáfora é assim uma poderosa ferramenta legal que tem efeitos ao longo de nossa vida social”. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 268, tradução nossa)<sup>75</sup>.

Os autores discutem metáfora e política (LAKOFF; JOHNSON, [1980] 2003; LAKOFF, 1991, 1996, 1999) enfocando como as metáforas podem ser usadas para orientar posicionamentos políticos, e é nestes momentos que eles mais se aproximam da discussão de valor nas metáforas, mesmo que de forma indireta. Cabe ressaltar que Lakoff e Johnson não discutem explicitamente a questão do valor. Contudo, é possível ampliar essa discussão acerca da metáfora para a discussão dos acentos de valor em discursos políticos e suas consequências nas ações. É o que será feito mais adiante.

No ensaio de Lakoff, *Metaphor and War* (1991), o autor realiza uma análise de metáforas usadas pelo governo dos Estados Unidos da América (EUA) para persuadir a população em relação à realização ou não da operação militar conduzida pelos EUA na Guerra do Golfo<sup>76</sup>:

As metáforas podem matar. O discurso sobre se ir para a guerra no golfo era um panorama de metáforas. O Secretário de Estado Baker viu Saddam Hussein como “sentado na linha de vida de nossa economia”. O Presidente Bush o retratou como tenho um “estrangulamento” em nossa economia. O General Schwarzkopf caracterizou a ocupação do Kuwait como um “estupro” que estava em andamento. O Presidente disse que os EUA estavam no abismo para “proteger os inocentes”, e que tínhamos que “empurrar Saddam Hussein de volta”. Saddam Hussein foi pintado como um Hitler. É vital, literalmente vital, entender o papel que o pensamento metafórico desempenhou para nos trazer nesta guerra (LAKOFF, 1991, p. 25, tradução nossa)<sup>77</sup>.

<sup>75</sup> “[...] metaphor is thus a powerful legal tool that has effects throughout our social lives” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 268).

<sup>76</sup> A Guerra do Golfo foi, resumidamente, um conflito que aconteceu no Oriente Médio (1990-1991). O conflito teve início com uma agressão do Iraque contra o Kuwait e, posteriormente, se tornou um conflito internacional, quando forças lideradas pelos EUA conduziram uma operação militar que derrotou os iraquianos e restaurou a soberania ao Kuwait.

<sup>77</sup> “Metaphors can kill. The discourse over whether to go to war in the gulf was a panorama of metaphor. Secretary of State Baker saw Saddam Hussein as ‘sitting on our economy lifeline’. President Bush portrayed him as having a ‘stranglehold’ on our economy. General Schwarzkopf characterized the occupation of Kuwait as a ‘rape’ that was ongoing. The President said that the US was in the gulf to ‘protect freedom, protect our future, and protect the innocent’, and that we had to ‘push Saddam Hussein back’. Saddam Hussein was



Lakoff (1991) evidencia, a partir do trecho acima, o papel das metáforas conceituais no planejamento da política externa, e ressalta como as metáforas usadas dentro do governo dos EUA, para conceituar a situação política e econômica no Iraque e no Kuwait, esconderam sistematicamente as mais terríveis consequências dessa guerra.

O autor, em *Moral Politics* (1996), também analisa as visões de mundo político dos conservadores e progressistas na América. Ele procura entender por que as visões de ambos sobre aborto, pena de morte, tributação, meio ambiente e arte se encaixam em duas estruturas opostas. O autor mostra como esse sistema moral de fundo une vários tipos de progressistas, e qual seria a base moral geral por trás das políticas progressistas e conservadoras:

[...] uma divisão entre duas formas de entender o mundo. Na política, essa divisão é chamada de conservadora versus progressista (ou liberal). Mas a divisão política, como veremos, é muito mais profunda do que isso. É uma divisão entre o rigor e a nutrição como ideias em todos os níveis – da família à moralidade, à religião e, em última instância, à política (LAKOFF, 1996, p. ix-x, tradução nossa)<sup>78</sup>.

Tais exemplos também servem como pano de fundo elucidativo para pensarmos o contexto do refúgio, principalmente para o estudo do uso de metáforas presentes em discursos midiáticos e políticos sobre essas populações. Para os autores, “[...] o pensamento metafórico, por si só, não é bom nem mau; é simplesmente comum e inescapável”. (LAKOFF, 1991, n. p., tradução nossa)<sup>79</sup>. Em razão disso, enfoca-se a importância de compreender o papel do contexto neste uso das metáforas. Kövecses (2005) trabalha tal relação entre cultura e metáfora, os efeitos da cultura, e chega a discutir valor quando realiza a sua crítica e complementação à TMC. Mas, também reforça como Lakoff e Johnson se voltam muito para o aspecto cognitivo, e não levam em conta aspectos linguísticos e comunicacionais. “As ‘imagens’ que diferentes línguas e culturas empregam podem ser extremamente diversas” (KÖVECSES, 2005, p. 3, tradução nossa)<sup>80</sup>.

Para Vereza (2016), na perspectiva mais clássica da TMC, observa-se uma certa negligência aos aspectos do funcionamento da metáfora no âmbito discursivo, e ressalta

---

painted as a Hitler. It is vital, literally vital, to understand just what role metaphorical thought played in bringing us in this war” (LAKOFF, 1991, p. 25).

<sup>78</sup> “[...] a division between two ways of understanding the world. In politics, this division is called conservative *versus* progressive (or liberal). But the political division, as we shall see, runs much deeper than that. It is a moral division [...]. The political division is personal [...]. The conservative/ liberal division is ultimately a division between strictness and nurturance as ideals at all levels – from the family to morality to religion and, ultimately, to politics” (LAKOFF, 1996, p. ix-x).

<sup>79</sup> “[...] metaphorical thought, in itself, is neither good nor bad; it is simply commonplace and inescapable” (LAKOFF, 1991, n. p.).

<sup>80</sup> “The ‘images’ different languages and cultures employ can be extremely diverse” (KÖVECSES, 2005, p. 3).

como o contexto sociocultural influencia aspectos ideológicos, principalmente em discursos políticos:

[...] o contexto sociocultural [...], acolhe tanto aspectos culturais quanto ideológicos, se é que se pode distinguir esses dois aspectos com alguma precisão. De qualquer forma, a dimensão mais nitidamente ideológica da metáfora, principalmente no que se refere à presença de linguagem metafórica em discursos políticos (o que seria, no senso comum, conceitual e operacionalmente mais ideológico do que cultural) foi objeto de várias pesquisas que vêm formando, em seu conjunto uma área já conhecida como Teoria Crítica da metáfora (CHARTERIS-BLACK, 2004; MUSSOLF, 2004; GOATLY, 2007; UNDERHILL, 2013). (VEREZA, 2016, p. 21).

Seguindo nessa direção, vale a pena perpassar, no próximo capítulo, algumas críticas e olhares à TMC. O intuito é ressaltar algumas críticas realizadas por Zoltan Kövecses (2005) e alguns aspectos de sua ênfase no contexto. Pois, o autor sublinha, sobretudo, o modo como a TMC não explora suficientemente o papel do contexto no estabelecimento e interpretação de metáfora. E, a partir das considerações realizadas por Solange Vereza em relação aos aspectos do funcionamento da metáfora no âmbito discursivo, enfocam-se algumas ideias centrais acerca das metáforas conceituais e das metáforas situadas, pois servirão de base teórica para a análise no último capítulo.

Com propósito de ampliar os horizontes de possibilidades para pensar a valoração das metáforas e o seu uso, apresentam-se algumas ideias de Philip Eubanks. O autor faz uma teoria em cima da teoria de Lakoff e Johnson para evidenciar o licenciamento e interdição de ações mediante metáforas; discutindo ideologia a partir de histórias de licenciamento, e, como forma de ampliar a análise, são consideradas algumas importantes observações feitas por Bakhtin (e seu Círculo), a respeito dos acentos de valor<sup>81</sup>.

---

<sup>81</sup> Cabe ressaltar que compreendem-se as distintas perspectivas e ideias que embasam cada um destes teóricos. Contudo, o intuito neste estudo foi se utilizar, de forma, estratégica de alguns conceitos e discussões elaboradas pelos autores no esforço de contribuir como arcabouço teórico para a análise no último capítulo acerca das metáforas e do papel do valor.

## 2 METÁFORA E VALOR: algumas críticas e considerações

Tendo em vista a discussão realizada até agora, a respeito do arcabouço teórico da TMC, neste segundo capítulo o propósito é ressaltar alguns pontos relevantes para o entendimento de metáfora e valor neste estudo, realizando algumas considerações<sup>82</sup> e críticas sobre a TMC, bem como formas de ampliação para a análise proposta acerca do valor em metáforas no contexto do refúgio.

### 2.1 Kövecses: contexto

Em um primeiro momento, é relevante ressaltar algumas considerações acerca da TMC e, como esta, segundo Zoltan Kövecses, não explora suficientemente o papel do contexto no estabelecimento e interpretação de metáfora. Quando se trata principalmente do contexto do refúgio, é necessário levar em conta o papel do contexto e suas implicações para o uso de metáforas sobre fluxos migratórios forçados.

Zoltán Kövecses (2005), em sua obra *Where Metaphors Come From*, dispara já no prefácio algumas críticas contra a TMC de Lakoff e Johnson, principalmente em relação ao foco dos autores na cognição. Para o autor, tal ideia parece que coloca a comunicação e conceitualização por meio de metáforas como resultante de um conjunto preexistente de metáforas primárias e esquemas-imagéticos diretamente emergentes de nossa compleição sensorio-motora, que dariam origem a um conjunto preexistente de significados metafóricos para o uso. Contudo, Kövecses reforça que a produção e compreensão das proferimentos, ou seja, a construção do sentido, é sempre influenciada por aspectos conceituais em vários níveis, e emerge também em um contexto mais amplo:

O contexto maior envolve além do orador e do destinatário, as circunstâncias sob as quais a fala é feita (incluindo quem se comunica, com quem, quando, onde), as circunstâncias da ação da qual a fala faz parte (as intenções e outros estados mentais que fornecem a motivação para fazer a fala, ou seja, que respondem à questão de por que a comunicação acontece), bem como o conhecimento de fundo ligado ao tópico de comunicação (ou seja, responder à questão de “sobre o quê”). Estes estão representados em nosso sistema conceitual na forma de uma variedade de estruturas mentais (KÖVECSES, 2005, p. x, tradução nossa)<sup>83</sup>.

<sup>82</sup> Cabe ressaltar que há diversas discussões, estudos e perspectivas que abordam a questão da metáfora ou do valor. Entretanto, a intenção neste segundo capítulo não é dá conta de sua “totalidade”, que escapa também por si próprio às pretensas totalidades, mas adentrar horizontes de possibilidades para compreender a relação entre metáfora, valor e refúgio.

<sup>83</sup> “The larger context involves, in addition to the speaker and addressee, the circumstances under which the utterance is made (including who communicates, with, whom, when, where), the circumstances of the action of which the utterance is a part (the intentions and other mental states that provide the motivation for making

O contexto para Kövecses (2005) nunca é predeterminado, as relevâncias são determinadas de acordo com diversos fatores, como temperamentos dos agentes, suas visões de mundo, seus objetivos imediatos e de longo prazo. O contexto não é objetivamente existente: ele deve ser criado no decorrer do processo comunicativo. O significado é dependente da construção do contexto, ou seja, “[...] mesmo a mesma afirmação formal pode ter significados muito diferentes em contextos diferentes” (KÖVECSES, 2005, p. x, tradução nossa)<sup>84</sup>. Assim, a construção do significado é um processo dinâmico e criativo que resulta também da interação de fatores contextuais considerados relevantes. Assim, o autor ressalta que a TMC ainda sofre, em geral, de uma falta de integração do contexto no seu modelo metafórico, e reforça o papel crucial na produção e compreensão das metáforas no mundo real (*in the real world*).

O argumento principal do autor é que não é possível dar conta do uso da metáfora sem levar a sério a dependência da mente metafórica (*metaphorical mind*) no ambiente físico, social e mental. Para Kövecses, o ambiente circundante consiste no contexto situacional e no contexto linguístico ou *cotext*<sup>85</sup>. Diz ele: “[...] em outras palavras, considero a encarnação da metáfora como uma característica contextual, que é uma reinterpretação da base corporal da metáfora” (KÖVECSES, 2005, p. xi, tradução nossa)<sup>86</sup>. Desse modo, o autor sugere que o sistema conceitual produza simultaneamente metáforas e partes dele funcionem como contexto para essa produção. Ele denomina esta parte como *conceptual-cognitive context*.

As operações cognitivas em nossa produção produzem um sistema conceitual particular informado por e baseado em encarnação. Mas os sistemas conceituais emergem também como resultado de fatores contextuais. Tanto as operações

---

the utterance, i.e., that respond to the question of why communication takes place), as well as the background knowledge attaching to the topic of communication (i. e., answering the question of ‘about what’). These are represented in our conceptual system in the form of a variety of mental structures” (KÖVECSES, 2005, p. x).

<sup>84</sup> “[...] even the formally same utterance may have very different meanings in different contexts” (KÖVECSES, 2005, p. x).

<sup>85</sup> “The contextual factors that are most commonly distinguished in the literature fall into two large groups: linguistic and nonlinguistic. The linguistic factors are often referred to as ‘cotext’, and it seems to be the clearer type. It is the discourse that surrounds (mostly precedes) the use of a particular metaphorical expression. The term that is used to denote the nonlinguistic factors is simply ‘context’. However, the term context is often used for both types of factors, linguistic and nonlinguistic, that influence the production and comprehension of metaphors. I use the term context in this more general sense” (KÖVECSES, 2005, p. 2). “Os fatores contextuais que mais se distinguem na literatura se dividem em dois grandes grupos: linguístico e não linguístico. Os fatores linguísticos são frequentemente referidos como ‘cotextos’, e parece ser o tipo mais claro. É o discurso que envolve (em sua maioria precede) o uso de uma expressão metafórica particular. O termo usado para denotar os fatores não linguísticos é simplesmente ‘contexto’. Entretanto, o termo contexto é frequentemente usado para ambos os tipos de fatores, linguístico e não linguístico, que influenciam a produção e compreensão de metáforas. Eu uso o termo contexto neste sentido mais geral” (KÖVECSES, 2005, p. 2, tradução nossa).

<sup>86</sup> “[...] in other words, I consider the embodiment of metaphor as a contextual feature, which is a reinterpretation of the bodily basis of metaphor” (KÖVECSES, 2005, p. xi).

cognitivas quanto os sistemas conceituais funcionam sob a pressão de uma vasta gama de fatores contextuais. Simplificando, as operações cognitivas e os sistemas conceituais resultantes funcionam em contexto. O sistema conceitual e o contexto no qual ele emerge estão em contínua interação. Como o sistema conceitual é influenciado pelo contexto, ele muda, e como resultado desta mudança, é este sistema conceitual modificado que é usado na próxima aplicação do sistema (KÖVECSES, 2005, p. 49, tradução nossa)<sup>87</sup>.

O autor reforça a forte dependência do sistema conceitual metafórico do discurso situacional, do corpo e dos contextos cognitivos-conceituais. Kövecses (2005) demonstra o efeito do contexto, e como pode modificar o significado de uma expressão metafórica a partir do exemplo da metáfora, “Minha esposa é uma âncora” (*My wife is an anchor*), colhido do trabalho de Ritchie (2004, p. 278). Para Kövecses, “âncora” (*anchor*) é um exemplo que Ritchie denomina de “metáfora ambígua” (*ambiguous metaphor*), pois, para ele, a interpretação de tal metáfora muda com as alterações no contexto em que são utilizadas. Segundo ele, é possível interpretar *anchor* como algo associado à ideia de segurança, “[...] com contentamento e falta de preocupações na vida atual do orador” (KÖVECSES, 2005, p. 7, tradução nossa)<sup>88</sup>, ou, de forma oposta, associado a uma ideia de confinamento, detenção ou prisão. Kövecses (2005) reforça que as diferenças na interpretação resultam do processamento da metáfora no contexto da informação atualmente ativada. Desse modo, Kövecses (2005) reforça a sua crítica à TMC, principalmente trazendo a sua contribuição para repensar a importância do contexto nas discussões sobre metáfora.

Nas seções seguintes deste capítulo, e, como o intuito nesta dissertação é mostrar como certos discursos metafóricos apresentam a questão do refúgio de maneira elogiosa ou degradante, ofensiva, injuriosa, realizam-se algumas considerações acerca do arcabouço teórico central deste estudo, que é a TMC, também a partir da crítica de Solange Vereza, a partir da perspectiva cognitivo-discursiva da metáfora acerca do funcionamento da metáfora, e, enveredar-se-á por uma ampliação da discussão a partir da discussão do licenciamento e interdição de ações pelas metáforas (Eubanks) e do valor, utilizando o Círculo de Bakhtin.

Tendo em vista que essas discussões não estão presentes de forma explícita no trabalho de Lakoff e Johnson, pode-se reorientar a discussão para contemplar aspectos

---

<sup>87</sup> “The cognitive operations at our produce a particular conceptual system informed by and based on embodiment. But conceptual systems emerge as a result of contextual factors as well. Both the cognitive operations and the conceptual systems function under the pressure of a vast range of contextual factors. Simply put, the cognitive operations and the resulting conceptual systems function in context. The conceptual system and the context in which it emerges are in continuous interaction. As the conceptual system is influenced by the context, it changes, and as a result of this change, it is this modified conceptual system that is used in the next application of the system” (KÖVECSES, 2005, p. 49).

<sup>88</sup> “[...] with contentment and lack of worries in the speaker’s current life” (KÖVECSES, 2005, p. 7).

retóricos da metáfora. Apesar de Lakoff e Johnson não darem ênfase à teoria do valor e o Círculo de Bakhtin não tocar na discussão sobre a cognição, e muito menos levar em conta resultados da neurociência (tal exigência seria um anacronismo), entende-se que o estabelecimento de um diálogo entre essas teorias pode contribuir para compreender e analisar aspectos da metáfora importantes para a análise no contexto do refúgio. Procedendo assim, lograr-se-á não apenas um exame do papel cognitivo da metáfora e descritivo, mas também uma explanação sobre a sua força retórica.

## 2.2 Cognição e discurso: considerações acerca das metáforas situadas

No intuito de compreender e analisar a natureza dos enunciados metafóricos feitos no contexto de debates sobre a questão do refúgio, cabe algumas considerações acerca da perspectiva cognitivo-discursiva sobre as metáforas conceptuais e as metáforas situadas. Nesse momento do estudo, o intuito é combinar a perspectiva cognitiva com a perspectiva do discurso<sup>89</sup> sobre metáforas para contribuir com *insights* relevantes sobre a forma como as dimensões cognitivas e discursivas da metáfora interagem.

Traz Vereza (2021), que dentro de uma perspectiva cognitivo-discursiva, “[...] argumenta-se que estes dois níveis são articulados, de forma coerente e sistemática, em linguagem figurativa em uso” (VEREZA, 2021, p. 375). Diversos fatores culturais parecem estar em jogo quando se trata do uso da linguagem figurativa. A autora reforça como o compromisso de encontrar metáforas conceptuais subjacentes nas pesquisas de metáforas recentes parecem desencadear algumas análises aparentemente enganosas. Para Vereza (2013), uma das primeiras críticas levantadas à TMC foi dirigida à “[...] circularidade de exemplos ‘inventados’ por muitos pesquisadores para comprovar a existência de determinadas metáforas conceptuais” (VEREZA, 2013, p. 3).

---

<sup>89</sup> Esta abordagem, segundo Vereza (2013, p. 2-3), “[...] se insere no contexto dos estudos recentes da metáfora que formam, em seu conjunto, o que se pode pensar como a ‘virada discursiva’ dentro do paradigma sociocognitivista da pesquisa em metáfora. [...] Nesse sentido, a utilização de corpora autênticos trouxe novo fôlego à pesquisa em metáfora, introduzindo o que podemos pensar como a primeira fase da ‘virada cognitivo-discursiva’, característica dos estudos que, em seu conjunto, pretendem ir além da teoria contemporânea da metáfora. Já a segunda fase dessa virada tem como foco não apenas o uso de corpora autênticos, mas também o estudo da metáfora no processo de significação do discurso online, em pleno acontecimento”. Cabe ressaltar, que a primeira fase, segundo a autora, procurava revelar metáforas subjacentes às cenas culturais e que se apoiam em corpora de linguagem em uso, portanto, adquirem uma dimensão discursiva. Nesse sentido, Vereza reforça que a metáfora estaria inserida na dimensão do sistema conceptual socialmente compartilhado. Contudo, investigar cenas culturais não parecia ter satisfeito os críticos da TMC, que questionavam o excessivo foco colocado no sistema conceptual, em detrimento dos aspectos discursivos da metáfora em uso.

Tendo tais considerações como ponto de partida, Vereza (2021) apresenta, a partir de um exemplo, alguns pontos relevantes para compreender a distinção entre estes dois níveis teóricos: as metáforas conceptuais e as situadas. A autora elucida a partir do exemplo de um episódio envolvendo o uso da linguagem figurativa que havia acontecido em um consultório de dentista durante uma consulta. Ao examinar um dente dolorido, o dentista fez o seguinte comentário: “Eu posso ver que seu dente está se movendo; ele está sambando. Na verdade, seu dente está dançando o fado!” (VEREZA, 2021, p. 375, tradução nossa)<sup>90</sup>. Para a autora, neste exemplo é possível perceber os fatores contextuais culturais do uso do verbo “sambar” para se referir ao movimento do dente. É um uso figurativo, tendo em mente que dentes não dançam.

Tal mapeamento do movimento corporal típico da dança do samba sobre o deslocamento do dente parece ser, segundo a autora, interpretada como um gesto empático para invocar os antecedentes culturais do próprio contexto do paciente, ou mesmo receber outras interpretações. Como elucidado antes por Kövecses (2005), é necessário compreender os aspectos conceituais em vários níveis, e a construção de sentido a partir do entendimento do contexto, pois dependem da construção de diferentes contextos.

O relevante neste exemplo é o uso das dimensões contextuais, culturais e pragmáticas da metáfora em uso, e a complexidade de inferir metáforas conceptuais baseadas em metáforas locais que, como observa Vereza (2021), podem “[...] ser inferidas a partir da expressão linguística metafórica identificada, não constituem necessariamente metáforas conceptuais”<sup>91</sup> (VEREZA, 2021, p. 376, tradução nossa). Para a autora, a partir deste exemplo pode-se observar uma tentativa e uso errôneo de interpretações da noção de metáfora conceptual e do papel que ela desempenha no sistema conceitual como um todo. É importante compreender o papel que a metáfora desempenha na construção do significado no discurso, bem como o papel do discurso na construção do significado metafórico.

Conforme Vereza (2021), essa tendência de pesquisa pode ser caracterizada como a recente “volta cognitivo-discursiva” nos estudos de metáfora a partir de uma crítica à TMC, que vê as metáforas como estruturas conceituais estáticas altamente convencionais (KÖVECSES, 2010), sem dar maior ênfase também para o contexto. Dessa forma, segundo a autora, a tendência recente para a dimensão contextual da metáfora em uso procurou

---

<sup>90</sup> “I can see your tooth is moving; it is *sambing*. In fact, your tooth is *dancing the fado!*” (VEREZA, 2021, p. 375).

<sup>91</sup> “[...] be inferred from the identified metaphoric linguistic expression, do not necessarily constitute conceptual metaphors” (VEREZA, 2021, p. 376).

estabelecer uma articulação sistemática entre os níveis conceituais e linguísticos/discursivos da metáfora em uso. A partir desta crítica são necessárias algumas considerações acerca da distinção entre metáforas locais ou situadas e metáforas conceituais.

De acordo com a autora, por um lado há um nível teórico das representações *off-line*, como das metáforas conceituais, “[...] quadros, e modelos cognitivos idealizados” e, por outro lado, um nível de utilização de conceptualizações *on-line*, são locais e dependentes do contexto, chamadas metáforas situadas (VEREZA, 2021, p. 377, tradução nossa)<sup>92</sup>. Para Vereza (2021, p. 378), as metáforas situadas pertencem à dimensão comunicativa da linguagem figurativa em uso, já que são fenômenos pertinentes a um evento discursivo específico; são usadas deliberadamente<sup>93</sup>. Como reforça a autora, “[...] por ‘deliberado’, no caso de metáforas situadas, significa que o uso da linguagem figurativa é o foco de uma estratégia metalinguística ou metadiscursiva, que constrói o objeto do discurso com referência a outro domínio de experiência (o domínio fonte)<sup>94</sup>” (VEREZA, 2021, p. 379, tradução nossa).

Posto de outra forma, é necessário compreender como as metáforas situadas (deliberadas) não são vistas somente como expressões linguísticas de uma estrutura metafórica, mas também como uma questão de comunicação. Uma comunicação que se dá entre usuários de línguas, e a partir de contextos culturais específicos. A autora elucida como exemplo a metáfora situada “as palavras podem ferir” (*words can hurt*). Para Vereza, tal metáfora é desenvolvida textualmente através de um mapeamento local, e, também, podem estar implícitas:

Aquí, a metáfora situada “as palavras podem ferir” não é explícita no formato canônico A=B, mas são de alguma forma cognitivas e discursivamente pressupostas, e podem, portanto, ser inferidas a partir de sua implicação proposicional local: se as palavras são armas, elas podem ferir, [...] as metáforas situadas são claramente deliberadas, desempenhando uma função argumentativa tecendo um ponto de vista particular a respeito do efeito potencialmente agressivo e/ou curativo da linguagem: [...] o doente [...] da agressão ou cura. [...]. As metáforas situadas são ao mesmo tempo deliberadas e cognitivas, mas, com

<sup>92</sup> “[...] frames, and idealized cognitive models” e, por outro lado, um nível de utilização de conceptualizações *on-line*, locais e dependentes do contexto, denominado de metáforas situadas (VEREZA, 2021, p. 377).

<sup>93</sup> Assevera Vereza (2021), até que ponto uma metáfora pode ser considerada “deliberada” tem sido objeto de debate entre estudiosos das metáforas. Tendo em vista, que para este estudo o intuito não é adentrar detalhadamente nestas discussões, mas focar a distinção entre o nível da metáfora conceptual e situada, para pensar em discursos sobre o refúgio, recomenda-se, para maior entendimento da discussão acerca da própria existência de metáforas deliberadas, trabalhos de Gibbs (2011), Steen (2011), Musolff (2011) e Mujagic e Berberovic (2019).

<sup>94</sup> “[...] by ‘deliberate’, in the case of situated metaphors, it is meant that the use of figurative language is the focus of a metalinguistic or meta discursive strategy, which constructs the object of discourse with reference to another domain of experience (the source domain)” (VEREZA, 2021, p. 379).



referência a este último aspecto, elas não são cognitivas da mesma forma que as metáforas conceptuais (VEREZA, 2021, p. 380-382, tradução nossa)<sup>95</sup>.

Isto posto, as principais características que diferenciam as metáforas situadas das metáforas conceptuais, são, como pontua Vereza (2021), que as primeiras são locais e dependentes de contexto/texto. Ou seja, ao contrário das metáforas conceptuais, são subjacentes a um evento comunicativo particular no qual a linguagem metafórica desempenha um papel. As metáforas situadas são deliberadas, não precisam ser textual, verbal ou visualmente explícitas, mas podem ser inferidas a partir de mapas locais, como, por exemplo, *words can hurt*. E, ao contrário das metáforas conceptuais, têm uma clara função retórica, pois conduzem, através de mapeamentos locais, um ponto de vista particular. Segundo a autora, as metáforas situadas<sup>96</sup> entrelaçam-se, portanto, aos níveis cognitivos e discursivos da metáfora.

Como exemplo elucidativo, Vereza (2021) traz também um exemplo de metáfora situada: “o trabalho é água” (*The work is water*). (VEREZA, 2021, p. 387). Ressalta a autora, que os dois domínios *work* e *water* pertencem a diferentes categorias de experiência. O exemplo foi tirado de um artigo publicado no jornal *New York Times* em 2019, como forma de desenvolver um ponto de vista particular sobre o efeito avassalador do trabalho excessivo. Alguns mapeamentos construídos local e textualmente neste exemplo dado pela autora, acabam sendo interpretados para servir ao propósito comunicativo. No artigo, tal ponto de vista é observado nos mapeamentos entre o domínio-alvo (*Work*) e do domínio-fonte (*Water*), como, por exemplo: a partir das sentenças o domínio-fonte (*water*) “se espalha e flui para preencher espaços” (*spreads and flows to fill spaces*).

Vereza (2021) ressalta como é projetado para o domínio-alvo: “[...] trabalho – difícil de administrar e proteger os anúncios contra (*work – hard to manage ad protect against*)” (VEREZA, 2021, p. 388), outro exemplo do domínio-fonte “[...] água – pode corroer e desestabilizar ambientes ou estruturas sonoras” (*water – it can erode and destabilize sound environments or structures*). Desse modo, interpreta-se, por exemplo, o domínio-alvo

<sup>95</sup> “Here, the situated metaphor *words are weapons* is not explicit in the canonical format A=B, but it is somehow cognitive and discursively presupposed, and can, therefore, be inferred from its local propositional entailment: if words are weapons, they can hurt. [...] the situated metaphors are clearly deliberate, performing an argumentative function by weaving a particular point of view concerning the potential aggressive and/or healing effect of language: [...] the sufferer [...] of the aggression or healing. [...] Situated metaphors are at the same time deliberate and cognitive, but, with reference to the latter aspect, they are not cognitive in the same way conceptual metaphors are” (VEREZA, 2021, p. 380, 381, 382).

<sup>96</sup> Cabe ressaltar que, para Vereza (2021), a noção de metáfora situada surgiu do crescente mal-estar dos pesquisadores de metáforas em relação ao que foi sentido como sendo a inadequação da TMC para explicar os aspectos mais dinâmicos da metáfora em uso.

(*work*) como “[...] pode corroer e desestabilizar nossas vidas” (*it can erode and destabilize our lives*). Assim, a autora ressalta como “[...] os elementos do domínio fonte (água) da metáfora situada, que são destacados através dos mapeamentos locais, são aqueles que se relacionam com as seguintes qualidades físicas da água” (VEREZA, 2021, p. 388, tradução nossa)<sup>97</sup>. Isso é, como: permeação, pressão, erosão, entre outros.

Os mapeamentos apresentados neste exemplo servem com propósito comunicativo de apresentar um ponto de vista particular sobre o trabalho, como perigo excessivo e que causa pressão. Assim, as metáforas situadas sempre direcionam o processo de construção de sentido. Mas a autora reforça que não se pode ignorar o papel de instâncias mais estáveis, e que metáforas conceituais parecem ser evocadas em mapeamentos locais. Vereza (2021) apresenta metáforas conceituais subjacentes à metáfora situada “trabalho é água” (*work is water*), como:

- ESTRUTURA SOCIAL É A ESTRUTURA FÍSICA;
  - O TEMPO É UM RECIPIENTE;
  - AS ATIVIDADES HUMANAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS;
  - A VIDA É UM RECIPIENTE; A DIFICULDADE É PRESSÃO/FORÇA/PESO;
  - OS PROBLEMAS HUMANOS/SOCIAIS SÃO DESASTRES NATURAIS<sup>98</sup>.
- (VEREZA, 2021, p. 388).

Contudo, as metáforas conceituais e os esquemas apresentados acima não são específicos para vários eventos comunicativos particulares. Mas, “[...] em atos comunicativos específicos, por outro lado, representam a dimensão conceitual mais estável da metáfora em uso, entrelaçando-se com metáforas situadas e mapeamentos locais” (VEREZA, 2021, p. 389, tradução nossa)<sup>99</sup>. Assim, cabe ressaltar que a TMC destacou a força cognitiva (virada cognitiva), a natureza corporificada e cultural da metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1990, 2003), bem como o papel e relevância do contexto (KÖVECSES, 2015, 2017), como apresentado na seção anterior, nas análises das metáforas. Mas, como ressalta Vereza (2021), ao pensar de modo integrado, baseando-se nos níveis mais estáveis e episódicos da metáfora em uso, é possível revelar pelo menos em parte o significado dos processos de construção envolvidos nas metáforas em uso.

<sup>97</sup> “[...] the elements of the source domain (water) of the situated metaphor, which are highlighted through the local mappings are those which relate to the following physical qualities of water” (VEREZA, 2021, p. 388).

<sup>98</sup> “– SOCIAL STRUCTURE IS PHYSICAL STRUCTURE;  
– TIME IS A CONTAINER;  
– HUMAN ACTIVITIES ARE PHYSICAL ENTITIES;  
– LIFE IS A CONTAINER; DIFFICULTY IS PRESSURE/FORCE/WEIGHT;  
– HUMAN/SOCIAL PROBLEMS ARE NATURAL DISASTERS” (VEREZA, 2021, p. 388).

<sup>99</sup> “[...] in specific communicative acts, on the other hand, they represent the stabler conceptual dimension of metaphor in use, interweaving with situated metaphors and local mappings” (VEREZA, 2021, p. 389).

Posto de outro modo, compreender a complexidade envolvida na identificação e análise das metáforas conceptuais, ou seja, uma abordagem que reflete uma articulação entre dimensões *on-line* e *off-line* da metáfora é necessária, pois em certas situações as metáforas conceptuais não podem ser identificadas como “conceptuais”, quando a metáfora está desempenhando uma função particular dentro de um evento comunicativo específico.

A noção de metáfora situada aqui apresentada tem um potencial de, quando usada na análise de metáforas, produzir *insights* relevantes sobre a forma como as dimensões cognitivas e discursivas da metáfora interagem (VEREZA, 2021), principalmente quando se pensa na complexidade dos contextos do refúgio e no uso de metáforas acerca de tais populações.

Levando em consideração estas críticas acerca da TMC, a intenção neste momento do trabalho não é adentrar detalhadamente na ampla discussão acerca da metáfora situada, mas apresentar pontos relevantes para a análise no capítulo adiante. Desse modo, é possível analisar os níveis mais estáveis, ou *off-line*, com representações mentais como metáforas conceptuais, mapeamentos conceptuais, visões de mundo compartilhadas e ideologias, bem como níveis episódicos, ou *on-line*, com mapeamentos locais, pontos de vista específicos desenvolvidos em eventos comunicativos particulares.

### **2.3 Como certas metáforas licenciam e interditam ações?**

Outra questão relevante para este trabalho, e que perpassa o debate acerca das metáforas, é como metáforas podem licenciar e interditar ações. A relação entre os aspectos socioculturais da metáfora conceptual é, segundo Philip Eubanks (2002), o aspecto de “[...] maior força da teoria cognitiva da metáfora” (EUBANKS, 2002, p. 25). É a partir desta ligação entre o cognitivo e a cultura, com o compromisso ideológico implícito no uso das metáforas, que se pode pensar em como as metáforas podem licenciar e interditar ações.

Tendo em mente que Lakoff e Johnson não exploram muito tal ponto, a intenção nesta seção será trazer alguns pontos importantes do pensamento de Eubanks para pensar como certas metáforas licenciam e interditam ações. Será fundamental compreender como as metáforas podem valorar e interditar ações no contexto do refúgio. O foco nesta seção será realizar algumas considerações que servirão de base para a análise em discursos midiáticos e políticos no terceiro capítulo desta dissertação. Nesse momento, o importante é perpassar alguns pontos elucidados pelo autor.

Para resumir, Eubanks (2000), em sua obra “A War of Words in The Discourse of Trade”, ressalta como a teoria da metáfora conceptual afirma três coisas fundamentais. Para o autor, a base para compreender as metáforas apresentada por Lakoff e Johnson foi o que o atraiu para o estudo nesta área. Dessa forma, o primeiro ponto fundamental ressaltado por Eubanks (2000), é como a maioria das metáforas são consideradas “[...] instâncias de estruturas cognitivas maiores chamadas metáforas conceptuais<sup>100</sup>” (EUBANKS, 2000, p. ix, tradução nossa)<sup>101</sup>. Acerca do segundo ponto fundamental para o autor, é quando se observa que metáforas específicas são suportadas e limitadas por metáforas conceptuais, e se é forçado a observar que as metáforas literárias e cotidianas funcionam de forma muito semelhante. Por fim, o terceiro ponto ressaltado pelo autor é que as metáforas conceptuais têm consequências culturais, mais especificamente, “[...] as metáforas conceptuais não descrevem vividamente apenas nossa experiência do mundo; elas ajudam a fazer de nossa experiência do mundo o que ela é<sup>102</sup>” (EUBANKS, 2000, p. ix-x, tradução nossa).

Eubanks (2000) enfoca as influências retóricas e discursivas que suportam os processos de mapeamento metafórico. Com isso, o autor quer ressaltar que as metáforas são sempre proferidas por falantes situados historicamente e culturalmente, e os mapeamentos metafóricos são subordinados aos “[...] compromissos políticos, filosóficos, sociais e individuais dos falantes”<sup>103</sup> (EUBANKS, 1999, p. 419, tradução nossa). Eubanks (1999, p. 419) enfoca, a partir de sua pesquisa com grupos focais, como compromissos ideológicos são frequentemente expressos e podem ser constituídos também como histórias. O autor ressalta como metáforas e mapeamentos metafóricos podem ser guiados por “histórias de licenciamento” (*licensing stories*). Histórias de licenciamento são:

[...] nosso repertório de narrativas ideologicamente inflexíveis, curtas e longas, individuais e culturais, que organizam nosso senso de como o mundo funciona e como o mundo deve funcionar. Ou seja, nossas histórias de composição de mundo nos dão a licença – fornecem a justificativa necessária para considerar possíveis mapeamentos metafóricos como sólidos (EUBANKS, 1999, p. 426, tradução nossa)<sup>104</sup>.

---

<sup>100</sup> “[...] most metaphors are instances of larger cognitive structures called conceptual metaphors” (EUBANKS, 2000, p. ix).

<sup>101</sup> Cabe ressaltar, que apresentam-se, detidamente, alguns dos principais conceitos da TMC no primeiro capítulo desta dissertação.

<sup>102</sup> “[...] more specifically, conceptual metaphors do not just vividly describe our experience of the world; they help to make our experience of the world what it is” (EUBANKS, 2000, p. ix-x).

<sup>103</sup> “[...] to the speakers’ political, philosophical, social, and individual commitments” (EUBANKS, 1999, p. 419).

<sup>104</sup> “[...] our repertoire of ideologically inflected narratives, short and long, individual and cultural, that organize our sense of how the world works and how the world should work. That is to say, our world-making stories give us the license – provide the requisite justification – needed to regard possible metaphoric mappings as sound” (EUBANKS, 1999, p. 426).

Segundo Eubanks (1999, p. 421), muitos teóricos têm evidenciado a gênese cultural das metáforas e como estas se combinam para estruturar o pensamento social. Para ele, é a partir desta linha de pensamento que se pode examinar como as metáforas conceptuais operam concretamente no mundo comunicativo. As metáforas não são, como na visão aristotélica, em e por si mesmas, “aptas ou inaptas”. É a partir do aspecto cultural das metáforas que é possível investigar a sua “aptidão” (*aptness*), como no exemplo dado por Lakoff e Johnson acerca da metáfora “DISCUSSÃO É GUERRA” – “*ARGUMENT IS WAR*”. Nesta metáfora conceptual, Eubanks (1999) reforça que não são revelados só os processos mentais, mas também algo da cultura:

O que conta como discussão? Quem pode contá-lo? Quem está discutindo e com quem? Se argumento é guerra, que tipo de argumento, e com que tipo de guerra? Uma vez feitas estas e uma série de outras perguntas, também temos que perguntar se um aparente endosso cultural a DISCUSSÃO É GUERRA pode ser irônico, astuto, ambivalente, fluido ou contestado. As respostas a este tipo de perguntas complicarão nossa compreensão da metáfora conceitual de maneiras cruciais – e nos levarão a ver a interrelação fundamental entre a aptidão metafórica como fenômeno cultural e o mapeamento como fenômeno cognitivo<sup>105</sup>. (EUBANKS, 1999, p. 421-422, tradução nossa).

Posto de outra forma, o autor quer argumentar que as metáforas são baseadas em metáforas conceptuais cognitivas e culturalmente enraizadas, ou seja, são inseparáveis das circunstâncias em que são pronunciadas, sempre refletem convenções discursivas e compromissos ideológicos. Como exemplo, Eubanks analisa a metáfora conceptual “*TRADE IS WAR*” (COMÉRCIO É GUERRA) usada em muitos discursos, reportagens, notícias e outras vias midiáticas. Um dos exemplos fornecidos do uso desta metáfora foi a fala do presidente do Archer Daniels Midland, Dwayne Andreas, acerca do lema informal da sua empresa: “[...] o competidor é nosso amigo; o cliente é nosso inimigo” (EUBANKS, 1999, p. 422, tradução nossa)<sup>106</sup>.

Neste trecho, quando Andreas usa esses termos, ele endossa a metáfora “*TRADE IS WAR*”, não violando o uso convencional da metáfora da GUERRA. A metáfora da GUERRA muitas vezes é usada no contexto dos negócios para expressar uma visão de

<sup>105</sup> “What counts as argument? Who gets to count it? Who is arguing, and with whom? If argument is war, what kind of argument, and what kind of war? Once we ask these and a host of other questions, we also have to ask whether or not an apparent cultural endorsement of ARGUMENT IS WAR might be ironic, cunning, ambivalent, fluid or contested. Answers to these kinds of questions will complicate our understanding of conceptual metaphor in crucial ways – and they will lead us to see the fundamental interrelation between metaphorical aptness as a cultural phenomenon and mapping as a cognitive phenomenon” (EUBANKS, 1999, p. 421-422).

<sup>106</sup> “The competitor is our friend; the customer is our enemy” (EUBANKS, 1999, p. 422).

competitividade. No entanto, segundo Eubanks (1999), “[...] a maneira de Andreas de endossar a metáfora contradiz os compromissos ideológicos que o COMÉRCIO É GUERRA convencionalmente implica nas discussões comerciais. Afinal de contas, o peticionário não deveria ser o inimigo?”<sup>107</sup>, <sup>108</sup> (EUBANKS, 1999, p. 423, tradução nossa). Eubanks quer reforçar como Andreas endossa convencionalmente a metáfora conceptual “*TRADE IS WAR*”, em geral. A presença dessa metáfora para Eubanks pode indicar um consenso cultural, mas a natureza deste consenso não é óbvia. Para compreender a metáfora conceptual é necessário entender o grau de apoio de oradores, a influência dos compromissos individuais e culturais, e os padrões normativos que caracterizam o uso em determinado contexto. Não mapearam-se as metáforas conceptuais da mesma forma, podendo não compartilhar os mesmos compromissos políticos, filosóficos e econômicos; podendo valorar de maneiras diversas, dependendo de ideologias.

Para Eubanks, é necessário compreender o papel da ideologia no uso das metáforas. Com este intuito, ele conduziu vários grupos focais para explorar as maneiras e o que os participantes acharam das metáforas econômicas. Nestes grupos, o autor pôde perceber que os participantes acharam as metáforas aptas quando se referiam às histórias de licenciamento, ou seja, o modo que os participantes inferiam acerca das metáforas e o seu uso era distorcido ideologicamente. Eles consideraram como anedotas, histórias pessoais e fictícias. Mas, em cada discussão, a história de licenciamento expressava, conforme Eubanks (1999), os compromissos do participante, sejam políticos, filosóficos, sociais ou pessoais. Os participantes usavam histórias de licenciamento juntamente com várias táticas de mapeamento para determinar a aptidão de uma metáfora, colocar em evidência as suas dimensões sociais e discursivas. A adequação de qualquer mapeamento em particular dependia da inclinação ideológica do participante, ou seja, os participantes avaliavam os mapeamentos possíveis da metáfora conceptual à luz de seus compromissos ideológicos revelados. Posto de outra forma, para Eubanks (1999), as histórias de licenciamento exerceram uma influência sobre os mapeamentos metafóricos.

---

<sup>107</sup> “Andreas – cuja empresa admitiu recentemente a fixação de preços – é convencional no mapeamento de ações agressivas e dirigidas para o exterior. Mas quando ele chama o cliente de inimigo, ele aponta essa ação na direção errada para o exterior”. (EUBANKS, 1999, p. 423-424, tradução nossa). “Andreas – whose company recently admitted to price fixing – is conventional in mapping outwardly directed, aggressive action. But when he calls the customer the enemy, he points that action in the wrong outward Direction” (EUBANKS, 1999, p. 423-424).

<sup>108</sup> “Andreas’s way of endorsing the metaphor contradicts the ideological commitments that *TRADE IS WAR* conventionally entails in business discussions. After all, isn’t the competitor supposed to be the enemy?” (EUBANKS, 1999, p. 423).

Um dos exemplos ressaltados pelo autor é acerca de mapeamentos de qualidades psicológicas expresso no trecho “como se ela fosse uma rocha”. para significar que alguém é confiável – “ela é confiável”. Para Eubanks (1999), quando se mapeiam qualidades psicológicas, os mapeamentos são licenciados tanto por histórias individuais quanto por histórias culturais. Para ele, quando se diz “ela é uma rocha”, significa que “ela é confiável”, e, essa “confiabilidade” das características diz de um repertório de histórias que constituem a confiabilidade. Assim, este repertório que constitui a confiabilidade incluiria histórias de pessoas que ajudam em tempos de crise, que chegam a tempo, que mantêm um equilíbrio emocional diante dos problemas etc.

No que concerne à metáfora “*TRADE IS WAR*” (COMÉRCIO/NEGÓCIO É GUERRA), o autor evidencia como um dos participantes (Peter – um universitário) observou características de competitividade tanto nos negócios quanto no combate: “[...] acho que isso é absolutamente verdade porque nos negócios você está competindo contra as pessoas [...], e, é uma batalha basicamente feroz” (EUBANKS, 1999, p. 427, tradução nossa)<sup>109</sup>. Para o autor, Peter inseriu em sua explicação entendimentos culturais, pois equipara “combate” a “batalha”, e enquadra a competição empresarial como um combate pessoal, ou seja, coloca o trabalhador contra trabalhador, ou mesmo coloca empresas contra empresas (concorrência entre empresas). Essa competição, para Peter, é feroz.

Eubanks (1999) também ressaltou que a história de Peter incorporou uma série de mapeamentos concomitantes de esquemas-imagéticos, pois falou de uma “luta entre pessoas”, “subir na empresa”, o “auge” do sucesso. Estas metáforas de verticalidade se misturam com as metáforas de guerra, pois a vitória pode ser pensada como “vertical”. Tendo isso em mente, observa-se uma valoração nos exemplos do universitário. Eubanks (1999) sublinha como, a partir da fala do Peter, se observa como o mundo funciona para ele, uma noção de mundo foi observada a partir de uma avaliação que foi expressa em breves frases narrativas e em palavras-chave que indexavam histórias de negócios padrão. “Ele descobriu que os negócios são para combater, porque nos negócios nós estamos competindo uns com os outros, e é uma luta entre as pessoas – você sabe, nos negócios para ter sucesso e subir [...]”. (EUBANKS, 1999, p. 428, tradução nossa)<sup>110</sup>. Assim, Eubanks (1999) evidencia as histórias de licenciamento do universitário Peter e a sua visão das circunstâncias da metáfora.

<sup>109</sup> “I think that one is absolutely true because in business you’re competing against people [...] and it’s basically a fierce battle” (EUBANKS, 1999, p. 427).

<sup>110</sup> “He found business is combat true because in business you’re competing against people, people inside of a business are competing against each other, and it is a struggle between people – you know, in business to succeed and get higher in the business” (EUBANKS, 1999, p. 428).

Em outras palavras, as histórias representavam a percepção ideologicamente inflexível do indivíduo sobre a natureza do domínio-alvo e do domínio-fonte.

Eubanks deriva diversas outras análises a partir das discussões nos grupos focais. Contudo, para fins desta dissertação, é suficiente a evidenciação da importância das histórias de licenciamento para a compreensão e avaliação da metáfora. Uma parte considerável do conhecimento humano é baseado em histórias construídas em torno de experiências passadas, novas experiências intercaladas em termos de histórias antigas, e como são contadas aos outros – guiando a compreensão de mundo. “Nós construímos o mundo, pelo menos em parte, através de histórias” (EUBANKS, 1999, p. 437, tradução nossa)<sup>111</sup>. Para Eubanks (1999), metáforas não estão livres de ideologia, e se pode pensar, também, não estão livres de valorações e acentos de valor.

#### **2.4 Acentos de Valor e o Círculo de Bakhtin**

Com o propósito de analisar a natureza dos enunciados metafóricos feitos no contexto de debates sobre a questão do refúgio, sob a perspectiva das relações dialógicas, nesta seção, consideram-se obras do Círculo de Bakhtin. O objetivo é compreender como os acentos de valor estão presentes de forma implícita em discursos da mídia e políticos acerca de fluxos migratórios forçados, (principalmente estabelecendo estruturas hierárquicas e ideologicamente enviesadas<sup>112</sup>).

As concepções teóricas introduzidas pelo Círculo de Bakhtin têm gerado várias contribuições em inúmeras áreas, tanto para os estudos da Linguística quanto para outros campos de estudo, como a Filosofia. O Círculo de Bakhtin era composto por profissionais de várias áreas, como: biólogos, filósofos, professores etc. Como ressalta Faraco (2009), os principais representantes das ideias do Círculo eram Mikhail Bakhtin, Valentin Voloshinov e Pavel Medvedev.

Concentra-se em apresentar, neste momento do estudo, alguns conceitos centrais dos autores do Círculo, e as suas discussões que servirão de ferramenta. O intuito é valer-se deste arcabouço teórico, juntamente com a TMC e alguns olhares e críticas apresentados anteriormente, para a análise proposta dos jogos semânticos envolvendo o tema do refúgio

---

<sup>111</sup> “We construct the world, at least in part, through stories” (EUBANKS, 1999, p. 437).

<sup>112</sup> Segundo Faraco (2009, p. 46), “ideologia” é o nome dado pelo Círculo, para designar o “[...] universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais [...] a pluralidade de esferas da produção imaterial”.



encontrados na mídia, e em discursos políticos de atores internacionais. Cabe ressaltar que o Círculo de Bakhtin traz uma perspectiva dialética<sup>113</sup> da linguagem de cunho marxista, que contrasta com a abordagem reinante na filosofia da linguagem anglófona. Segundo Ribeiro (2018) a preocupação do Círculo seria pensar um estudo da linguagem que tivesse como foco a interação verbal e que não reduzisse a língua a uma mera ferramenta. Ou seja, que não fosse deslocada de sua realidade social e de relações dialógicas.

A filosofia pensada pelo Círculo de Bakhtin pretende, conforme Faraco (2009), viabilizar-se como uma fenomenologia do mundo. Ou seja, “[...] o mesmo mundo quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos [...] constituídas dos nossos atos” (FARACO, 2009, p. 21). Um dos grandes fundamentos do projeto filosófico de Bakhtin, portanto, é a axiologia, uma vez que, como ressalta Faraco (2017), na visão destes pensadores russos que compunham o Círculo, a teoria do ser enquanto ser, ou seja, a ontologia, “[...] não poderia ser o fundamento porque o ser não é dado (ente primário), mas só é dado na relação; não precede nem define a relação, mas é definido pela relação. Decorre daí o primado da alteridade na filosofia bakhtiniana” (FARACO, 2017, p. 48). Assim, é possível ressaltar a presença constitutiva do outro, do olhar do outro, na linguagem.

Deste modo, para Voloshínov (1990), a fala e a enunciação estão indissociáveis das estruturas sociais, e implicam “[...] conflitos, relações de dominação, adaptação ou resistência à hierarquia ou utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder” (VOLOSHÍNOV, 1990, p. 14). É neste encontro com um outro – seus valores, cultura e crenças – que podemos compreender os fatores que guiam nossa compreensão de mundo. Eubanks (1999), de certa forma, ressalta este encontro ao discutir como uma parte considerável do conhecimento humano é construído em torno de histórias passadas, novas experiências intercaladas em termos de histórias antigas, e como são contadas aos outros, guiando nossa compreensão de mundo. Assim, é possível compreender, conforme apresentado por Voloshínov (1990), a palavra é a “[...] arena onde se confrontam os valores” (VOLOSHÍNOV, 1990, p. 14).

Os contextos não se encontram lado a lado, como se não percebessem um ao outro, mas estão em estado de interação e embate tenso e ininterrupto. Essa alteração da ênfase valorativa da palavra em diferentes contextos é totalmente ignorada pela

---

<sup>113</sup> Ressalta-se que utilizar-se-á da ideia da disputa dialética para mostrar como metáforas podem dar acentos de valor em discursos sobre refugiados, a partir da aplicação do arcabouço teórico nos casos apresentados no capítulo de análise dos exemplos colhidos.

linguística e não encontra nenhuma expressão na doutrina da unidade da significação (VOLOSHÍNOV, 2018, p. 197)<sup>114</sup>.

Deste modo, utilizar-se-ão alguns conceitos e obras do Círculo de Bakhtin para elucidar as considerações e análises posteriores sobre os discursos sobre refugiados, como a obra *Marxismo e Filosofia da linguagem*, escrita no fim da década de 1920. Ressalta-se que esta obra foi publicada sob o nome do então amigo de Bakhtin e membro do Círculo, Valentin N. Voloshínov<sup>115</sup>, mas que estudos posteriores afirmam ser de autoria do próprio Bakhtin (com possíveis colaborações de Voloshínov). Diante disso, a proposta desta seção será ressaltar o caráter agonístico da linguagem e a heteroglossia, que constituem as relações sociais, visando elucidar os casos em que os acentos de valor são empregados em lugares-comuns (*topoi*), hierarquizações e metáforas em discursos acerca destas populações em situação de refúgio.

Em *Dialogic Imagination* (1983), Bakhtin define heteroglossia como interação de múltiplas perspectivas individuais e sociais. Para o autor, até mesmo a forma que se expressa está marcada por intenções e pelo contexto. Segundo Bailey (2012), Bakhtin cunhou o termo *Raznorechie*, em russo, especificamente para se referir à variedade intra-língua dentro do russo, variedades com implicações sociais e políticas concorrentes. Para Barros (2001, p. 30), o termo é às vezes traduzido como “[...] a pluridiscursividade” (plurivocidade) social dos tipos de fala, pelos tradutores brasileiros, ou, em outras vezes como “heteroglossia” pelos tradutores franceses. “Heteroglossia” ou “plurivocidade” são “[...] termos utilizados por Bakhtin para designar a realidade heterogênea da linguagem quando vista pelo ângulo da multiplicidade de línguas sociais” (FARACO, 2009, p. 77). Ele insiste na questão da variação linguística, funcional, discursiva, facetas da heteroglossia ou pluridiscursividade. O termo diz respeito, sobretudo, à irreduzibilidade das vozes sociais umas às outras, e possui como foco as tensões e lutas sociais e políticas inerentes à linguagem.

Nesse sentido, “[...] o conhecimento [...] se valida por um duplo embate – um no plano do factual [...] e outro no plano do axiológico [...]. A heterogeneidade verbo-axiológica

---

<sup>114</sup> A originalidade deste arcabouço teórico reside no fato de que os autores do Círculo adentram a questão do significado e da comunicação a partir dos conflitos normativos e barganhas de significado, e não dos pressupostos de compartilhamento (marca das escolas anglófonas de filosofia e mesmo da linguística francófona).

<sup>115</sup> Não focar-se-á nos detalhes e episódios desta discussão. Ressalta-se que diante do uso desta obra no presente projeto, usar-se-á como terminologia para referenciar as citações da seguinte maneira: Voloshínov (1990). Assim, no corpo do texto usar-se-á a referência do autor da obra, nas referências bibliográficas no final do trabalho.

e sua dialogização constituem o grande móvel da dinâmica cultural em todas as suas dimensões” (FARACO, 2017, p. 51).

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Valentin N. Voloshínov<sup>116</sup> (2018) se opõe à abordagem sincrônica da linguagem proposta pelo estruturalismo francês, posicionando-a na base daquilo que chama de “objetivismo abstrato”: “[...] a palavra está sempre repleta de conteúdo e significação ideológica ou cotidiana [...]”, ou seja, “[...] a enunciação é de natureza social” (VOLOSHÍNOV, 2018, p. 181). Desta maneira, pode-se inferir que a oposição do filósofo russo não só à linguística tradicional, mas a toda uma tradição que se ocupa muito de formalizações, e negligencia o caráter fundamentalmente dialógico da linguagem: “[...] nem só um sistema abstrato, nem só expressão individual” (FARACO, 2009, p. 136).

Para Voloshínov (2018), a língua é um sistema de signos histórico, que possibilita antes de representar o mundo, interagir com o mundo e com os outros. Dessa forma, aprender esta língua não é só aprender as palavras que a compõem, mas também os seus significados carregados de ideologia<sup>117</sup>, o modo pelo qual as pessoas de um determinado meio social entendem a realidade. O discurso seria, então, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais de uma sociedade. Para Voloshínov (2018), “[...] a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (VOLOSHÍNOV, 2018, p. 34

Bakhtin (2010b), em seu ensaio *O Discurso no Romance*, discute sobre estratificação social e ideológica da linguagem, e toma o romance como um exemplo desta estratificação. Segundo o autor, o contexto social concreto, no qual o discurso do romance foi construído, ressoa dentro deste mesmo discurso, compreendido como uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente. O autor trabalha nesta obra problemas estilísticos do discurso literário questionando certas concepções homogêneas e neutras de língua.

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição socioideológica

<sup>116</sup> Ressalta-se que esta obra foi publicada sob o nome do então amigo de Bakhtin, Valentin N. Voloshínov. Não focar-se-á nos detalhes e episódios desta discussão. Usar-se-á como terminologia para referenciar as citações da seguinte maneira: (VOLOSHÍNOV, 2018). Assim, no corpo do texto, será usada a referência do autor da obra.

<sup>117</sup> Voloshínov (2018) ressalta que todo signo ideológico é determinado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social, ou seja, em cada etapa do desenvolvimento social existe um conjunto “[...] específico e limitado de objetos que, ao chamarem a atenção da sociedade, recebem uma ênfase valorativa” (VOLOSHÍNOV, 2018, p. 110).

diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos da sua época (BAKHTIN, 2010b, p. 106).

Em *Questões de literatura e de estética* (1988, p. 73), Bakhtin ressalta como no discurso romanesco se articula a fala de uma multiplicidade de vozes. Para ele, o romance é um fenômeno plurilinguístico, pluriestilístico e plurivocal, um campo de batalha, onde vozes sociais se articulam com linguagens sociais de diferentes tons, diferentes estilos, convergindo para organizar uma originalidade estilística do todo. Para o autor, o romance está aberto à atualização das linguagens sociais e à incorporação de várias visões de mundo.

O plurilinguismo ao penetrar no romance é evidentemente submetido a uma elaboração literária. Assim todas as vozes que se fazem ouvir no discurso romanesco são (ou devem ser) respeitadas enquanto vozes sociais e históricas, portadoras de posturas socioideológicas que não coincidem com as do autor, mas são orquestradas por ele. Estas várias vozes se organizam no texto em diferentes unidades composicionais que vão desde a narrativa direta e literária do autor em todas as suas variedades, à estilização, via narrador, de diversas formas da narrativa oral [...], ou à estilização das várias formas de narrativa escrita, como a biografia, a falsa biografia, e muitos outros, aos gêneros intercalados (cartas, poesias etc.), aos discursos das personagens estilisticamente individualizadas (BERNARDI, 2001, p. 44-45).

Desse modo, cada uma destas modalidades apresentadas pelo autor poderá admitir, na sua própria linguagem, uma variedade de vozes sociais de diferentes que convergem para um sistema literário em que o autor orchestra de forma harmoniosa toda esta multiplicidade. Por essa perspectiva bakhtiniana, autorar é “[...] orientar-se na atmosfera heteroglóssica; é assumir uma posição estratégica [...] é trabalhar nas fronteiras” (FARACO, 2009, p. 87). Uma vez estabelecida a relação constitutiva entre ideologia e signo/linguagem, é possível compreender a dimensão axiológica/valorativa dos discursos. Cada enunciado apresenta sempre uma dimensão avaliativa e um posicionamento social; assim, todo enunciado é sempre ideológico, não há neutralidade.

De acordo com o modelo proposto por Bakhtin e seus colaboradores, o princípio estruturante – a relação primordial que organiza as trocas discursivas e mesmo a própria identidade pessoal –, é de natureza valorativa. Para o autor, sempre há um agente atribuindo sentidos com sua própria visão de mundo, posicionando-se e interagindo dentro de um universo de valores. É a partir deste posicionamento que podemos pensar como certas metáforas licenciam e interditam ações, pois como reforçado na seção anterior, mapeamentos metafóricos são subordinados aos “[...] compromissos políticos, filosóficos, sociais e individuais dos falantes” (EUBANKS, 1999, p. 419, tradução nossa). Assim, tais mapeamentos são subordinados a nossa própria visão de mundo. Viver é “[...] assumir

posições axiológicas a cada momento da vida ou posicionar-se em relação a valores” (BAKHTIN, 1995, p. 187-188).

Uma das intenções de Bakhtin é elaborar essa descrição da arquitetura real concreta do mundo dos valores vivenciados. Para ele, essa descrição designa o momento constituído “[...] pela minha auto-atividade numa experiência vivida [...]”. Ou seja, para Bakhtin o momento constituído pela realização de pensamento, sentimento, palavras, ações práticas “[...] é uma atitude ativamente responsável que eu próprio assumo – uma atitude emocional-volitiva [...] no contexto da vida real” (BAKHTIN, 1993, p. 54-55). Contudo, segundo Faraco, somente a partir de 1926, que se dá a virada linguística do Círculo, quando então os “enunciadores não são vistos como seres empíricos, mas como um complexo de posições sociais avaliativas” (FARACO, 2009, p. 71). Como reforça Voloshínov (2018), “[...] a mudança de significação é sempre, no final das contas, uma reavaliação: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro” (VOLOSHÍNOV, 1990, p. 135). Ou seja, para ele, é quando “[...] um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Em acento apreciativo, não há palavra” (VOLOSHÍNOV, 1990, p. 132). Desse modo, para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa posicionamento social valorativo<sup>118</sup>.

Talvez seja possível apresentar tal dimensão valorativa, a partir do exemplo dado por Lakoff e Johnson (2003), ao elucidar o processo de *highlight*, *downplay* ou *hide*, como apresentado no capítulo anterior. Mesmo que Lakoff e Johnson não tenham trabalhado diretamente a dimensão do valor, é possível observar, mesmo que de forma indireta, a dimensão valorativa naquele exemplo do convite para o jantar:

Convidei uma loira sexy para nosso jantar.  
 Convidei uma violoncelista de renome para nosso jantar.  
 Convidei uma marxista para o nosso jantar.  
 Convidei uma lésbica para o nosso jantar<sup>119</sup>. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 163).

<sup>118</sup> Segundo Chaïm Perelman (2005), os valores intervêm em todas as argumentações, ou seja, muitas vezes, as próprias noções utilizadas em uma determinada argumentação pressupõem grupos de referência determinando o normal, sem que isso fique explícito. Para ele, “[...] o acordo baseado na presunção do normal é supostamente válido para o auditório universal da mesma forma que o acordo sobre os fatos demonstrados e as verdades. [...] Ao lado dos fatos, das verdades e das presunções, caracterizados pelo acordo do auditório universal, cumpre incluir, em nosso inventário, alguns objetos de grupos particulares: os valores, as hierarquias e os lugares do preferível. Estar de acordo acerca de um valor é admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação e as disposições à ação uma influência determinada, que se deve alegar numa argumentação, sem se considerar, porém, que esse ponto de vista se impõe a todos. A existência dos valores, como objetos de acordo que possibilitam uma comunhão sobre modos particulares de agir, é vinculada à ideia de multiplicidade dos grupos” (PERELMAN, 2005, p. 83-84).

<sup>119</sup> “I’ve invited a sexy blonde to our dinner party.”

Neste exemplo, observa-se como as diferentes alternativas de predicado não possuem apenas o significado no sentido objetivo, mas também um acento de valor. Lakoff e Johnson (2003) descrevem em sua obra a mesma pessoa, contudo, tais descrições vêm acompanhadas por um acento apreciativo. Ou seja, dependendo de qual destas descrições irá se usar, para descrever a pessoa que se convida para o jantar, expressarão posicionamentos sociais valorativos distintos.

A partir do pensamento bakhtiniano, percebe-se o caráter interativo da linguagem e do discurso, compreendidos a partir de sua natureza sócio-histórica e cultural, bem como a presença das ideologias na construção dos discursos. Seguindo nessa esteira, a intenção deste estudo é trabalhar nas fronteiras da linguagem, principalmente no que tange ao trato valorativo nos usos de metáforas em discursos midiáticos e políticos de atores e governantes sobre essas populações, dado que existe disputa semântica que reverbera no próprio trato com imigrantes e nas políticas fronteiriças.

Pode-se observar tais disputas a partir da sua reverberação nos instrumentos e processo pelo qual o solicitante de refúgio tem que passar para lograr o *status* de refugiado (CORRÊA, 2019; CORRÊA; GURGEL, 2021). Pode-se observar como tais disputas semânticas reverberam e norteiam, por exemplo, a relação entre o Oficial de Elegibilidade, o intérprete e o solicitante de refúgio no momento da entrevista de solicitação de refúgio. Em muitos casos o solicitante de refúgio e o Oficial de Elegibilidade não pertencem a uma mesma comunidade de falantes, e não possuem valores e códigos linguísticos semelhantes. “Sempre há, dentro de qualquer diálogo, a necessidade de uma negociação de regras de uso dos signos, de um rearranjo normativo entre os interlocutores para que haja compartilhamento de significados” (CORRÊA, 2021, p. 45).

É possível, dentro do cenário do refúgio, principalmente em relação às entrevistas de solicitação de refúgio, deparar-se com diversos casos de indeferimento de solicitação. Tais casos serviram para elucidar a fragilidade normativa da prática da entrevista no tocante à grande diferença entre os acentos de valor empregados pelos envolvidos (CORRÊA; GURGEL, 2021). Quando o solicitante de refúgio relata a sua história no processo da entrevista, em seu dialeto<sup>120</sup>, ou mesmo com a presença de intérprete, muitas palavras podem

---

I've invited a renowned cellist to our dinner party.

I've invited a Marxist to our dinner party.

I've invited a lesbian to our dinner party” (LAKOFF E JOHNSON, 2003, p. 163).

<sup>120</sup> Cabe ressaltar que este exemplo foi tirado da pesquisa realizada para o trabalho de conclusão de curso em bacharel em Filosofia (2019) da autora. Foram realizadas entrevistas com refugiados, solicitantes de refúgio, advogados e intérpretes. Durante a entrevista o refugiado relatava como é possível ter vários desencontros de comunicação durante as entrevistas de solicitação de refúgio. Contudo, o refugiado (que atua como

não existir correlatos em português, como no caso “Kobeta” (CORRÊA, 2019). Se um refugiado, no momento da entrevista, relatar em seu dialeto que foi torturado (no dialeto do solicitante pode ser escrito como “Kobeta”), e se no momento da tradução não for compreendida a intenção do solicitante, a possibilidade de a história acerca da tortura vivenciada ser traduzida como uma história de alguém que foi esculachado (“Kobeta” como “bater”) é grande. Ou seja, o intérprete pode traduzir a palavra “Kobeta” tanto como “torturado” quanto “esculachado”. Contudo, o acento de valor dado nos dois exemplos será muito distinto.

A decisão sobre a tradução mais apropriada passa pela compreensão dos pesos distintos que os signos do português recebem em seus usos mais correntes. O(a) intérprete procura exprimir essa diferença de pesos ou de acentos de valor, em português, por meio da diferença hierárquica (numa escala de graus de violência) entre “esculachado” e “torturado”. Na dinâmica da entrevista, quando se tem por objetivo a defesa do “fundado temor”, a tradução de “Kobeta” por “torturado” é muito mais adequada do que por “esculachado”, tendo em vista que a primeira palavra provavelmente assumiria um peso valorativo muito superior, no ajuizamento feito pelo Oficial de Elegibilidade, do que a última. O(A) intérprete procura mostrar que, se o Oficial ou o intérprete traduzirem a palavra sem entender seu “peso” (acento apreciativo), este estará fadado a “traduzir outra coisa”. Não basta, portanto, ao solicitante fazer referência às dificuldades pelas quais passou. É preciso ainda dominar ou encontrar quem domine a força axiológica dos termos que emprega e de seus correlatos no código linguístico do Oficial. A inépcia no âmbito axiológico pode inviabilizar de modo incontornável de requerimento do status de refugiado (CORRÊA; GURGEL, 2021, p. 55).

A discrepância entre os campos semânticos cobertos pelo termo “esculachar”, no português carioca, e pelo termo “Kobeta” no dialeto em questão, é muito elucidativa para a compreensão dos conflitos referentes aos acentos de valor presentes nas entrevistas. O próprio entrevistador pode estar predisposto no momento da entrevista de solicitação de refúgio, pois já constrói determinadas leituras de quem é este migrante que chega, e de onde ele veio. O acento de valor presente neste processo de interpretação acaba interferindo na avaliação, e concessão ou não da solicitação de refúgio, ou seja, vai atuar em várias dimensões no contexto do refúgio, não somente na saída, trajeto ou chegada ao país receptor, mas também na sua permanência.

Para tanto, no capítulo seguinte, aplicar-se-á a base teórica apresentada até agora, a fim de realçar o caráter discursivo dos fenômenos supramencionados, principalmente acionando o arcabouço teórico e as críticas à TMC e à concepção bakhtiniana de valor. A intenção deste estudo é ressaltar os acentos de valor que aparecem de maneira indireta nas

---

intérprete) não exemplificou qual o dialeto, mas ressaltou que há diversos dialetos diferentes e cada um possui sua peculiaridade, modo de viver e a história de um povo.

metáforas em discursos sobre refugiados, e como podem ser usados para moldar a opinião pública sobre a questão do refúgio, bem como as ações dos próprios agentes envolvidos no trato com estes fluxos migratórios.



### 3 METÁFORAS, ACENTO DE VALOR E REFÚGIO: algumas análises

Recapitulando brevemente o movimento teórico realizado até o presente momento, focou-se na apresentação do arcabouço teórico da Teoria da Metáfora Conceptual, os seus principais conceitos e discussões. Seguindo esta direção, perpassou-se no segundo capítulo alguns olhares e críticas à TMC, principalmente pontos que Lakoff e Johnson não exploram suficientemente. O intuito foi ampliar os horizontes de possibilidades para as análises neste último capítulo. Dessa forma, realizaram-se algumas considerações acerca do papel do contexto (Kövecses), sobre os aspectos do funcionamento da metáfora no âmbito discursivo (Vereza), a discussão acerca dos licenciamentos e interdições de ações mediante metáforas (Eubanks) e o papel da ideologia e os acentos de valor no uso de metáforas (Círculo de Bakhtin).

Tendo este cenário em mente, e para mostrar a aplicabilidade deste arcabouço teórico apresentado nos capítulos anteriores, foram selecionados alguns exemplos no intuito de elucidar o acento valorativo em metáforas no contexto do refúgio, principalmente em alguns casos com valorações implícitas na mídia e em discursos de políticos e atores internacionais. No caso das políticas voltadas ao campo do refúgio, seja a nível nacional ou internacional, muito da agenda dos dirigentes de um país é estruturada com base em discursos repletos de metáforas. As dificuldades mais prementes na política, principalmente no contexto do refúgio, têm mais a ver com a colocação dos problemas do que praticamente com a solução deles. Ou seja, a forma e a maneira como um problema será conceitualizado ou verbalizado é frequentemente metafórico. Lakoff (1991), em seu artigo “*Metaphor and War*” tenta mostrar o uso político de metáforas principalmente para justificar a guerra no Golfo. O autor inicia o seu artigo exprimindo como “as metáforas podem matar”, e a necessidade de compreender o papel do pensamento metafórico nas relações internacionais, principalmente em relação à guerra. Para o autor, o entendimento metafórico funciona em duas etapas:

Primeiro, há um conjunto generalizado e relativamente fixo de metáforas que estruturam como nós pensamos. Por exemplo, uma decisão de ir para a guerra pode ser vista como uma forma de análise custo-benefício, onde a guerra se justifica quando os custos de ir para a guerra são menores do que os custos de não ir para a guerra. Em segundo lugar, há um conjunto de definições metafóricas que permitem aplicar tal metáfora a uma situação particular. Neste caso, deve haver uma definição de custo, incluindo um meio de comparar custos relativos. O uso de uma metáfora com um conjunto de definições torna-se pernicioso quando esconde realidade de uma forma prejudicial (LAKOFF, 1991, n. p., tradução nossa)<sup>121</sup>.

<sup>121</sup> “First, there is a widespread, relatively fixed set of metaphors that structure how we think. For example, a decision to go to war might be seen as a form of cost-benefit analysis, where war is justified when the costs

Lakoff (1991) enfatiza como o discurso, sobre iniciar ou não uma guerra, pode ser constituído por metáforas, mais especificamente o autor analisa como o discurso sobre a Guerra no Golfo era constituído por um panorama de metáforas. O autor ressalta como o secretário de Estado Baker via Saddam Hussein como: “[...] sentado na nossa linha de vida econômica” (LAKOFF, 1991, n. p.). O presidente Bush também o retratou a partir de metáforas, como sendo um tipo de “estrangulamento” na economia. O presidente ressaltou que os EUA estavam no abismo para “proteger a liberdade”, os inocentes e empurrar Saddam Hussein de volta. Lakoff (1991) quer ressaltar, a partir destes exemplos, como as metáforas foram utilizadas para moldar as estratégias militares e as relações internacionais naquele contexto.

As opiniões de atores internacionais podem se tornar dominantes na política internacional e influenciar a opinião pública. Tendo isso em mente, pretende-se, neste último capítulo, expor como certas metáforas orientam a opinião pública e as políticas públicas quando se pensa acerca do refúgio, como podem servir para elogiar, depreciar ou atacar uma certa população.

### 3.1 “NATION AS HOME”: “migrant as a guest”/“refugee as a guest”

Muitos dos discursos acerca da migração forçada, bem como sobre o contexto do refúgio, são erigidos com base em metáforas. No intuito de evidenciar como a metáfora ocorre no texto midiático e em discursos de atores internacionais, apresenta-se um primeiro exemplo tirado de uma reportagem de 2020, sobre a chegada e o trato com migrantes, diante das políticas migratórias e a sua rede de assistência, especificamente na cidade de Seattle (EUA).

Na reportagem a seguir observa-se o uso do termo “hóspede” (*guest*), referindo-se à chegada de migrantes advindos de vários países em algumas regiões dos EUA, especificamente na cidade de Seattle. O trecho escolhido para análise é: “[...] O Escritório de Imigração e Refugiados tem um plano no local que inclui outros departamentos e prestadores de serviços da Cidade de Seattle para ajudar nossos **hóspedes** o mais rápido possível” (THE

---

of going to war are less than the costs of not going to war. Second, there is a set of metaphorical definitions that allow one to apply such a metaphor to a particular situation. In this case, there must be a definition of ‘cost’, including a means of comparing relative ‘costs’. The use of a metaphor with a set of definitions becomes pernicious when it hides realities in a harmful way” (LAKOFF, 1991, n. p.).

CENTERSQUARE, 2020, n. p., grifo nosso, tradução nossa)<sup>122</sup>. A reportagem discorre sobre o envio de ônibus ou aviões cheios de migrantes, de várias regiões, como haitianos, venezuelanos, dentre outros. Vários migrantes estavam chegando em outras regiões dos EUA, e, a possibilidade de chegada, gerou a necessidade de ações e criação de uma atitude da rede de assistência na cidade de Seattle voltada para o acolhimento e chegada destes ônibus e aviões cheios de migrantes (*migrant-filled bus or plane*). Hamdi Mohamed, diretor do Escritório de Assuntos de Imigração e Refugiados de Seattle, disse que o escritório estaria trabalhando para a chegada de migrantes/refugiados à cidade.

No trecho da reportagem “ajudar nossos hóspedes”, pode-se observar o emprego da palavra “hóspede” (*guest*) com um acento valorativo positivo – evocando hospitalidade e acolhimento. Percebe-se um movimento de assistência e uma política migratória receptiva pelo Escritório de Assuntos de Imigração e Refugiados de Seattle diante destes fluxos de migrantes. Nesta reportagem, a metáfora ocorre associando migrantes e refugiados a hóspedes, ou seja, “migrantes são hóspedes” e “refugiados são hóspedes”. A partir deste uso metafórico, pode-se inferir como domínio-alvo *Migrant/Refugee* (migrante/refugiado) e como domínio-fonte *guest* (hóspede). Quando estas metáforas situadas “migrante são hóspedes” e “refugiados são hóspedes” são usadas, observa-se que subjacente existe uma dinâmica implícita nas relações internacionais.

O contexto subjacente à criação destas metáforas e ao seu uso no trecho da reportagem, advém do contexto da criação dos Estados-Nação. Como ressalta Kövecses (2015), é necessário compreender o contexto que se inserem tais metáforas. O migrante só pode ser considerado como um “hóspede” pois não fazem parte daquela determinada “nação” à qual chegaram. Se o migrante/refugiado não possui a nacionalidade do país em que chegou, este será considerado estrangeiro, e, mesmo se conseguir a naturalização ou visto de residência, este será considerado um “estrangeiro naturalizado” ou “estrangeiro residente”.

A partir do exemplo na reportagem, infere-se como essas metáforas mais simples derivam de uma metáfora mais fundamental. A metáfora conceptual de fundo nesta reportagem é “*NATION AS HOME*” (NAÇÃO COMO LAR/CASA). A partir dela infere-se como domínio-alvo “*Nation*” (Nação), e como domínio-fonte “*Home*” (lar/casa). Mas, quando se usa a metáfora conceptual “*NATION AS HOME*”, observa-se que o “estrangeiro”, quando é bem-vindo, será considerado como “hóspede” (convidado). O “hóspede” não faz

---

<sup>122</sup> “[...] the Office of Immigrant and Refugee Affairs does have a plan in-place that includes other City of Seattle departments and service providers to help our guests as quickly as possible” (THE CENTERSQUARE, 2020, n. p.).

parte daquele determinado lar, mas é bem-vindo. Quando o “estrangeiro” é bem-vindo em determinado país, este é considerado um “convidado”. Por isso, é importante compreender como a metáfora fundamental “*NATION AS HOME*” organiza a experiência e o trato com estas populações.

Para Lakoff e Johnson (2003), é possível explorar a metáfora conceptual a partir de desdobramentos/ramificações, que desempenham, no discurso, um papel argumentativo. Para os autores, a metáfora envolve uma rede de ramificações (*entailments*) que possuem como eixo central a metáfora conceptual. Assim, “[...] nossos conceitos estruturam o que percebemos no mundo e como nos relacionamos com outras pessoas” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 3, tradução nossa)<sup>123</sup>. A partir desta metáfora mais fundamental, é possível observar várias ramificações, como: “um povo é uma família”, “família é lar”, “nação como família”, “cidadãos nacionais como membros da família”, “estrangeiros naturalizados”, “estrangeiros residentes”, “hóspedes”, dentre outras. No caso dessa reportagem, observa-se que o migrante, refugiado, estrangeiro, ou seja, não pertencente àquela nação, àquele lar, àquela casa, foi considerado como hóspede, um convidado (migrante/refugiado como hóspede). A partir deste exemplo, percebe-se como o sistema conceitual é em grande parte metafórico, e possui um papel central na definição da realidade cotidiana, particularmente na realidade do refúgio, e como estas populações são vistas e tratadas no cotidiano.

Na mesma reportagem, em outro trecho, observa-se o uso da terminologia “*newcomers*” no discurso da vereadora Tammy Morales, que representa o distrito de Seattle, enfatizando o suporte necessário aos migrantes que chegavam, mas que não pertencem àquele território.

Os políticos que agem com base no medo e na xenofobia estão perdendo a riqueza que os recém-chegados trazem para uma comunidade, disse Morales. Estou orgulhosa de que a cidade de Seattle é um lugar que acolherá e oferecerá apoio às pessoas e famílias que vêm em busca de uma vida melhor (THE CENTERSQUARE, 2020, n. p., tradução nossa)<sup>124</sup>.

Neste trecho é possível observar como a compreensão metafórica orienta as ações da vereadora. A expressão “*newcomers*” (recém-chegados) tem por alicerce uma expressão

<sup>123</sup> “[...] our concepts structure what we perceive how we get around in the world, and how we relate to other people” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 3).

<sup>124</sup> “Politicians who act on fear mongering and xenophobia are missing out on the richness that **newcomers** bring to a community, Morales said. I am proud that the City of Seattle is a place that will welcome and offer support to the people and families who come seeking a better life” (THE CENTERSQUARE, 2020, n. p., grifo do autor).

metafórica. Na teoria de Lakoff e Johnson (2003), tem-se conceitos não metafóricos, que se deixam estruturar parcialmente por conceitos metafóricos. Desse modo, por mais que neste discurso da vereadora não se tenha usado uma metáfora, a expressão usada “*newcomers*” foi orientada por uma compreensão metafórica.

Como as expressões metafóricas em nossa língua estão ligadas a conceitos metafóricos de forma sistemática, podemos usar expressões linguísticas metafóricas para estudar a natureza das expressões linguísticas metafóricas e para obter uma compreensão da natureza metafórica de nossas atividades (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 7, tradução nossa)<sup>125</sup>.

Para ter uma ideia de como estas expressões metafóricas em linguagem cotidiana podem dar uma visão da natureza metafórica dos conceitos que estruturam as atividades diárias, os autores dão um ótimo exemplo de como metáforas podem estruturar parcialmente nosso sistema conceitual. No capítulo 14 de *Metaphors We Live By* os autores mostram que o conceito de causação recebe extensões metafóricas. Para Lakoff e Johnson (2003), causação é um conceito humano básico, é um dos conceitos mais usados pelas pessoas para organizar suas realidades físicas e culturais:

[...] o conceito de CAUSAÇÃO é baseado no protótipo de MANIPULAÇÃO DIRETA, que emerge diretamente de nossa experiência. O núcleo prototípico é elaborado por metáfora para produzir um conceito amplo de CAUSALIDADE, que tem muitos casos especiais. As metáforas utilizadas são: O OBJETO VEM DA SUBSTÂNCIA, A SUBSTÂNCIA VAI PARA O OBJETO, A CRIAÇÃO É NASCIMENTO, e A CAUSAÇÃO (do evento por estado) É EMERGÊNCIA (do evento/objeto do estado/contentor)<sup>126</sup> (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 75, tradução nossa).

O que os autores querem evidenciar é que conceitos, como o de CAUSAÇÃO, podem muitas vezes ser analisados cada vez mais, em relação à nossa experiência, pois estruturam parcialmente as atividades diárias, nosso sistema conceitual. O importante neste momento da discussão é ressaltar como a expressão usada “*newcomers*” (recém-chegados) se alimenta da metáfora situada “migrantes/refugiados são hóspedes” e da metáfora

<sup>125</sup> “Since metaphorical expressions in our language are tied to metaphorical concepts in a systematic way, we can use metaphorical linguistic expressions to study the nature of metaphorical linguistic expressions to study the nature of metaphorical concepts and to gain an understanding of the metaphorical nature of our activities” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 7).

<sup>126</sup> [...] the concept of CAUSATION is based on the prototype of DIRECT MANIPULATION, which emerges directly from our experience. The prototypical core is elaborated by metaphor to yield a broad concept of CAUSATION, which has many special cases. The metaphors used are THE OBJECT COMES OUT OF THE SUBSTANCE, THE SUBSTANCE GOES INTO THE OBJECT, CREATION IS BIRTH, and CAUSATION (of event by state) IS EMERGENCE (of the event/object from the state/container) (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 75).

conceptual “*NATION AS HOME*”, pois estes migrantes são vistos como aqueles que chegam ao país, à casa, ao lar.

O uso da metáfora do “hóspede” nesta reportagem enfatiza um acento valorativo positivo, de hospitalidade àquele que chega. Para elucidar esta valoração, a reportagem enfatiza como 19,4% dos residentes de Seattle (cerca de 144,000 pessoas) são nascidos no exterior, e como é necessário ir contra políticos que enfocam políticas xenofóbicas e de produção de medo contra essas populações. Segundo a notícia, a tentativa de enfatizar este acento valorativo de hospitalidade é elucidada a partir da ressalva acerca da própria história da cidade de Seattle, e como esta é construída a partir de “outros hóspedes, migrantes, estrangeiros” (bem-vindos) que foram chegando, habitando e contribuindo para o crescimento da cidade. Assim, a tentativa implícita na reportagem é, a partir do uso da metáfora situada “refugiados são hóspedes” e da metáfora fundamental “*NATION AS HOME*”, possibilitar uma valoração positiva para a chegada destas pessoas, independentemente de não terem nascido no “seio daquela nação”. A estratégia usada foi evocar um acento de valor que possibilitava ações, atitudes de boas-vindas e políticas de assistência a essas pessoas que estão chegando, em contraponto às políticas de medo anti-imigratórias e xenofóbicas.

Na tentativa de elucidar outra perspectiva que perpassa o debate acerca do acento valorativo nas metáforas no contexto do refúgio, especificamente do uso das metáforas nesta reportagem, ressalta-se como, ao mesmo tempo, que em tal trecho se apresenta um discurso de acolhimento e assistência, se apresenta também outro depreciativo. As metáforas podem ser utilizadas e aplicadas a questões políticas, tanto para elogiar ou depreciar determinadas populações. É possível perceber que no exemplo dado anteriormente, o acento valorativo foi de hospitalidade e acolhimento, contudo, percebem-se usos de metáforas que evocam um caráter depreciativo, de hostilidade. Na notícia fica implícito que estes estrangeiros, migrantes e refugiados não fazem parte, não são dali, são *guest* (hóspedes), estrangeiros. É possível atacar ou elogiar usando a mesma expressão “migrantes/refugiados são hóspedes”. A metáfora “migrantes são hóspedes” pode implicitamente carregar uma conotação depreciativa, pois o “hóspede” pode ser considerado de forma depreciativa, como *unwelcome guest* (convidado indesejado).

Ao elogiar e não denegrir, se constrói mais possibilidades e políticas de assistência e acolhimento; contudo, quando o enfoque é depreciar estas populações por meio de certas metáforas, as ações e políticas migratórias serão de fechamento de fronteiras e de repulsa a estas pessoas. É possível utilizar a metáfora com o intuito de incitar um olhar para

estes hóspedes, como terroristas, criminosos, estrangeiros. Uma forma depreciativa de uso da metáfora “hóspedes” é quando estes são considerados “*unwelcome guests*” (hóspedes indesejados). A partir deste exemplo, percebe-se como muitos dos conceitos fundamentais usados para descrever estas populações em situação de refúgio são organizados, como analisam Lakoff e Johnson (2003), a partir de esquemas imagéticos<sup>127</sup> polares, como “dentro-fora”, “cima-baixo”, “frente-atrás”, “centro-periferia” etc:

Até agora, examinamos o que chamaremos de metáforas estruturais, casos em que um conceito é metaforicamente estruturado em termos de outro. Mas, há outro tipo de conceito metafórico, um que não estrutura um conceito em termos de outro, mas organiza todo um sistema de conceitos em relação uns aos outros [...]. Tais metáforas orientacionais<sup>128</sup> não são arbitrárias. Elas têm uma base em nossas oposições “cima-baixo”, “dentro-fora” etc (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 14, grifo nosso, tradução nossa)<sup>129</sup>.

Se refugiados são “hóspedes” (*guests*), pode-se observar uma rede de implicações metafóricas, como: eles não pertencem à comunidade, à casa, à nação, ao território, estão de passagem, ou, como no segundo trecho, são vistos como contribuidores da economia do local. A partir destes trechos observa-se uma lógica inclusiva/exclusiva. Quando fluxos de refugiados ou pessoas são considerados como “hóspedes” (*guests*), estes não fazem parte da família, e são consideradas “fora” do seio familiar. O uso da metáfora “migrante como hóspede”, neste exemplo, enfatiza um esquema imagético polar, construído a partir de oposições (dentro/fora). Dito de outro modo, tanto as metáforas situadas (migrantes são hóspedes e refugiados são hóspedes), quanto na metáfora conceptual “*NATION AS HOME*”, evidenciam esquemas imagéticos polares, pois quem está dentro do

<sup>127</sup> Para Lakoff e Johnson (2003), esquemas imagéticos são estruturas abstratas e genéricas advindas de experiências sensorio-motoras, ou seja, são de natureza cinestésica, dizem respeito a aspectos da atividade do ser humano no espaço, como questões relacionadas ao movimento, orientação, forma, equilíbrio. Os esquemas imagéticos mais comuns dizem respeito a experiências de percurso, como: parte/todo, centro/periferia, em cima/embaixo, frente/atrás, dentre outras. Como reforçam Gallagher e Lindgren (2021) “[...] os esquemas-imagéticos são estruturas que se repetem em nossa experiência corporal diária” (GALLAGHER; LINDGREN, 2021, p. 395).

<sup>128</sup> Cabe ressaltar, que em seu *afterword*, Lakoff e Johnson (2003) esclarecem que foi a primeira tentativa de elucidar a natureza do pensamento metafórico e sua relação com a linguagem. E, devido a este empreendimento, acabaram cometendo alguns erros, como a divisão das metáforas em três tipos – orientacional, ontológica e estrutural. Para eles, essa divisão é artificial. Todas as metáforas são estruturais (na medida em que mapeiam estruturas para estruturas); todas são ontológicas (na medida em que criam entidades de domínio-alvo), e, muitas são orientacionais (na medida em que mapeiam esquemas imagéticos orientadores). O intuito aqui foi ressaltar como muitos destes esquemas imagéticos servem como forma de orientar, usando polos, como “cima-baixo”, “dentro-fora” etc.

<sup>129</sup> “So far we have examined what we will call structural metaphors, cases where one concept is metaphorically structured in terms of another. But there is another kind of metaphorical concept, one that does not structure one concept in terms of another but instead organizes a whole system of concepts with respect to one another [...] Such metaphorical orientations are not arbitrary. They have a basis in our oppositions up-down, in-out etc.” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 14).

seio da nação é parte, é considerado membro. Por outro lado, quem está fora é considerado estrangeiro, migrante, refugiado.

O primeiro foco do uso da metáfora “migrante como hóspede”, normalmente, é para receber aquele que chega, mas observa-se também que de forma implícita este que chega não faz parte do seio familiar. O acento de valor de hospitalidade e acolhimento ou depreciação, hostilidade e fechamento de fronteiras pode se dar dependendo do uso da metáfora no país/local de chegada. É a partir do uso das duas metáforas que se cria um acento valorativo negativo para a palavra “hóspede” (*guest*). Como enfatiza Taylor (2021):

[...] podemos ver que a maior parte seria subsumida à desumanização, enquanto INVASORES e CRIMINOSOS são claramente englobados pela superioridade moral, deixando apenas a HÓSPEDES como potencialmente ambígua, a menos que a metáfora seja realmente HÓSPEDES INDESEJADOS<sup>130</sup> (TAYLOR, 2021, p. 465, tradução nossa).

Alguns desdobramentos podem ser percebidos em discursos, a partir do uso destas metáforas caracterizando refugiados como “convidados indesejados”, como, por exemplo: invasores e criminosos. Mas, muitas vezes, estes desdobramentos e ramificações das metáforas com acentos de valor pejorativos não ficam evidentes. Quando se trata da metáfora (*the “guest” metaphor*), Taylor (2021) enfatiza que há uma associação mais implícita do que outras. Este caráter implícito leva consigo determinados acentos de valor:

Pode ser visto como a metáfora da NAÇÃO COMO FAMÍLIA (ou mais precisamente como CASA DE FAMÍLIA) (Burke, 2002; Charteris-Black, 2019) ecoando discursos coloniais de uma terra paterna e de uma pátria em que o migrante hóspede se posiciona como menos do que a família, mas que ainda assim traz alguma expectativa de apoio (Laarman, 2013) (TAYLOR, 2021, p. 474, tradução nossa)<sup>131</sup>.

É importante compreender como o valor implícito no uso destas metáforas também está relacionado a um determinado contexto. Para Kövecses (2005), a construção de sentido envolve a influência do contexto, “[...] o contexto maior envolve além do orador e do destinatário, as circunstâncias sob as quais a fala é feita, as circunstâncias da ação da qual a fala faz parte e o conhecimento de fundo ligado ao tópico de comunicação” (KÖVECSES,

<sup>130</sup> “[...] we can see that most would be subsumed into dehumanization while INVADERS and CRIMINALS are clearly encompassed by moral superiority, leaving just GUEST as potentially ambiguous unless the metaphor is actually UNWANTED GUEST” (TAYLOR, 2021, p. 465).

<sup>131</sup> It may be seen as building on the NATION AS FAMILY (or perhaps more accurately FAMILY HOME) metaphor (Burke, 2002; Charteris-Black, 2019) echoing colonial discourses of *father land* and *mother country* in which migrant as guests are positioned as less than family but still entailing some expectation of support (Laarman, 2013) (TAYLOR, 2021, p. 474, grifo do autor).



2005, p. x, tradução nossa)<sup>132</sup>. A Paz de Westfalia estabeleceu os princípios que caracterizam o Estado-nação moderno. É a partir deste contexto que a metáfora conceptual “*NATION AS HOME*” (NAÇÃO COMO LAR) se insere. O acento valorativo presente no uso destas metáforas se insere dentro da lógica inclusiva/exclusiva na construção dos Estados-nação, presente Pós-Westfalia<sup>133</sup>.

Posto de outro modo, a partir criação dos Estados-nação pós-Westfalia (WALKER, 2013), criou-se uma lógica inclusiva/exclusiva, ao mesmo tempo que inclui, exclui – alguns fazem parte e outros não. Em um primeiro momento tende-se a focar na dimensão que inclui, ou seja, os Estados-nação incluem os seus cidadãos e estes incluem aqueles que chegam em sua nação, sua casa. Contudo, mesmo incluindo, se apresenta uma lógica de exclusão, pois “outros” não fazem parte e não adentram a nação, o lar – só estão de passagem. Como ressaltou Eubanks (2002), metáforas podem licenciar e interditar ações. É possível perceber como existe uma relação entre a metáfora e os aspectos socioculturais. Para o autor, as metáforas são sempre proferidas por falantes situados historicamente e culturalmente, os mapeamentos metafóricos são subordinados aos “[...] compromissos políticos, filosóficos e individuais dos falantes” (EUBANKS, 1999, p. 419). Tendo isso em mente, observa-se que o uso de desdobramentos/ramificações como *invaders* (invasores), *criminals* (criminosos), *guests* (hóspedes) é bem frequente, mas em muitos casos o acento de valor dado ao uso da metáfora “*refugee are guests*” (refugiados como hóspedes) não fica tão evidente.

Outro ponto de discussão relevante para as considerações neste momento é quando se fala do uso da metáfora “migrantes são hóspedes” (*migrants are guests*), em contraponto com a metáfora “refugiados são hóspedes” (*refugees are guests*), em que o acento de valor dado pelo uso da metáfora “migrantes são hóspedes” (*migrant are guests*) será mais hospitaleiro e de acolhimento, porque estes migrantes são vistos como pessoas que contribuem para a economia do país receptor, ou porque possibilitam um intercâmbio cultural, de estudos etc. A partir deste acento de valor, nota-se que estes podem ser considerados “hóspedes desejados”. Por outro lado, o acento de valor presente no uso da metáfora “refugiados são hóspedes” (*refugees are guests*) pode ser posto de forma

<sup>132</sup> “The larger context involves, in addition to the speaker and addressee, the circumstances under which the utterance is made, the circumstances of the action of which the utterance is a part, as well as the background knowledge attaching to the topic of communication” (KÖVECSSES, 2005, p. x).

<sup>133</sup> A considerada “Paz de Westfalia” foi um conjunto de tratados e acontecimentos que inauguraram o moderno sistema internacional, e foram estabelecidos, consensualmente, noções e princípios como o de soberania estatal e o de Estado-nação.

depreciativa, pois muitas vezes estes não serão bem-vindos, e serão considerados como irregulares e criminosos. São caracterizados como aqueles que não fazem parte, não têm a mesma nacionalidade, estão chegando para atrapalhar a economia ou para roubar os empregos – são estrangeiros, visitantes indesejados. É possível perceber que a metáfora, quando se trata de migrantes e refugiados, possui acentos valorativos distintos, havendo um acento valorativo implícito nesta diferenciação.

Como ressaltado por Voloshínov (1990), a fala e a enunciação estão indissociáveis das estruturas sociais, e implicam “[...] conflitos, relações de dominação, adaptação ou resistência à hierarquia ou utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder” (VOLOSHÍNOV, 1990, p. 14). A palavra, portanto, para o autor, é uma arena onde se confrontam os valores. Há uma determinada ênfase valorativa distinta dependendo do contexto, conteúdo e significado ideológico, ou seja, são carregados de ideologia. A diferença de acentos de valor apresentados na diferença do uso da metáfora “refugiados são hóspedes” e “migrantes são hóspedes” são carregadas por ideologias, e pelo modo pelo qual as pessoas de um determinado meio social entendem a realidade. Nem todo ato de migrar é por fuga ou por fundados temores de perseguição, como no caso do refúgio. Há movimentos migratórios por motivos acadêmicos e de estudo, de trabalho, dentre outros.

Desse modo, o país receptor pode aceitar ou não o migrante, o hóspede, dependendo de seus motivos. Muitas vezes esse processo é realizado nas entrevistas para solicitação de vistos, e o “país” avalia aquele “recém-chegado” (*newcomer*), hóspede, no intuito de legitimar ou não o seu pedido de entrada, e dependendo do visto de permanência. Contudo, quando se trata do refúgio, por seu caráter de deslocamento forçado, o país receptor não pode enviar um solicitante de refúgio de volta ao país de origem. É devido a um conceito no cenário internacional denominado *non-refoulement* (não-devolução), como apresentado na introdução desta dissertação, que se houver algum migrante/refugiado que deseja solicitar o refúgio, este não pode ser barrado ou devolvido ao país de origem. É obrigação do país receptor receber aquele que chega, e iniciar o processo de solicitação e elegibilidade para o recebimento do *status* de refugiado. É devido a este conceito que, muitas das vezes, países com políticas anti-imigratórias tentam barrar a chegada pelo alto-mar, fecham fronteiras terrestres antes mesmo destes imigrantes/refugiados chegarem ao país receptor, denominam estes fluxos como irregulares ou desumanizam para serem barrados. Quando se considera um fluxo migratório como irregular (um hóspede não convidado, indesejado), este fluxo é visto como fora da “norma”, uma “invasão”, uma coisa “ruim”. Ao ser caracterizado como um fluxo “ruim”, estes fluxos são desconsiderados, desumanizados e barrados.

### 3.2 “COISAS RUINS SÃO MERDA”: “Países de Merda”/”Países do Sul Global são merda”

Após observar o uso elogioso e hospitaleiro da metáfora conceptual “*NATION AS HOME*” (NAÇÃO É LAR), e da metáfora situada “*migrant as guest*” (migrante como hóspede), na seção anterior, o intuito neste momento será apresentar um uso depreciativo da metáfora no contexto do refúgio.

Lakoff e Johnson (2003) enfatizam os modos pelos quais as metáforas editam aspectos distintos dos objetos, propriedades e relações. Perceber tal movimento, principalmente a partir de políticas anti-imigratórias, ajuda a compreender a potência do uso das metáforas na gestão destes fluxos migratórios. Para Lakoff e Johnson (2003, p. 268, tradução nossa), é possível ver “[...] em detalhes como as metáforas usadas dentro do governo dos EUA, para conceituar a situação política e econômica no Iraque, esconderam sistematicamente as mais terríveis consequências da guerra”<sup>134</sup>. Lakoff, em seu artigo “*Metaphor and War*”, enfatiza uma das análises mais importantes do uso de metáforas pelo governo dos EUA, para a persuasão da população em relação à guerra. O autor reforça como determinados discursos de governos podem se utilizar de metáforas, principalmente no planejamento de sua política externa.

Para as discussões, nesse momento, apresenta-se um discurso político em que, em um encontro com congressistas sobre a reforma migratória em 2018, o ex-presidente Donald Trump usou palavras ofensivas e depreciativas ao perguntar por que os EUA deviam aceitar pessoas procedentes de “países de merda”. O ex-presidente Donald Trump, segundo relataram fontes ao *Jornal The Washington St.*, ao realizar um discurso, enfatizou “[...] por que todas essas pessoas de países de merda (*shithole countries*) vêm para cá?” (ESTADO DE MINAS, 2018, n. p.).

A metáfora situada, apresentada no trecho acima, é “países são merda”. Contudo, observa-se outra ramificação da metáfora, pois quando o ex-presidente fala de “países”, ele não está falando de qualquer país, para ele determinados países “são merda”. O ex-presidente se referia especificamente a países como: El Salvador, Haiti e nações africanas, indicando a sua “preferência” por receber imigrantes de “países desenvolvidos”, como a Noruega. Pode-

---

<sup>134</sup> “[...] it shows in detail how the metaphors used within the U.S. government to conceptualize the political and economic situation in Iraq systematically hid the most dreadful consequences of that war” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 268).

se inferir, a partir da metáfora “países são merda”, como o ex-presidente está chamando “países do Sul Global como países de merda”.

Neste momento, é importante compreender o contexto de fundo envolvendo o uso da metáfora a partir da política anti-imigratória de Donald Trump, então chamada de “tolerância zero”<sup>135</sup>. Adotada pelo governo do ex-presidente, com foco na construção do muro na fronteira com o México, separação das crianças e pais imigrantes, e restrições ao ingresso de estrangeiros, evidenciam um trato discriminatório e xenofóbico diante destes de refugiados advindos de “países de merda”, como expresso em sua fala. Tal recorte metafórico, observável neste exemplo, indica a maneira com que tais populações em deslocamento migratório forçado são enquadradas e podem ser desumanizadas. A partir do decreto anti-imigração assinado em junho de 2017, que proibia a entrada de cidadãos dos países da Síria, Líbia, Iêmen, Irã, Somália, Chade, dentre outros, o governo ampliou a deportação e prisão de imigrantes “ilegais”. Como reforça Voloshínov (2018), cada enunciado apresenta sempre uma dimensão avaliativa e um posicionamento social. Assim, todo enunciado é sempre ideológico, não há neutralidade. A partir da fala do ex-presidente observa-se o seu posicionamento social a partir da implementação da política de tolerância zero contra imigrantes e refugiados advindos de “países de merda”. O uso da metáfora neste exemplo reitifica o posicionamento social do Donald Trump.

A partir desta reportagem, também é possível inferir diante desta metáfora situada “países de merda” algumas outras metáforas, como: “[determinados] países são merda”, “países [não-desenvolvidos] são merda”, “países do Sul Global são merda”. Por exemplo, como forma elucidativa, pode-se pensar como a metáfora “países do Sul Global são merda” é usada para explicar entidades que pertenceriam a um certo cenário geopolítico no qual o que se apresenta é uma forte hierarquização entre os países do Norte em relação aos países do Sul Global, entre países “desenvolvidos” e do “terceiro mundo”, e, conseqüentemente, entre as pessoas que migram destes países “desenvolvidos” em relação aos “não-desenvolvidos”.

A metáfora conceptual subjacente, mas basilar a estas outras metáforas no trecho da reportagem, é: “COISAS RUINS SÃO MERDA”. A partir desta metáfora conceptual

---

<sup>135</sup> A política de “tolerância zero” se caracteriza por uma política contra a imigração “ilegal”. Ou seja, todas as pessoas “pegas”, entrando no país clandestinamente, iriam responder a um processo criminal. Dito de outro modo, a política do governo criminalizava a imigração, e, a partir dela, muitas pessoas ficaram detidas em prisões federais enquanto esperavam o julgamento do processo, imigrantes “ilegais” sem histórico criminal eram processados em tribunais civis e aguardavam em liberdade, ocorreram várias separações de famílias e as crianças eram levadas para abrigos (aproximadamente mais de 2 mil crianças foram separadas de suas famílias), dentre outras medidas.

pode-se depreender que “coisas ruins” é o domínio-alvo e “merda” é o domínio-fonte. Como reforçam Lakoff e Johnson (2003), “[...] definimos nossa realidade em termos de metáforas e depois passamos a agir com base nas metáforas. Traçamos inferências, estabelecemos metas, assumimos compromissos” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 158). É levando em conta estes compromissos assumidos que se realçam ou se encobrem determinados aspectos da metáfora. Na análise do trecho, é possível realçar ou encobrir certos aspectos de acordo com objetivo em vista, e, em muitos casos, é possível perceber acentos de valor distintos, dependendo de quais propriedades de um determinado objeto são realçadas.

É a partir desta metáfora conceptual “COISAS RUINS SÃO MERDA”, que se observa na fala do ex-presidente Trump uma lógica de desumanização dos países e das pessoas vistas como “coisas”, “não-desenvolvidas”, “merdas”. Na frase “Por que todas essas pessoas de países de merda vêm para cá?”, é possível observar como o enunciado está direcionado para um grupo específico, ou seja, os países do Sul Global. Assim, a metáfora conceptual “COISAS RUINS SÃO MERDA” se refere a pessoas advindas de determinados países, e estas pessoas são coisas ruins: “são merda”. Fica evidente quais pressupostos ideológicos estão perpetuando o discurso. Para Lakoff e Johnson, “[...] o significado não está bem ali na sentença – ele depende muito de quem fala ou ouve a frase, como também de suas posições políticas e sociais” (LAKOFF; JOHNSON, 2002b, p. 56). Como visto anteriormente, categorizar metaforicamente é realçar e ocultar determinadas propriedades. Para os autores, as metáforas são uma forma operatória basilar do pensamento, não são periféricas. Assim, as metáforas podem servir para influenciar o pensamento acerca do acolhimento ou não de refugiados, bem como políticas migratórias.

Uma característica do uso da metáfora na política de “tolerância zero”, do ex-presidente, foi evocar uma dimensão emocional e uma seguridade a partir da desumanização daquilo que não é considerado parte da “pátria”, ou seja, os considerados “invasores”. Como reforça Eubanks (1999), a presença da metáfora pode indicar sempre um consenso cultural, mas a natureza deste consenso não é óbvia. Para compreender a metáfora, é necessário compreender como se pode valorar, de maneiras distintas, dependendo da ideologia e os compromissos culturais de fundo. Assim, a metáfora de fundo “COISAS RUINS SÃO MERDA” possibilita o entendimento do acento valorativo depreciativo no discurso do ex-presidente. Há um processo de desumanização implícito no uso da metáfora na fala do Donald Trump. Há um uso depreciativo e xenofóbico, pois pessoas destes países são caracterizadas como merdas, são coisas ruins. A metáfora “países de merda”, não somente

apresenta um caráter valorativo aos países e populações do Sul Global, como incita a uma ação e um sentimento de repulsa.

Ritchie (2013) também realiza algumas análises de discursos políticos e como a forma mais antiga de governo, provavelmente, seria baseada em grupos de parentesco. Os termos de parentesco como “patriarca” (usado para figuras políticas), ou mesmo “pátria” e “terra-mãe”, evocariam sentimentos e dimensões emocionais na seleção metafórica. Quando se trata de discursos políticos, o intuito, muitas vezes, é incitar uma adesão da população diante de uma política implantada por um determinado governo. Quando se trata da política anti-imigratória de Donald Trump, muitas vezes se observa o uso de metáforas implícitas, como evidenciadas na seção anterior “*NATION AS HOME*”, ou mesmo metáforas subjacentes, como “*Nation as a Family home*”. O uso destas metáforas, em discursos políticos, tem como intuito criar uma política de defesa da “terra-mãe” diante dos outros países “ruins”, de “merda”, dos hóspedes não desejados, desumanizados e criminalizados.

O autor também identifica várias extensões da metáfora básica da família com as relações internacionais, por exemplo, em notícias relacionadas à União Europeia, caracterizada como “a casa comum europeia” (RITCHIE, 2013, p. 181). Cabe ressaltar, que neste momento das discussões o intuito não é adentrar na base teórica do autor, mas evidenciar como no caso da metáfora conceptual de fundo “COISAS RUINS SÃO MERDA” e da metáfora situada “países do Sul Global são merda” é possível evocar e acionar opiniões e emoções que possuem, no fundo, “[...] ideologias que são transformadas e transmitidas ao nível do discurso comum, bem como ao nível das elites políticas” (RITCHIE, 2013, p. 183).

Assim, nota-se também que a composição de metáforas diferentes possibilita uma determinada estruturação da experiência, ou seja, podem ser vistos como modos distintos de caracterizar o que é ruim. Lakoff e Johnson (2003), em seu capítulo 15, discorrem acerca da estruturação coerente da experiência. Os autores ressaltam como existem várias dimensões que emergem naturalmente da experiência. Alguns mapeamentos são relativamente simples (*conversation* – conversa) e alguns são mais elaborados como *war* (guerra). Há também mapeamentos mais complexos, que são estruturados parcialmente a partir de outros mapeamentos metafóricos. Estes seriam, para eles, os conceitos metaforicamente estruturados.

Alguns conceitos são estruturados quase que totalmente metaforicamente. O conceito de AMOR, por exemplo, é estruturado principalmente em termos metafóricos: O AMOR É UMA VIAGEM, O AMOR É UM PACIENTE, O AMOR É UMA FORÇA FÍSICA, O AMOR É LOUCURA, O AMOR É GUERRA. O conceito de amor, por exemplo, é estruturado pela subcategorização

AMOR É UMA EMOÇÃO e por vínculos com outras emoções, por exemplo, o gosto. Isto é típico dos conceitos emocionais, que não são claramente delineados em nossa experiência de forma direta e, portanto, devem ser compreendidos principalmente indiretamente, via metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 85, tradução nossa)<sup>136</sup>.

Portanto, para os autores, quando um conceito é estruturado por mais de uma metáfora, as diferentes estruturas metafóricas geralmente se encaixam de forma coerente. Nota-se que, dependendo do fluxo migratório, do país de origem, nacionalidade, alguns serão mais bem recebidos do que outros. Na primeira seção observou-se o uso das metáforas “migrantes como hóspedes” e “refugiados como hóspedes”, bem como a metáfora de fundo “*NATION AS HOME*”, e, nesta seção, enfoca-se na metáfora situada “países são merda”, “países do Sul Global são merda”, juntamente com a metáfora conceptual “*COISAS RUINS SÃO MERDA*”. É possível inferir que a composição de metáforas distintas viabiliza e reitifica determinadas formas de compreender e agir em determinada realidade. Como enfocaram os autores, “[...] a essência da metáfora é entender e experimentar uma determinada coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 5). Tais metáforas moldam a percepção acerca destas populações por meio de acentos de valor que procuram ressaltar dicotomias de uma pretensa ordem internacional, a qual estabelece que quem o de “fora” daquele país não faz parte, é um “outro”, e, no caso do refúgio, muitas vezes visto como inimigo.

[...] uma dialética de ameaças externas é gerada pelo argumento construído com base nos que estão dentro do contêiner e nos que estão fora (clamando para entrar) ou o de uma represa que ameaça explodir. As metáforas associadas comunicam um mito político de invasão e de uma ameaça percebida à população invadida (MONTAGUT; MORAGAS-FERNÁNDEZ, 2020, p. 72, tradução nossa)<sup>137</sup>.

Montagut e Moragas Fernández (2020) também ressaltam como a mídia tem um papel central em suas narrativas políticas sobre o olhar acerca das migrações forçadas. Muitos discursos políticos, como acentuam as autoras, são acompanhados de alocações e falas

<sup>136</sup> “Certain concepts are structured almost entirely metaphorically. The concept LOVE, for example, is structured mostly in metaphorical terms: LOVE IS A JOURNEY, LOVE IS A PATIENT, LOVE IS A PHYSICAL FORCE, LOVE IS MADNESS, LOVE IS WAR. The concept of love, for example, is structured by the subcategorization LOVE IS AN EMOTION and by links to other emotions, e. g. liking. This is typical of emotional concepts, which are not clearly delineated in our experience in any direct fashion and therefore must be comprehended primarily indirectly, via metaphor” (LAKOFF, JOHNSON, 2003, p. 85).

<sup>137</sup> “[...] a dialectic of external threats is generated by the argument constructed based on those inside the container and those outside (clamoring to enter) or that of a dam threatening to burst. The associated metaphors communicate a political myth of invasion and of a perceived threat to the invaded population (MONTAGUT; MORAGAS-FERNÁNDEZ, 2020, p. 72).

baseadas a partir de metáforas, usadas de forma depreciativa contra o refúgio. “If taken to their extreme, as indicated by the metaphor, the effect of these discourses can certainly be dehumanizing” (PETERSSON; KAINZ, 2017, p. 58). Dessa forma, a partir da composição destas metáforas, pode-se inferir que, dependendo de como serão usadas e o seu acento de valor depreciativo ou elogioso, alguns países, fluxos migratórios, refugiados nem serão considerados com algum estatuto de humanos, sendo desumanizados, criminalizados e caracterizados como “hóspedes indesejados” e “merda”.

### **3.3 “ONDA” DE REFUGIADOS: “pessoas são objetos”, “pessoas são líquidos”, “pessoas são estados da natureza”**

O primeiro exemplo deste capítulo deteve-se na apresentação de um uso elogioso da metáfora “migrantes/refugiados são hóspedes” e da metáfora conceptual “*NATION AS HOME*”, como forma de hospitalidade e acolhimento a refugiados por meio da criação de uma rede de assistência, especificamente na cidade de Seattle (EUA). Também ressaltou-se um uso depreciativo a partir das metáforas presentes no discurso do ex-presidente Trump (“países de merda” e “países do Sul Global são merda”). A partir destas metáforas, discutiu-se acerca da metáfora mais fundamental “COISAS RUINS SÃO MERDAS”, presente implicitamente no discurso na reportagem. A intenção foi analisar como, a partir do acento de valor depreciativo, refugiados não serão considerados como pessoas, mas serão desumanizados, caracterizados como “merda”.

A tematização acerca da valoração através das metáforas já aparece desde Aristóteles, como ressaltado no primeiro capítulo desta dissertação. No livro III da *Retórica*, Aristóteles aproxima as metáforas de epítetos na passagem de Orestes, que pode ser visto como assassino de sua mãe ou vingador de seu pai (ARISTÓTELES, III, 2005). A metáfora pode ser usada tanto para elogiar ou atacar, ou seja, é possível elogiar ou atacar usando a mesma expressão metafórica. Em relação ao contexto do refúgio, pode-se perceber como metáforas podem ser usadas para acolher ou hostilizar.

Tendo isso em mente, neste momento da discussão a intenção é deixar mais elucidativo, a partir de outro exemplo, a comparação entre a hostilidade e a hospitalidade a partir do uso das metáforas acerca do refúgio em discursos políticos. O esforço nesta seção é contrastar a valoração implícita em metáforas aplicadas a fluxos migratórios forçados, distintos, a fim de compreender como as metáforas são usadas em discursos políticos para



valorar alguns fluxos e, como dependendo do acento de valor dado, quais as consequências para o acolhimento ou não destas pessoas.

É possível observar o uso político da metáfora em discussões, em contextos contemporâneos, como, por exemplo, diante do cenário atual dos deslocamentos migratórios forçados advindos da Guerra da Ucrânia. Segundo dados do ACNUR (2022), um mês após o início da guerra na Ucrânia, quase um quarto da população do país está deslocada. “Em um mês, mais de 10 milhões de pessoas foram obrigadas a fugir. [...] Mais de 6,5 milhões de pessoas estão deslocadas dentro da Ucrânia e 3,7 milhões de pessoas foram forçadas a fugir do país” (ACNUR, 2022, n. p.). Com diversos fluxos de refugiados distintos, e com motivos diferentes para se deslocar e fugir de seu país, a reportagem *Europe Welcomes Ukrainian Refugees – others Less so* (Europa dá as boas-vindas aos refugiados ucranianos – outros nem tanto) (NEWSY, 2022), enfoca como existem tratamentos distintos, dependendo do país de origem e do fluxo migratório. A notícia compara o tratamento distinto para refugiados do Oriente Médio e da África em relação ao tratamento dado aos refugiados ucranianos. A reportagem enfatiza como refugiados ucranianos estão sendo *heartily welcomed* por líderes de países como Polônia, Hungria, Bulgária, Moldávia e Romênia. Contudo, esse mesmo tratamento não é visto quando refugiados advindos do Oriente Médio e da África chegam à Europa.

Essa diferença se expressa de forma nociva e violenta em metáforas presentes em discursos de líderes políticos, como, por exemplo, o discurso do Primeiro-ministro búlgaro Kiril Petkov, sobre os refugiados ucranianos em fevereiro de 2022: “[...] estas pessoas são inteligentes, são pessoas educadas [...]. Esta não é uma onda de refugiados a que estamos acostumados, pessoas que não tínhamos certeza de sua identidade, pessoas com passado obscuro, que poderiam até ter sido terroristas [...]” (NEWSY, 2022, n. p., grifo nosso, tradução nossa)<sup>138</sup>. O ministro ainda acrescenta que “[...] não existe agora um único país europeu que tenha medo da atual onda de refugiados” (NEWSY, 2022, n. p., grifo nosso, tradução nossa)<sup>139</sup>.

O primeiro ponto a ressaltar, a partir deste exemplo, é sobre a metáfora da “onda” (*wave*). Nesta reportagem, observa-se como os refugiados são comparados com uma “onda”, um “estado da natureza”. A partir deste exemplo infere-se como metáfora situada “refugiados

<sup>138</sup> “[...] these people are intelligent, They are educated people... This is not refugee wave we have been used to, people we were not sure about their identity, people with unclear pasts, who could have been even terrorists [...]” (NEWSY, 2022, n. p., grifo nosso).

<sup>139</sup> “[...] there is not a single European country now which is afraid of the current wave of refugees” (NEWSY, 2022, n. p., grifo nosso).

são uma *onda*”. Diante desta metáfora, também se pode inferir outra metáfora situada (“refugiados são um desastre natural”), que se conecta com a metáfora da “onda”. Estes são alguns dos exemplos de como mais de uma metáfora pode se conectar com outras, e como conceitos metafóricos criam um coerente sistema de expressões metafóricas correspondentes, como: “estado de natureza”, “desastre natural”, “avalanche”, “fluxo”, dentre outros. A partir destas metáforas, formam-se ramificações, como ressaltam Lakoff e Johnson (2003). Para os autores, conceitos metafóricos “[...] formam um sistema único baseado na subcategorização caracterizada por ramificações entre metáforas” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 9).

Lakoff e Johnson (2003, p. 96), no capítulo 16 de sua obra *Metaphors We Live By*, discorrem acerca da importância de analisar a coerência entre duas estruturas metafóricas. No caso, os autores analisaram o conceito de *ARGUMENT* (discussão). Pois, segundo os autores, as ramificações metafóricas em muitos destes casos desempenham um papel essencial para ligar as instâncias de uma única estruturação metafórica de um conceito (como, por exemplo, nas instâncias da metáfora *AN ARGUMENT IS A JOURNEY*, uma discussão é uma jornada). Outro ponto focado por Lakoff e Johnson (2003) é que os desdobramentos metafóricos também desempenham um papel essencial ao ligar duas estruturas metafóricas diferentes de um mesmo conceito (como nas metáforas de *JOURNEY* [viagem] e de *CONTAINER* [contêiner] para *ARGUMENT* [discussão]). Desse modo, para os autores, uma vinculação metafórica compartilhada pode estabelecer uma correspondência metafórica cruzada. Assim, destacamos como os exemplos acima (“desastre natural”, “avalanche”, “fluxo”, são alguns dos exemplos de ramificações que se conectam com a metáfora da “onda”. Como ressaltado por Lakoff e Johnson, “[...] as diversas estruturas metafóricas de um conceito servem a diferentes propósitos, destacando diferentes aspectos do conceito” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 96, tradução nossa)<sup>140</sup>.

Como, por exemplo, segundo Peterson e Kainz (2017), muitas vezes fluxos migratórios também são caracterizados como desastres naturais:

[...] a maioria das metáforas aludindo à natureza, e os desastres foram conceituados em torno da noção de água e aludiram aos “fluxos” e “riachos” de refugiados, ao “represamento de redes de contrabando humano” ou ao potencial “infiltração de terroristas” no respectivo país. [...] metáforas retratando eventos naturais e desastres tendem a enquadrar uma ação política restritiva como elemento chave para manter a soberania e o controle do Estado sobre territórios nacionais (PETERSON; KAINZ, 2017, p. 53-54, tradução nossa)<sup>141</sup>.

<sup>140</sup> “The various metaphorical structuring of a concept serve different purposes by highlighting different aspects of the concept” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 96).

<sup>141</sup> [...] most metaphors alluding to natural, and disasters were conceptualized around the notion of water and alluded to the “flows” and “streams” of refugees, the “damming up of human smuggling networks” or the

Desse modo, quando fluxos migratórios são associados a desastres naturais, vê-se como o acento de valor dado a esta correspondência viabiliza uma atitude de afastamento, fechamento de fronteiras em prol de uma segurança e proteção daqueles que fazem parte de um determinado território. Observa-se um processo de desumanização<sup>142</sup>, principalmente no uso da metáfora da “onda” (refugiados são uma onda), associando fluxos migratórios forçados (principalmente, como ressaltado nas seções anteriores, os considerados *unwelcomes*), como *wave* (onda). Desse modo, um dos principais domínios-fontes encontrados (PETERSSON; KAINZ, 2017) acerca do refúgio é ligado a eventos naturais e desastres.

Refugiados, frequentemente são tratados como problema a ser enfrentado, despersonalizados e controlados. A partir do exemplo da reportagem (“esta não é uma *onda de refugiados* a que estamos acostumados”), pode-se inferir também algumas metáforas mais basilares como as metáforas conceptuais “PESSOAS SÃO OBJETOS”, “PESSOAS SÃO LÍQUIDOS” e “PESSOAS SÃO ESTADOS DE NATUREZA”. Adiante, realizam-se algumas considerações e análises sobre estas metáforas conceptuais.

No que tange a metáfora conceptual de fundo “PESSOAS SÃO OBJETOS”, implícita e subjacente às metáforas situadas na notícia, percebe-se a sua recorrência em discursos políticos. Frequentemente, a metáfora é usada para caracterizar fluxos migratórios advindos de países do Sul Global, de países antes colonizados, de países considerados não-desenvolvidos, ou para caracterizar um grande número de refugiados de países desqualificados como “coisas ruins” (como na metáfora, na reportagem da fala do ex-presidente Donald Trump apresentada anteriormente, “COISAS RUINS SÃO MERDA”).

A metáfora “PESSOAS SÃO OBJETOS” possui como domínio-alvo “pessoas”, e como domínio-fonte “objetos”. A partir desta metáfora, observa-se claramente um licenciamento de ações, pois consegue adesão pública quando discute dessa maneira, ou seja, objetivando e desumanizando estas populações. Pessoas podem ser caracterizadas como objetos, e refugiados podem ser caracterizados como objetos, e, a partir desta categorização o intuito ao usar tais metáforas conceptuais pode ser o de manobrar a opinião pública para uma gestão violenta de contenção, criminalização, ou como forma de criar uma massa amorfa

---

potential “seeping in of terrorists” into the respective country. [...] metaphors depicting natural events and disasters tend to frame restrictive political action as a key element in order to retain state sovereignty and control over national territories (PETERSON; KAINZ, 2017, p. 53-54).

<sup>142</sup> Esse acento de valor dado a tais populações pode ser reforçado por outras metáforas que possuem uma visão acerca dos imigrantes/refugiados, como *Dirty* (BAIDER; KOPYTOWSKA, 2017), como animais (O'BRIEN, 2003; MONTAGUT; MORAGAS-FERNÁNDEZ, 2020), como parasitas (MUSOLFF, 2015) ou mesmo como monstros e *zombies* (MUSOLFF, 2017).

de gente vista como “coisas” e “objetos” – viu-se essa consequência no exemplo elucidado anteriormente sobre a política de “tolerância zero” do ex-presidente Donald Trump. A necessidade de ordem e fechamento das fronteiras nacionais é vista como tentativa de controle e afastamento destes “objetos”, “coisas”, “problemas”, “desastres”, *waves* (ondas) que chegam (PETERSSON; KAINZ, 2017).

Acerca da metáfora conceptual “PESSOAS SÃO LÍQUIDOS”, infere-se como domínio-alvo “pessoas” e como domínio-fonte “líquido”. Taylor (2021) também reforça o uso da metáfora “PESSOAS SÃO LÍQUIDOS” para caracterizar populações migratórias, à medida que apresenta algumas metáforas, relacionando migrantes a “líquido”, “fluxo”, “água”. Para a autora:

A metáfora MIGRANTES SÃO LÍQUIDOS (vários chamados de MIGRANTES SÃO ÁGUAS PERIGOSAS, MIGRANTES SÃO LÍQUIDOS ou como um subconjunto de MIGRANTES SÃO UM DESASTRE NATURAL) foi identificada em discursos sobre migração em diferentes contextos nacionais (TAYLOR, 2021, p. 469)<sup>143</sup>.

A partir de tal metáfora, observam-se alguns desdobramentos ao se referir às populações migratórias, como: *inundated* (inundado), *pour* (derramado), *wave* (onda), *flow* (fluxo) (TAYLOR, 2021). Pessoas podem ser descritas, como, por exemplo, uma “onda” de manifestantes, migrantes, refugiados, fluxos de pessoas, uma avalanche de ilegais etc. Eriksson (2019) apresenta alguns domínios-fonte acerca do refúgio e migração. A autora apresenta, como domínios-alvo, “migração” e “refúgio”, e como domínios-fonte “*water* (água)”, “opponent”, “*domestic animal*” (animal doméstico), “*Applied force*” (força aplicada), “*Enemy*” (inimigo), “*substance*” (substância), dentre outros observados. A autora (2019) dá um exemplo elucidativo, quando ressalta como a metáfora *migrants are liquid* (migrantes são líquidos) pode ser vista em expressões metafóricas usadas em discursos políticos. Muitas das vezes é possível ver discursos, como: *volume of immigration must be reduced* (“volume” de imigração deve ser reduzido), ou *volumes of people that arrive* (“volume” de pessoas que chegam). Tal uso da expressão metafórica “volume” não fica tão evidente o acento de valor pejorativo:

Em geral, parece que a água é um domínio-fonte comum ao conceituar a migração em inglês, sueco e espanhol, mas algumas expressões metafóricas são mais convencionais e aceitas do que outras. Palavras que implicam algum tipo de desastre, como inundação e alagamento, têm conotações negativas e podem ser um

<sup>143</sup> The MIGRANTS ARE LIQUID metaphor (variously referred to as MIGRANTS ARE DANGEROUS WATER, MIGRANTS ARE LIQUID or as a subset of MIGRANTS ARE A NATURAL DISASTER) has been identified in migration discourses across different national contexts (TAYLOR, 2021, p. 469).

reflexo de descontentamento com a migração. Outras palavras, como fluxo e onda parecem ser bastante comuns, mas algumas podem achá-las desumanas quando usadas para se referir às pessoas. A palavra volume, no entanto, parece ser uma expressão metafórica controversa que não é bem recebida. A guerra como domínio-fonte parece ser usada mais estrategicamente, pelo menos com certas expressões metafóricas como invasão e sob cerco, que têm conotações negativas claras e também implicam, de certa forma, em algum tipo de desastre (ERIKSSOM, 2019, p. 7, tradução nossa)<sup>144</sup>.

Em sua análise, Eriksson (2019, p. 7) reforça como a metáfora conceptual “*REFUGEE EXODUS IS A WATER MASS*” (O ÊXODO DE REFUGIADOS É UMA MASSA DE ÁGUA) foi manifestada por expressões, como “[...] surto de refugiados, fluxo constante de refugiados sírios deslocados e afluxo de refugiados, força de pressão” (ERIKSSOM, 2019, p. 7, tradução nossa)<sup>145</sup>. Tendo em vista o pensamento do autor e o uso da metáfora, percebe-se que se apresenta um uso implícito, que a um primeiro momento aparece como descritivo, mas veicula, de modo implícito, uma valoração negativa, como uma força (onda) perigosa: “[...] a migração não é entendida aqui como algo perigoso ou ameaçador, mas a água corrente é um poderoso agente natural que tem sua própria vontade a menos que algo seja feito para controlá-la” (ERIKSSOM, 2019, p. 24, tradução nossa)<sup>146</sup>.

Segundo Moullagaliev e Khismatullina (2017), o uso de metáfora *water* (água) acerca de fluxos migratórios é frequente. Segundo os autores, *water* (água) é um dos recursos mais importantes para a existência de quaisquer organismos na terra, tendo um impacto favorável ou adverso sobre a vida. A metáfora da “água” está muito alinhada ao acento de valor dado ao refúgio e migração como uma “substância líquida”, que deve ser controlada para ser mais bem gerida. “Assim como tentamos controlar a água através da construção de barragens e outros desvios, a migração é entendida como algo que pode ser controlado com a ajuda de regulamentos, financiamento e planos de ação” (ERIKSSOM, 2019, p. 25,

---

<sup>144</sup> “Overall, it appears as though water is a common source domain when conceptualizing migration in English, Swedish and Spanish, but some metaphorical expressions are more conventional and accepted than others. Words that imply some sort of disaster, such as flood and swamped, have negative connotations and can be a reflection of discontentment with migration. Other words such as flow and wave seem to be quite common, but some might find them dehumanizing when used to refer to people. The word volume, however, appears to be a controversial metaphorical expression that is not well received. Warfare as a source domain seems to be used more strategically, at least with certain metaphorical expressions such as invasion and under siege, which have clear negative connotations and also imply, in a way, some sort of a disaster” (ERIKSSOM, 2019, p. 7).

<sup>145</sup> “[...] surge of refugees, steady trickle of displaced Syrians e refugee inflow, pressuring force” (ERIKSSOM, 2019, p. 7).

<sup>146</sup> “[...] migration is not understood as something dangerous or threatening here, but running water is a powerful natural agent that has its own will unless something is done to control it” (ERIKSSOM, 2019, p. 24).

tradução nossa)<sup>147</sup>. A “água” pode ser entendida como incontrolável e perigosa, ou como uma substância necessária, nutritiva e revigoradora. Quando entendida como incontrolável ou perigosa, esta precisa ser orientada para um determinado lugar, a fim de garantir o controle da situação, ou seja, o controle destes fluxos migratórios pelos Estados-Nação.

Cabe ressaltar que, até o momento desta seção, realizaram-se duas considerações acerca do exemplo do discurso do Primeiro-ministro búlgaro Kiril Petkov sobre os refugiados ucranianos em fevereiro de 2022: “[...] estas pessoas são inteligentes, são pessoas educadas [...]. Esta não é uma onda de refugiados a que estamos acostumados, pessoas que não tínhamos certeza de sua identidade, pessoas com passado obscuro, que poderiam até ter sido terroristas [...]” (NEWSY, 2022, n. p., grifo nosso, tradução nossa)<sup>148</sup>. Primeiramente, enfocam-se as análises das metáforas situadas presentes na notícia e, posteriormente, iniciam-se algumas considerações acerca das metáforas conceptuais subjacentes à reportagem. Perpassam-se duas metáforas até o presente momento: “PESSOAS SÃO OBJETOS” e “PESSOAS SÃO LÍQUIDOS”. Dando continuidade à análise da metáfora da “onda de refugiados” (Refugiados são uma onda) e suas metáforas de fundo, continuam-se, neste momento da escrita, algumas considerações acerca da metáfora conceptual “PESSOAS SÃO ESTADOS DE NATUREZA”. Pois, como reforçam Lakoff e Johnson (2003), “[...] onde há uma sobreposição de propósitos, há uma sobreposição de metáforas e, portanto, uma coerência entre elas. [...] Em geral, a consistência completa entre metáforas é rara; a coerência, por outro lado, é típica” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 96, tradução nossa)<sup>149</sup>.

Em relação à metáfora conceptual “PESSOAS SÃO ESTADOS DE NATUREZA”, é possível ressaltar uma construção de esquemas metafóricos que transmitem um acento de valor negativo indutor de pânico, pois muitas vezes este “estado de natureza” é caracterizado como “desastre”, que chega em direção ao país receptor. Tais imagens descrevem um acento valorativo inesperado, e quase inevitável do comportamento de um “desastre”. Pessoas podem ser consideradas como um estado de natureza; no caso dos refugiados, estes são considerados como “desastres naturais”. Há exemplos também que caracterizam o refúgio como “avalanche”. Montagut e Moragas-Fernández (2002), e Wodak

<sup>147</sup> “Just like we try to control water by building dams and other diversions, migration is understood as something that can be controlled with the help of regulations, funding and action plans” (ERIKSSOM, 2019, p. 25).

<sup>148</sup> “[...] these people are intelligent, They are educated people... This is not refugee wave we have been used to, people we were not sure about their identity, people with unclear pasts, who could have been even terrorists [...]” (NEWSY, 2022, n. p., grifo nosso).

<sup>149</sup> “[...] where there is a overlapping of purposes, there is an overlapping of metaphors and hence a coherence between them. [...] In general, complete consistency across metaphors is rare; coherence, on the other hand, is typical” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 96).

e Sedlak (2000), elucidam como a imigração é conceitualizada a partir de termos como “avalanche”, *wave* (onda), *flow* (fluxo) ou *flood* (inundação). Os autores procuram mostrar que, em geral, o uso das metáforas nos discursos sobre a migração e o refúgio, tem apresentado um acento de valor negativo, principalmente a partir de esquemas imagéticos, como: *spontaneity*, *uncontrollability*, *destructive force* (MOULLAGALIEV; KHISMATULLINA, 2017).

O problema da imigração (particularmente do México e dos países da América Latina<sup>150</sup>) é especialmente agudo na mídia americana, onde a migração é comparada a um desastre natural, como inundações, tempestades, tsunamis. Os discursos da mídia britânica e russa são dominados pelas expressões metafóricas relacionadas ao “Movimento da Água” (entrada, fluxo, saída, onda), que também têm vetores negativos de surpresa e confusão (MOULLAGALIEV; KHISMATULLINA, 2017, p. 134, tradução nossa)<sup>151</sup>.

Como reforçam Peterson e Kainz (2017), “[...] metáforas representando eventos naturais e desastres tendem a enquadrar uma ação política restritiva como elemento chave para manter a soberania e o controle do Estado sobre territórios nacionais” (PETERSON; KAINZ, 2017, p. 54, tradução nossa)<sup>152</sup>. Assim, determinados países se “protegem” destas ondas de “coisas ruins” e de “merda”. “Se levado ao extremo, como indicado pelas metáforas apresentadas, o efeito destes discursos pode certamente ser desumanizador” (PETERSSON; KAINZ, 2017, p. 58, tradução nossa)<sup>153</sup>. Tais metáforas ocasionam uma desumanização destes fluxos de pessoas, pois são colocados como desastres naturais: “[...] migrantes do Haiti inundaram a fronteira sul do México desde a última primavera” (MOULLAGALIEV; KHISMATULLINA, 2017, p. 134, tradução nossa)<sup>154</sup>.

<sup>150</sup> Cabe ressaltar que, como visto na seção anterior acerca da metáfora “países de merda”, “países do Sul Global são merda”, é comum perceber um uso destas metáforas depreciando países considerados “inferiores”, “subdesenvolvidos”. Países do Sul Global são constantemente vistos como “inferiores”, tal olhar é embebido por visões xenofóbicas e racistas, bem como podem ser vistas como um resquício de uma lógica colonizatória. Dessa forma, pessoas destes países são frequentemente desumanizadas e objetivadas em discursos políticos e na mídia. Pode-se observar esta mesma lógica a partir das metáforas usadas para descrever o fluxo de migrantes e refugiados advindos de países considerados superiores, e advindos de países considerados inferiores, como países do Sul Global.

<sup>151</sup> The problem of immigration (particularly from Mexico and Latin American countries) is especially acute in the American media, where migration is likened to a natural disaster, like flood, storm, tsunami. The British and Russian media discourses are dominated by the metaphors of the “Water movement” frame (inflow, flow, outflow, wave), which also have negative vectors of surprise and confusion (MOULLAGALIEV; KHISMATULLINA, 2017, p. 134).

<sup>152</sup> “[...] metaphors depicting natural events and disasters tend to frame restrictive political action as a key element in order to retain state sovereignty and control over national territories” (PETERSON; KAINZ, 2017, p. 54).

<sup>153</sup> “If taken to their extreme, as indicated by the metaphor, the effect of these discourses can certainly be dehumanizing” (PETERSSON; KAINZ, 2017, p. 58).

<sup>154</sup> “[...] migrants from Haiti have flooded the southern border of Mexico since last spring” (MOULLAGALIEV; KHISMATULLINA, 2017, p. 134).

Desse modo, tais exemplos contribuem para um acento de valor comumente presente na oposição entre quem é considerado como “nós” dentro do seio de cada Estado-nação, e quem são os considerados “outros”, ou seja, são descritos em discursos midiáticos ou políticos como *flows* (fluxos) e *waves* (ondas) dentro do território do país receptor. É a partir de metáforas como estas que políticas de segurança/“proteção” das fronteiras são vistas como necessárias e inevitáveis, pois é importante se proteger destas catástrofes naturais, destes fluxos migratórios. O acento de valor dado aqui para tais fluxos é destrutivo, pois grandes fluxos de refugiados são vistos como uma “avalanche” que destrói tudo que está em seu caminho. Por isso, a suposta necessidade de fechamento de fronteiras.

Outra perspectiva de análise possível, a partir do exemplo do discurso do Primeiro-ministro búlgaro Kiril Petkov, sobre os refugiados ucranianos é a partir do acento de valor racista nas palavras do ministro, bem como uma diferenciação implícita do uso da metáfora para caracterizar uma determinada “onda de refugiados” com “*unclear past*”. O foco, neste momento, será na análise do trecho da reportagem “pessoas com passado obscuro, que poderiam até ter sido terroristas”. Pode-se inferir, a partir deste exemplo, as metáforas situadas: “pessoas com passado obscuro são terroristas”, “refugiados são terroristas”, “refugiados são perigosos”, “refugiados são obscuros”, dentre outras. No exemplo desta reportagem, o Primeiro-ministro se referia a refugiados advindos do Oriente Médio e da África.

A reportagem ressalta como o trato dado pelo ministro, em relação aos fluxos migratórios de 2015, mudou o seu discurso quando se tratava dos fluxos migratórios advindos da Ucrânia, de um discurso de *we aren't going to let “anyone” in* (não vamos deixar “ninguém” entrar) para *we're letting “everyone” in* (estamos deixando “todos” entrarem). O primeiro comentário (não vamos deixar ninguém entrar) foi usado pelo ministro ao se referir aos refugiados (com “passados” obscuros) advindos do Oriente Médio e da África, e o segundo comentário (estamos deixando todos entrarem) foi usado pelo ministro ao enfatizar uma política migratória de abertura em relação aos refugiados ucranianos (estes não possuem “passado obscuro”).

A reportagem enfatiza como alguns jornalistas associavam refugiados ucranianos como:

[...] prósperos, pessoas de classe média [...] ou [...] estes não são obviamente refugiados tentando fugir de áreas do Oriente Médio [...] no Norte da África, ou mesmo, usavam discursos como [...] eles se parecem com qualquer família



européia para a qual você viveria ao lado (NEWSY, 2022, n. p., grifo nosso, tradução nossa)<sup>155</sup>.

Na mesma reportagem, o jornalista sírio Okba Mohammad ressalta o caráter racista na fala do líder político, e enfatiza: “[...] um refugiado é um refugiado, seja europeu, africano ou asiático” (NEWSY, 2022, n. p., tradução nossa)<sup>156</sup>.

É possível perceber como alguns países, como ressaltado na fala do ex-presidente Donald Trump e na fala do ministro búlgaro Kiril Petkov, são considerados inferiores, e como a metáfora desempenha um papel na reificação de seus habitantes. Quando o ministro em sua fala “ressalta” como os fluxos de refugiados ucranianos não são aqueles que ele está acostumado a receber, ou seja, com *unclear pasts* (passados obscuros), pois não se “assemelham”, não são considerados “parecidos aos europeus” (a uma família europeia), observa-se um corte, um acento de valor xenofóbico e racista. Nesse momento observa-se como as metáforas são inseparáveis das circunstâncias em que são pronunciadas, pois sempre refletem convenções discursivas e compromissos ideológicos. Tanto o Primeiro-ministro quanto o ex-presidente compartilham compromissos ideológicos racistas e xenofóbicos. Como resalta Eubanks (1999), é necessário compreender a importância das histórias de licenciamento para a compreensão e avaliação da metáfora.

Nota-se, portanto, que a partir do exemplo tirado da reportagem, pode-se inferir que refugiados ucranianos são caracterizados como inteligentes, pessoas semelhantes ao fenótipo europeu (*these people are Europeans*), por isso são bem-vindos. Ou seja, a metáfora *refugee are guests* (refugiados são hóspedes) não se aplica para todos. O uso destas metáforas no trecho, neste momento, possibilita a acolhida de alguns fluxos de refugiados e interdita o acolhimento e a assistência a outros, pois alguns *look like any European Family* (se parecem com qualquer família europeia) e outros com *unclear pasts* (passados obscuros), segundo a reportagem, podem ser considerados como hóspedes indesejados (*unwelcome guests*) ou até pior: são criminalizados e caracterizados como terroristas.

Observa-se como a metáfora conceptual *NATION AS A HOME* está subjacente ao recorte dado a alguns fluxos de refugiados, também neste exemplo. Assim, “outros” refugiados são considerados sem identidade (não europeus), com *unclear pasts* (passado obscuro), *terrorists* (terroristas) ou de “países de merda”. A própria reportagem ressalta que

<sup>155</sup> “[...] prosperous, Middle-class people [...]” ou “[...] these are not obviously refugees trying to get away from areas in the Middle East [...] in North Africa”, ou mesmo, usavam discursos como “[...] they look like any European family that you would live next door to” (NEWSY, 2022, n. p., grifo nosso).

<sup>156</sup> “[...] a refugee is a refugee, whether European, African or Asian” (NEWSY, 2022, n. p.).

a *CBS News* também pediu desculpas depois que um de seus correspondentes disse que o conflito em Kyiv não era “[...] como o Iraque ou o Afeganistão, que há décadas assiste a um conflito. Esta é uma cidade relativamente civilizada, relativamente europeia” (NEWSY, 2022, n. p.)<sup>157</sup>.

Também foi possível encontrar em outra reportagem – *Why didn't Syrian refugees get the same welcome?* (Por que os refugiados sírios não tiveram o mesmo acolhimento?) – (EXBERLINER, 2002), um movimento semelhante acerca do trato com grupos de refugiados ucranianos em relação a outros fluxos de refugiados como advindos da Síria. A reportagem ressalta que o modo de tratar é totalmente diferente, pois refugiados ucranianos seriam considerados brancos, cristãos e quase exclusivamente mulheres e crianças. Segundo o ministro do interior da Alemanha, o que deveria ser feito é salvar estas vidas, pois “[...] temos guerra no meio da Europa” (EXBERLINER, 2022, n. p., tradução nossa)<sup>158</sup>. Assim, a partir deste trecho, pode-se compreender o acento valorativo no modo de descrever tais populações anteriormente descritas na reportagem anterior como “civilizadas”, relativamente europeias. O acento de valor presente nestas reportagens retifica e caracteriza um olhar racista para determinados grupos de refugiados como civilizados e outros não civilizados. Os que advêm ou possuem uma “identidade” europeia são bem-vindos, e os que não possuem são considerados como inimigos, incivilizados. O próprio repórter da *CBS News* em Kyiv falou que Kyiv “[...] não é um lugar, com todo respeito, como o Iraque ou o Afeganistão” (EXBERLINER, 2002, n. p., tradução nossa)<sup>159</sup>. A partir destes exemplos, observa-se o papel da ideologia na valoração dada a estas populações. Como ressaltou Voloshínov (2018, p. 10), “[...] todo signo ideológico é determinado por um horizonte social”, no caso destes trechos, um horizonte social racista e xenofóbico, viver é “[...] assumir posições axiológicas a cada momento da vida ou posicionar-se em relação a valores” (BAKHTIN, 1995, p. 187-188).

Desse modo, infere-se, a partir dos exemplos até o presente momento neste último capítulo, que “refugiados não europeus são merda”/“países não europeus são merda”/“não-europeus são merda”; com *unclear pasts* (passados obscuros). O que se vê, portanto, é um entrelace entre metáforas, acentos de valor, ideologias e licenciamentos de ações.

---

<sup>157</sup> “[...] like Iraq or Afghanistan that has seen conflict raging for decades. This is a relatively civilized, relatively European city” (NEWSY, 2022, n. p.).

<sup>158</sup> “[...] we have war in the Middle of Europe” (EXBERLINER, 2022, n. p.).

<sup>159</sup> “[...] isn't a place, with all due respect, you know, like Iraq or Afghanistan” (EXBERLINER, 2002, n. p.).

### 3.4 HOSPITALIDADES E HOSTILIDADES NO CONTEXTO DO REFÚGIO: “O anjo protetor dos refugiados” ou “A bruxa desalmada”

Lakoff e Johnson (2003), em sua obra *Metaphors We Live By*, no capítulo 17, discorrem sobre como metáforas distintas são usadas de modo complementar. Para os autores, metáforas distintas quando são usadas de modo complementar, muitas vezes querem mostrar um esquema imagético de fundo, ou seja, podem ser conjugadas por uma certa caracterização de um cenário, de uma configuração política mais ampla:

[...] uma metáfora funciona quando satisfaz um propósito, ou seja, a compreensão de um aspecto do conceito. Quando duas metáforas satisfazem com sucesso dois propósitos, então sobreposições nos propósitos corresponderão a sobreposições nas metáforas. Tais sobreposições, afirmamos, podem ser caracterizadas sem termos de implicações metafóricas compartilhadas e as correspondências entre metáforas estabelecidas por elas (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 97, tradução nossa)<sup>160</sup>.

Neste momento do capítulo, a intenção é analisar de forma mais detida este cruzamento de metáforas presentes em uma mesma reportagem. O esforço nesta seção é mostrar como este cruzamento de metáforas demonstra a própria força do uso da metáfora, principalmente para influenciar a opinião pública e focar determinados tratos voltados para o acolhimento ou à hostilidade diante do trato com populações em situação de refúgio.

Lakoff e Johnson (2003), em seu capítulo 17, ressaltam que “[...] o mais importante a ter em mente ao longo da discussão sobre coerência [metafórica] é o papel do propósito. Uma estruturação metafórica de um conceito [...] nos permite ter uma ideia sobre um aspecto do conceito” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 97, grifo nosso, tradução nossa)<sup>161</sup>. Os autores discorrem, por exemplo, sobre a metáfora da *JOURNEY* (VIAGEM) para a metáfora de *ARGUMENTS* (discussão). Para eles, quando duas metáforas satisfazem com sucesso dois propósitos, então tais sobreposições podem ser caracterizadas em termos de implicações metafóricas compartilhadas e as correspondências entre metáforas estabelecidas por elas. Eles ainda reforçam que há duas questões importantes para se levar em conta:

<sup>160</sup> “[...] Thus a metaphor works when it satisfies a purpose, namely, understanding an aspect of the concept. When two metaphors successfully satisfy two purposes, then overlaps in the purposes will correspond to overlaps in the metaphors. Such overlaps, we claim, can be characterized in terms of shared metaphorical entailments and the cross-metaphorical correspondences established by them” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 97).

<sup>161</sup> “The most important thing to bear in mind throughout our discussion of coherence is the role of purpose. A metaphorical structuring [...] allows us to get a handle on one aspect of the concept” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 97).

(1) Muitas vezes há muitas metáforas que estruturam parcialmente um único conceito e (2) quando utilizamos um conceito, utilizamos outros conceitos que são eles mesmos entendidos em termos metafóricos o que leva a uma maior sobreposição de metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 97, tradução nossa)<sup>162</sup>.

Segundo Lakoff e Johnson (2003), pode-se isolar os fatores que levam a tais complexidades, examinando, por exemplo, melhor o conceito de *ARGUMENT* (argumentos/discussão). Eles reforçam que, em geral, os argumentos servem ao propósito da compreensão, pois constroem-se argumentos quando se precisa mostrar as conexões entre coisas que são óbvias – que se tomam como certas –, e outras que não são óbvias. Faz-se reunindo ideias, e estas constituem o próprio conteúdo do conceito de *ARGUMENT* (argumento). Em resumo, para os autores, as várias metáforas de *ARGUMENT* (argumento) têm o propósito de proporcionar uma compreensão de determinados aspectos do conceito. Eles elucidam, por exemplo, que a metáfora *JOURNEY* (jornada) enfoca pelo menos o “conteúdo” e o “progresso”, e que a metáfora *CONTAINER* (contêiner) enfoca pelo menos o “conteúdo”, e que há uma sobreposição baseada no “acúmulo progressivo de conteúdo”. Mas, para Lakoff e Johnson (2003), estas duas metáforas atravessam ainda mais propósitos, e estão envolvidas em coerências ainda mais complexas. Pode-se ver isso considerando uma terceira metáfora para “argumento”:

“UM ARGUMENTO É UM EDIFÍCIO  
Temos a estrutura para um argumento sólido  
Se você não apoiar seu argumento com fatos sólidos, a coisa toda entrará em colapso.  
Ele está tentando reforçar sua argumentação com muitos fatos irrelevantes, mas ainda é tão instável que facilmente se desfaz sob críticas  
Com as bases que você tem, você pode construir um argumento bastante forte”.  
(LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 98, tradução nossa)<sup>163</sup>.

Dito de outro modo, para Lakoff e Johnson (2003), juntas, as metáforas *JOURNEY* (jornada), *CONTAINER* (contêiner) e *BUILDING* (edifício) concentram-se em todos os aspectos acima do conceito *ARGUMENT* (argumento/discussão). Os autores

<sup>162</sup> “(1) there are often many metaphors that partially structure a single concept and (2) when we discuss one concept, we use other concepts that are themselves understood in metaphorical terms, which leads to further overlapping of metaphors” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 97).

<sup>163</sup> “AN ARGUMENT IS A BUILDING  
We’ve got the framework for a solid argument  
If you don’t support your argument with solid facts, the whole thing will collapse  
He is trying to buttress his argument with a lot of irrelevant facts, but it is still so shaky that it will easily fall apart under criticism  
With the groundwork you’ve got, you can construct a pretty strong argument” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 98).

elucidam alguns exemplos de como eles compreendem cada um desses aspectos em termos de metáforas:

*JORNADA*

*Até agora, ainda não cobrimos muito terreno. (progresso, conteúdo)*

*Este é um argumento de rotunda. (Direto)*

*É preciso ir mais longe para ver claramente o que está envolvido. (progresso, obviedade)*

*CONTÊINER*

*Você tem todo o direito em sua argumentação, mas a argumentação ainda não é transparente. (conteúdo, progresso, clareza)*

*Estas ideias formam o núcleo sólido do argumento. (força, basicidade)*

*EDIFÍCIO*

*Temos uma base para o argumento, agora precisamos de uma estrutura sólida... (basicidade, força, estrutura)*

*Agora construímos a maior parte do argumento. (progresso, conteúdo). (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 99).*

Assim, para os autores, tanto VIAGEM, quanto o *CONTÊINER* definiram superfícies entre as metáforas *JOURNEY* (viagem) e *CONTAINER* (contêiner). O fato de um edifício também ter uma superfície, uma fundação torna possível sobreposições adicionais com a metáfora *BUILDING* (edifício). A partir da análise dos autores, percebe-se como metáforas distintas, quando são usadas de modo complementar, muitas vezes querem mostrar um esquema imagético de fundo, e podem ser conjugadas por certa caracterização de um cenário.

Na reportagem da Revista Época (2015), “*Angela Merkel: o anjo protetor dos refugiados*”, é possível observar duas ocorrências de metáforas que podem servir para algumas considerações importantes para análises nesta dissertação. O contexto geral da reportagem é sobre a crise do refúgio e da política da *chanceler* da Alemanha, Angela Merkel, diante da recepção de refugiados no país. A *chanceler* alemã abriu uma “[...] exceção às regras de asilo da União Europeia para receber mais 20 mil imigrantes sírios presos na Hungria” (REVISTA ÉPOCA, 2015, n. p.). A notícia apresenta a visita da *chanceler* em um campo de refugiados, e, como a partir desta visita e das mudanças em relação às regras de asilo, Merkel “[...] deixou de ser a bruxa desalmada e ascendeu aos céus como o anjo piedoso, a mulher que abriu as portas da Europa para milhares de pessoas na pior crise de imigração na Europa” (ÉPOCA, 2015, n. p., grifo nosso).

Nesta reportagem da Revista Época (2015), é possível inferir acerca de algumas metáforas situadas presentes no trecho, como: a metáfora situada “Merkel é um anjo”, a metáfora “o anjo protetor é o que abre a porta”, dentre outras. Essas metáforas foram

utilizadas para caracterizar a *chanceler* alemã Angela Merkel, principalmente quando na reportagem o enfoque é para a visita de Merkel em um centro de refugiados em Berlim. Como forma de ilustrar tal uso da metáfora, pode-se compreender o acento de valor de acolhimento e hospitalidade para a chegada de refugiados.

Em relação a metáfora situada “Merkel é um anjo”, infere-se como domínio-fonte “Merkel” e como domínio-alvo “anjo”. Merkel é comparada a um anjo. Na metáfora situada “o anjo protetor é o que abre a porta”, infere-se como domínio-fonte “anjo protetor” e como domínio-alvo “abre a porta”. Tendo estes exemplos de metáforas situadas como foco, argumenta-se que a metáfora mais basilar é “PESSOA É ANJO”. O domínio-fonte é “pessoa” e o domínio-alvo é “anjo”.

A partir do contexto apresentado pela notícia, compreende-se que Merkel é o anjo protetor que abre as portas aos refugiados. O propósito da reportagem foi enfatizar um aspecto de hospitalidade da *chanceler* alemã a partir do uso das metáforas, caracterizando Merkel como um anjo, algo bom, angelical. Existe uma coerência metafórica presente neste exemplo, pois percebe-se como estas metáforas servem com um propósito: a compreensão da *chanceler* como “boa”, há um acento de valor elogioso.

No que tange ao propósito da reportagem “*Angela Merkel: o anjo protetor dos refugiados*”, o intuito da notícia foi enfatizar um aspecto de hospitalidade da *chanceler* alemã a partir do uso das metáforas. A partir do uso de metáforas situadas como “Merkel é um anjo”, “Anjo é o que abre as portas”, “Anjo protetor é o que abre as portas”, “Merkel é um anjo protetor”, bem como a metáfora mais fundamental neste exemplo “PESSOA É ANJO”. Os usos das metáforas servem para mostrar um determinado esquema imagético de fundo, ou seja, pretendem conjugar um determinado cenário, contexto de hospitalidade em relação à atitude da *chanceler*, e são usadas para elogiar a atitude da *chanceler* e apresentar um acento valorativo positivo, caracterizando Merkel como um anjo, algo bom, angelical. Qual o cenário de fundo por meio da composição de metáforas distintas nesta reportagem?

Segundo a revista, a imagem da *chanceler* mudou de carrasca que fechava a porta para migrantes necessitados, para algo bem diferente. “Naquele campo de refugiados, Merkel deixou de ser a bruxa desalmada e ascendeu aos céus como o anjo piedoso, a mulher que abriu as portas da Europa para milhares de pessoas” (ÉPOCA, 2015, n. p., grifo nosso). Neste outro trecho da reportagem, vê-se como a composição de metáforas distintas pode influenciar e criar um outro cenário e valoração em relação à imagem da *chanceler*. As metáforas situadas que infere-se a partir destes trechos “Merkel é uma bruxa”, “bruxa é a que fecha a

porta”, “Merkel é uma bruxa desalmada”, enfocam um acento de valor pejorativo da *chanceler*, ou seja, um aspecto de hostilidade perante fluxos migratórios.

Como metáfora fundamental infere-se “PESSOA É BRUXA”, tendo como domínio-fonte “pessoa” e domínio-alvo “bruxa”. O intuito da reportagem ao usar tanto as metáforas conceptuais “PESSOA É ANJO” quanto “PESSOA É BRUXA”, foi utilizar as metáforas como instrumentos de mudança da imagem depreciativa da *chanceler* para uma imagem elogiosa (angelical). Que o “anjo” “abra” e que a “bruxa” “feche” pode ser usado para elucidar a metáfora acima e o seu contraste valorativo. A partir deste exemplo pode-se pensar como o ato de “abrir” as portas para os refugiados pode ser considerado como uma boa ação, dos céus, como reforça a reportagem. Por outro lado, vê-se como o ato de “fechar” as portas a estes fluxos migratórios pode ser caracterizado como uma atitude diabólica (“bruxa desalmada”), e não solidária. Pode-se, então, constatar como a sobreposição de metáforas pode ocorrer para a construção de um determinado cenário, e ser usada como forma de influenciar a opinião pública em discursos sobre políticos.

Neste exemplo, já no nível dos esquemas imagéticos, a metáfora primária de fundo é: “*Bom é abrir*” e “*Mau é fechar*”. Quando a notícia reforça o aspecto angelical (*good – bom*) da imagem da *chanceler*, a partir da abertura das fronteiras para refugiados, a própria notícia enfatiza como Merkel “ascendeu aos céus” (*good is up – bom é para cima*), ao mesmo tempo que a reportagem enfatiza como, a partir desta abertura, Merkel deixou de ser a “bruxa desalmada” (*bad is down – ruim é para baixo*). A reportagem apresenta a metáfora “o anjo protetor dos refugiados”, enaltecendo a figura da *chanceler*. É possível perceber como certos aspectos são realçados (*highlighted*), e outros são encobertos (*hidden*). Como ressaltaram Lakoff e Johnson (2003), realçam-se certas propriedades do objeto e ocultam-se outras, dependendo do objetivo em vista, algo que se queira compreender para certos fins com a metáfora: “[...] destacar certas propriedades é necessariamente minimizar ou ocultar outras, que é o que acontece sempre que categorizamos algo”. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 163, tradução nossa)<sup>164</sup>.

A reportagem apresenta como a política de Merkel não se mostrava inclinada a ações corajosas e, em muitos momentos, se mantinha irredutível nas suas punições financeiras e em determinados contextos de seu governo. Assim, acolher imigrantes, segundo a notícia, “[...] também ajudaria a exorcizar um pouco o passado nazista. [...] O projeto de

<sup>164</sup> “[...] to highlight certain properties is necessarily to downplay or hide others, which is what happens whenever we categorize something”. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 163).

uma união de países europeus nasceu após a guerra, com a promessa de solidariedade para os perseguidos e oprimidos” (ÉPOCA, 2015, n. p.).

Tais expressões e correlações metafóricas servem, de maneira indireta, como justificativa para barrar, diminuir ou aceitar, tanto pela repercussão na opinião pública quanto fomentando certos procedimentos ou atos legislativos, contra ou a favor de determinados fluxos de migrantes em situação de refúgio. Desta feita, é possível compreender – a partir da vinculação implícita de valor – a natureza normativa das práticas sociais vinculadas a este tema, especialmente no que tange aos seus dilemas e disputas semântico-ideológicas. Como reforçou Volochínov (1999), a palavra é a “[...] arena onde se confrontam valores” (VOLOSHÍNOV, 1999, p. 14). No exemplo também se nota a carga valorativa, ao valorar a atitude da *chanceler* de abrir as portas aos refugiados como algo superior (*up*), relacionada aos “altos ideais europeus” (ÉPOCA, 2015, n. p.). Nestes trechos, a reportagem está atribuindo um acento de valor: “[...] a política que ela promete iniciar será um teste profundo para os valores europeus e para a capacidade dos países de trabalhar em conjunto” (ÉPOCA, 2015, n. p.).

Contudo, a fim de compreender outro aspecto do uso das metáforas e a composição de metáforas distintas, na seção seguinte perpassa-se a outra dimensão da reportagem que enfoca em como a imagem da *chanceler* se insere em um contexto maior acerca das políticas migratórias em países europeus, seus aspectos solidários/bons/angelicais (de hospitalidade) ou “desalmados” (de hostilidade), para lidar com a chegada de fluxos migratórios. Como reforça Kövecses (2005), o contexto nunca é predeterminado, as relevâncias são determinadas de acordo com diversos fatores, como temperamentos dos agentes, suas visões de mundo, seus objetivos imediatos e de longo prazo. O esforço é compreender como as metáforas podem orientar, licenciar e interditar ações (EUBANKS, 2002). Quais as visões de mundo político e o sistema moral de fundo (LAKOFF, 1996)<sup>165</sup> presentes nestas metáforas acerca do contexto do refúgio? O foco neste momento das discussões será compreender as divisões, as formas de entender e atuar no contexto do refúgio, e o papel das metáforas na construção destas políticas migratórias, como elas interditam ou constroem caminhos de hospitalidade para a chegada de refugiados.

---

<sup>165</sup> Como ressaltado no primeiro capítulo deste estudo, Lakoff em *Moral Politics* (1996), analisa visões de mundo político, especificamente de conservadores e progressistas na América.



### 3.5 MANCHA NA HISTÓRIA: uma história de hostilidades

Seguindo, ainda nesta seção, a reportagem da Revista Época (2015) *Angela Merkel: o anjo protetor dos refugiados*, é possível observar duas ocorrências de metáforas que podem servir para algumas considerações importantes neste estudo. Recapitulando o contexto da reportagem, a notícia está relatando a crise do refúgio e a política da *chanceler* da Alemanha, Angela Merkel, diante da recepção de vários fluxos distintos de refugiados no país. Como visto na seção anterior, a notícia apresenta a visita da *chanceler* em um campo de refugiados, e como a partir desta visita e das mudanças em relação às regras de asilo, Merkel “[...] deixou de ser a bruxa desalmada e ascendeu aos céus como o anjo piedoso, a mulher que abriu as portas da Europa para milhares de pessoas na pior crise de imigração na Europa” (ÉPOCA, 2015, n. p., grifo nosso). A *chanceler* alemã abriu uma “[...] exceção às regras de asilo da União Europeia para receber mais 20 mil imigrantes sírios presos na Hungria” (ÉPOCA, 2015, n. p.).

A notícia ressaltou também, que acolher imigrantes ajudaria a Alemanha a exorcizar um pouco o passado nazista, responsável por milhões de fugitivos (consequência da Segunda Guerra Mundial). A reportagem relembra que o projeto de uma união de países europeus nasceu após a guerra, e com uma promessa, em 1951, em Genebra, de absorver refugiados. Foi nessa ocasião que a AGNU definiu a Convenção dos Refugiados. “Por ela, seus signatários se comprometeriam a avaliar as reivindicações feitas por qualquer pessoa em seu território e conceder asilo sempre que um refugiado tivesse fundado temor de ser perseguido” (ÉPOCA, 2015, n. p.). Contudo, segundo o historiador britânico Timothy Garton Ash, muitos “[...] países europeus têm violado a Convenção e manchado sua história” (ÉPOCA, 2015, n. p., grifo nosso).

Cabe ressaltar que a metáfora do “anjo”, analisada na seção anterior, e a metáfora aqui analisada da “mancha”, são distintas, mas é possível inferir uma complementariedade entre elas. O enfoque, neste momento, será a metáfora da “mancha” usada neste outro trecho da reportagem elucidada na fala do historiador britânico Ash (“muitos países europeus têm violado a Convenção e manchado sua história”). Um exame da metáfora “manchado sua história”, revela a recusa de fluxos migratórios por países europeus. A partir deste trecho pode-se inferir como metáfora conceptual é “RECUSA É MANCHA”, e a “mancha” (na história) é o domínio-fonte e a “recusa” (do asilo) é o domínio-alvo. A “mancha” é o domínio-fonte, pois é mais sensório-motor, e a “recusa” é o domínio-alvo pois é mais abstrato. Para Lakoff e Johnson (2003), o que se apresenta é um certo domínio da experiência em termos

de outro: eu olho para essa história como manchada. O fato de que há domínios básicos, que se pode organizar e observar na experiência com certa coerência interna, evidencia, portanto, a troca de um determinado domínio com outro metaforicamente, fazendo uma projeção, uma edição metafórica de certas propriedades enquanto se omitem outras.

Percebe-se, neste exemplo, o papel da metáfora na orientação da ação, pois nesse exemplo compreende-se o conceito, no caso “a recusa” (recusa do asilo), em termos de outra (mancha), ou seja, compreende-se que pode ser considerada como uma “mancha” na história dos países da União Europeia. Principalmente, como reforça a reportagem, essa “recusa” foi diante do passado nazista da Alemanha, responsável por milhões de fugitivos. Apesar de ser um exemplo sutil, e com a aparência de uma descrição, o historiador está criticando a atitude dos países europeus em relação aos fluxos migratórios atuais. A notícia evidencia como a atitude dos países em suas políticas migratórias contemporâneas acabam por violar a “promessa” realizada na Convenção de 1951.

A metáfora apresentada acima não é só “A RECUSA É MANCHA”. Observa-se um acento de valor neste exemplo, pois essa “mancha” é uma mancha na história. Uma mácula perene, que envolve a honra de uma nação. Neste momento, reforça-se a importância de realizar uma análise do fator axiológico de fundo, pois a reportagem traz o fator histórico e o peso que é imposto a essa “recusa”. É possível perceber um grande peso retórico neste exemplo, pois, para um país ter a sua história manchada, é necessário apresentar um caráter desonroso, desfavorável ao legado daquele próprio país. O caráter depreciativo que traria para a história do país, no caso da reportagem, a Alemanha seria a “mancha”, a sujeira (*dirt*). Manchar não é algo considerado positivo na cultura ocidental, manchar algo é deixar “marcas sujas”, pejorativas, grosseiras. Este tipo de metáfora orienta a ação e repercute na orientação da opinião pública, seja a partir de meios midiáticos ou de discursos de atores políticos.

Dito de outro modo, é possível perceber como as metáforas orientam as ações. Na própria reportagem, ao receber refugiados, Merkel não apenas agradou o eleitorado, mas rememorou “os altos ideais europeus”: “[...] se a Europa falhar na questão dos refugiados, então não será a Europa que desejávamos”, disse Merkel (ÉPOCA, 2015, n. p.). A partir deste trecho da reportagem, é possível mesmo arriscar que uma metáfora primária de fundo seria: SUJEIRA ESTÁ PARA BAIXO E LIMPO ESTÁ PARA CIMA (*DIRT IS DOWN E CLEAN IS UP*). Em relação a este tipo de metáforas, Lakoff e Johnson (2003) elucidam e esclarecem o conceito:

Examinamos o que chamamos de *metáforas estruturais*, casos em que um conceito é metaforicamente estruturado em termos de outro. Mas há outro tipo de conceito

metafórico, um que não estrutura um conceito em termos de outro, mas organiza todo um sistema de conceitos em relação uns aos outros. Vamos chamar estas metáforas de orientacionais, já que a maioria delas tem a ver com orientação espacial: para cima – para baixo, para dentro – para fora, para frente – para trás, ligado – desligado, profundo – superficial, central – periferia. Estas orientações espaciais surgem do fato de termos corpos do tipo que funcionam como em nosso ambiente físico. As metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação espacial, por exemplo, FELIZ É PARA CIMA. O fato de que o conceito FELIZ é orientado para CIMA propicia as expressões inglesas como “Estou me sentindo para cima hoje” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 14).<sup>166</sup>

Para os autores, estes tipos de metáforas não são arbitrários, eles possuem uma base nas experiências físicas e culturais. Na reportagem, quando a *chanceler* rememorou os “altos” ideais europeus, enfatizando o seu caráter “alto” (*up*) e “limpo” (*clean*), em contraponto ao caráter (aujo) “*dirt*” da “mancha” na história, é possível perceber a dimensão valorativa e como orienta a ação pública e política. Assim, quando se trata de compreender domínios da experiência, como apresentado na metáfora acima, a aproximação dos conceitos permite olhar esse possível movimento no tabuleiro da história de forma negativa, suja e marcada por violações e violências. Como a própria reportagem reforça, a ação da Merkel se mostra “[...] um esforço de praticar a ‘cultura de boas-vindas’ [...]. Receber imigrantes com tapete vermelho em vez de policiais faz sentido para a popularidade de Merkel e para a Alemanha, tanto em termos propagandísticos quanto econômicos” (ÉPOCA, 2015, n. p.).

A partir desta metáfora da mancha, e a metáfora apresentada na seção anterior (a metáfora do anjo), apesar de serem metáforas distintas, associam a mancha a algo ruim, ou seja, “a recusa a migrantes e refugiados é ruim”. A mancha pode ser vista como algo contrário do “anjo” que é algo bom. A mancha evidencia a caracterização de uma mesma situação política, quando no exemplo da seção anterior percebe-se o uso da comparação valorativa entre o “anjo” e a “bruxa”, entre o “anjo protetor” e a “bruxa desalmada”. Tanto a “mancha”, a “bruxa”, “desalmada”, “diabólica” são formas de caracterizar o que é ruim (*BAD IS DOWN – ruim é para baixo*). Percebe-se como é possível uma estruturação da experiência do que é considerado como *bad*/ruim, a partir do uso de metáforas distintas no mesmo exemplo da

<sup>166</sup> “We have examined what we will call *structural metaphors*, cases where one concept is metaphorically structured in terms of another. But there is another kind of metaphorical concept, one that does not structure one concept in terms of another but instead organizes a whole system of concepts with respect to one another. We will call these *orientational metaphors*, since most of them have to do with spatial orientation: up-down, in – out, front – back, on – off, deep – shallow, central – peripheral. these spatial orientations arise from the fact that we have bodies of the sort we have and that they function as they do in our physical environment. Orientational metaphors give a concept a spatial orientation, for example, HAPPY IS UP. The fact that the concept HAPPY is oriented UP leads to english expressions like “I’m feeling up today” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 14).

reportagem da Revista *Época*. Mesmo usando a mesma reportagem com metáforas distintas, elas servem e podem ser usadas de modo a complementar um determinado cenário específico.

Como ressaltam Lakoff e Johnson (2003), as sobreposições metafóricas para complementar uma determinada coerência metafórica evidenciam um determinado esquema imagético de fundo. O uso da metáfora com acento de valor elogioso evoca um licenciamento de ações, pois consegue adesão pública à medida que tenta apresentar uma mudança da postura da *chanceler* alemã de “bruxa desalmada”, que fecha as portas a imigrantes e refugiados, como uma expressão de um cenário e contexto da mancha da história europeia e suas recusas racistas e xenofóbicas com aqueles que não são considerados como partes da *HOME* (lar/casa) europeia. Para um “anjo” que não se recusa mais a abrir as portas para os refugiados, um “anjo protetor” que ascendeu aos céus, como ressalta a reportagem, o intuito da notícia é enfocar como a *chanceler* poderia ser a pessoa que “limparia” a mancha deixada por uma história de hostilidades, nazismo, totalitarismos, colonialismos e racismos da Europa. O uso das metáforas tem um peso considerável na determinação da vida política, como se pensa a administração da vida pública, principalmente a gestão de fluxos de refugiados.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo que já foi discutido até o presente momento, e tendo em consideração a complexidade e contemporaneidade do fenômeno do refúgio, este estudo tentou mostrar o papel das metáforas em discursos políticos e midiáticos, e investigar como a metáfora pode vincular valor, influenciar e interditar ações em relação a populações e fluxos migratórios forçados. Como ressaltado por Moullagaliev e Khismatullina (2017), a mídia tem sido um veículo muito usado para a vinculação de metáforas acerca da migração. Essa vinculação pode servir como forma de manipulação, influenciando determinadas percepções acerca destas populações. Tendo isto em mente, o esforço desta dissertação foi elucidar a dimensão político-ideológica das disputas semânticas envolvendo os discursos sobre o contexto do refúgio.

Neste estudo, optou-se em apresentar, em um primeiro movimento de apresentação do arcabouço teórico, a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) proposta pelos autores George Lakoff e Mark Johnson - com suas principais discussões, conceitos e a definição dos autores de metáfora, a sistematização metafórica, o desenvolvimento da teoria e algumas noções importantes. Seguindo nessa direção, perpassaram-se, no segundo capítulo, algumas críticas e olhares à TMC. Ressaltaram-se algumas críticas realizadas por Zoltan Kövecses, principalmente a sua ênfase no contexto. Em um segundo movimento, ainda neste capítulo, apresentaram-se algumas considerações realizadas por Solange Vereza em relação aos aspectos do funcionamento da metáfora no âmbito discursivo. Em seguida, pareceu-nos valiosa a apresentação das ideias de Philip Eubanks sobre o licenciamento e interdição de ações mediante metáforas e, por fim, foram considerados pontos relevantes elucidados pelo Círculo de Bakhtin a respeito dos acentos de valor. O esforço foi ampliar os horizontes de possibilidades, apesar das diferenças teóricas dos autores apresentados, para pensar o uso das metáforas em discursos midiáticos e políticos sobre essas populações. Por fim, no terceiro capítulo, aplicou-se o arcabouço teórico apresentado em casos observados nos discursos políticos e midiáticos, com o objetivo de evidenciar as disputas ideológicas e hierárquicas, apoiadas em valorações depreciativas ou elogiosas sobre o contexto do refúgio. Para mostrar a aplicabilidade do arcabouço teórico apresentado neste estudo, selecionaram-se alguns exemplos de reportagens e notícias voltadas ao campo do refúgio. Tendo isso em mente, no último capítulo, expuseram-se certas metáforas que orientam a opinião pública e as políticas públicas, e como podem servir para elogiar, depreciar ou atacar certa população.

Em um primeiro movimento de análise apresentou-se, neste último capítulo, o emprego das metáforas “migrantes são hóspedes” e “refugiados são hóspedes”, e como estas metáforas podem evocar de forma subjacente um acolhimento e hospitalidade, e inferiu-se como estas derivam de uma metáfora mais fundamental a metáfora “*NATION AS HOME*” (NAÇÃO COMO LAR/CASA). A partir destas metáforas foi possível evidenciar como o refugiado pode ser um “hóspede convidado”, mas ao mesmo tempo um “hóspede indesejado”. Mostrou-se a importância de compreender o contexto (KÖVECSES, 2005) em que se inserem as metáforas, e evidenciou-se, também como para Lakoff e Johnson (2003), é possível explorar a metáfora conceptual a partir de desdobramentos/ramificações que desempenham no discurso político um papel fundamental para a compreensão da realidade cotidiana, particularmente neste estudo da realidade do refúgio. Dessa forma, a metáfora pode ser usada com uma valoração positiva, de acolhimento ou com uma valoração depreciativa e de hostilidade para a chegada de fluxos migratórios no país receptor – mostrou-se que é possível atacar ou elogiar usando a mesma expressão metafórica. Dependendo do uso das metáforas, pode-se perceber, também, como a rede de assistência e proteção será criada em prol ou contra essas populações através de políticas migratórias ou anti-imigratórias.

Em um segundo movimento de análise, ainda no terceiro capítulo, propôs-se enfocar, como enfatizam Lakoff e Johnson (2003), como é possível encobrir ou ressaltar pontos distintos acerca do uso da metáfora. Apresentou-se o uso da metáfora “países são merda” envolvendo a política anti-imigratória de Donald Trump, e as consequências para a criação da política anti-imigratória, então chamada de “tolerância zero”. Como reforçou Voloshínov (2018), cada enunciado apresenta sempre uma dimensão avaliativa e um posicionamento social, assim todo enunciado é sempre ideológico. Portanto, o esforço neste momento das discussões foi observar o posicionamento social a partir da implementação da política de “tolerância zero” contra imigrantes e refugiados advindos de países considerados como “merda” pelo ex-presidente Trump. Inferiu-se como metáfora conceptual subjacente e mais basilar a metáfora “*COISAS RUINS SÃO MERDA*”, e traçaram-se algumas inferências acerca dos compromissos assumidos que se realçam ou se encobrem em determinados aspectos da metáfora na reportagem. Pois, a partir da fala do ex-presidente, observou-se uma lógica de reitificação dos países e dos imigrantes e refugiados destes países, vistos como “coisas”, “ruins”, “merdas” e “não-desenvolvidos”. O intuito foi mostrar quais pressupostos ideológicos estão perpetuando a partir do uso destas metáforas no discurso, pois há um processo de reitificação implícito no uso da metáfora na fala do Donald Trump, pois licencia ações xenofóbicas mais violentas contra estas populações. Como reforçou Ritchie (2013),

“[...] ideologias são transformadas e transmitidas ao nível do discurso comum, bem como ao nível das elites políticas”. (RITCHIE, 2013, p. 183). A partir destes exemplos, também realizaram-se algumas considerações acerca da composição de metáforas diferentes, e como possibilitam uma determinada estruturação da experiência, ou seja, serviram, a partir dos exemplos dados, como modos distintos de caracterizar o que é “ruim”.

Seguindo a linha argumentativa, em um terceiro movimento de discussão, foi proposta uma análise que enfocasse um cenário atual dos deslocamentos migratórios: o fluxo advindo da Guerra da Ucrânia. O esforço neste momento foi constatar a valoração implícita em metáforas aplicadas ao uso político na notícia ao comparar o tratamento distinto dado para refugiados do Oriente Médio e da África, em relação ao tratamento dado aos refugiados ucranianos que chegam à Europa. Evidenciou-se como essa diferença pode ser expressa de forma nociva e violenta em discursos de líderes políticos, pois podem licenciar ou interditar ações (EUBANKS, 1999). O primeiro ponto ressaltado foi a partir do exemplo da metáfora da “onda” (*wave*). Refugiados foram comparados a uma “onda”, ou seja, refugiados foram caracterizados como “desastre natural”, “avalanche”, “fluxo” etc. Discutiram-se as consequências deste tipo de associação, pois viabiliza uma atitude de afastamento, fechamento de fronteiras em prol de uma segurança e proteção daqueles que fazem parte de um determinado território e nação. Assim, viu-se que refugiados podem, frequentemente, ser tratados como problema a ser enfrentado, despersonalizados e/ou controlados. E, a partir da metáfora da “onda”, inferiram-se algumas metáforas conceituais, como: “PESSOAS SÃO OBJETOS”, “PESSOAS SÃO LÍQUIDOS” e “PESSOAS SÃO ESTADOS DE NATUREZA”. A partir destas metáforas, enfocaram-se alguns desdobramentos que transmitem, a partir do uso e sobreposição destas metáforas em discursos midiáticos e políticos, um acento de valor negativo indutor de pânico ou hostilidades.

Assumindo-se uma outra perspectiva, ainda neste momento da discussão da metáfora da “onda” (*wave*) na mesma reportagem, enfocou-se como esta “onda de refugiados” foi caracterizada como “pessoas com passado obscuro”. Ou seja, refugiados (com “passados obscuros”) advindos do Oriente Médio e da África podem ser barrados nas fronteiras europeias, e refugiados “[...] a que estamos acostumados [...] que se parecem com qualquer família europeia” (ÉPOCA, 2015, n. p.), segundo a reportagem, seriam bem-vindos. A partir da análise destes trechos, compreendeu-se a importância das histórias de licenciamento para a compreensão e avaliação das metáforas. Posto de outra maneira, o uso destas metáforas possibilitava a acolhida de alguns fluxos de refugiados e interditava outros. O esforço foi evidenciar o acento de valor presente no entrelace entre metáforas nestas

reportagens, e como esta valoração retifica e caracteriza um olhar racista para determinados grupos de refugiados. Assim, foi possível perceber o papel da ideologia na valoração dada a estas populações. Como ressaltou Voloshínov (2018): “[...] todo signo ideológico é determinado por um horizonte social”, no caso destes trechos, um horizonte social racista e xenofóbico” (VOLOSHÍNOV, 2018, p. 10).

Em um quarto movimento de análise, discorreu-se como as metáforas distintas são usadas de modo complementar. Neste momento, analisou-se de forma mais detida o cruzamento de metáforas presentes em uma mesma reportagem, pois este cruzamento demonstra a própria força do uso da metáfora, principalmente para influenciar a opinião pública e enfocar determinados tratos voltados para o acolhimento ou à hostilidade com refugiados. Apresentaram-se duas ocorrências de metáforas na reportagem da *Época* (2015) “*Angela Merkel: o anjo protetor dos refugiados*”. A partir da reportagem, inferiu-se como as metáforas “Merkel é um anjo”, “o anjo protetor é o que abre a porta”, dentre outras, foram utilizadas para caracterizar a *chanceler* alemã Angela Merkel. Apresentou-se, também, como metáfora mais basilar a metáfora “PESSOA É ANJO”, e como tais metáforas pretendem conjugar um determinado cenário, no caso, um contexto de hospitalidade em relação à atitude da *chanceler*. Ou seja, a revista enfocava como “[...] a chanceler mudou de “[...] carrasca que [...] fechava a porta para migrantes necessitados [...], para algo bem diferente. [...] deixou de ser a bruxa desalmada e ascendeu aos céus como anjo piedoso, a mulher que abriu as portas da Europa para milhares de pessoas” (ÉPOCA, 2015, n. p.). Desse modo inferiu-se que as metáforas situadas “Merkel é uma bruxa”, “bruxa é a que fecha a porta” e a metáfora conceptual “PESSOA É BRUXO” serviram como composição de metáforas distintas para influenciar e criar um cenário de valorização da imagem da *chanceler*, da passagem de uma imagem depreciativa para elogiosa da Merkel.

Também propôs-se uma compreensão sobre como esta construção e sobreposição de metáforas se insere em um contexto maior das políticas migratórias em países europeus, seus aspectos solidários/bons/angelicais (de hospitalidade) ou “desalmados” (de hostilidade) para lidar com estes fluxos migratórios. Como reforça Kövecses (2005), o contexto nunca é estático, pré-moldado, as relevâncias são determinadas de acordo com diversos fatores, como temperamentos dos agentes, suas visões de mundo, seus objetivos imediatos e de longo prazo. Ou seja, quais são as visões de mundo e o sistema moral de fundo. Para fins deste estudo, seguindo a reportagem da Revista *Época* (2015) *Angela Merkel, o anjo protetor dos refugiados*, observou-se como o contexto da notícia está relatando não somente a crise do refúgio e a política da *chanceler*, mas um cenário maior das políticas migratórias na Europa.



Assim, a partir desta reportagem, realizou-se um último movimento de análise, no terceiro e último capítulo, a partir do exame da metáfora da “mancha”. O intuito foi evidenciar uma complementaridade entre a metáfora anterior do “anjo” e a metáfora “mancha”, mais especificamente “RECUSA É MANCHA”. Esta metáfora, tirada da fala do historiador britânico Timothy Garton, “[...] países europeus têm violado a Convenção e manchado sua história” (ÉPOCA, 2015, n. p.), apresenta um olhar para a história dos países da União Europeia como manchada, especificamente acerca do passado nazista da Alemanha. O historiador, a partir do uso da metáfora, está criticando a atitude dos países europeus em relação a políticas anti-imigratórias contra os fluxos de refugiados. O foco foi mostrar como as metáforas podem orientar a ação. A metáfora da “mancha” pode ser vista como algo contrário a do “anjo”, que possui acento valorativo elogioso. A atitude “ruim” exercida pelos países europeus, por essa história manchada, foi na reportagem do anjo, colocada a partir do uso de outro acento valorativo elogioso, como um reforço de mudar a história a partir da atitude “boa” da *chanceler* de abrir as portas, e não se recusar a fechar as portas para refugiados.

Neste momento da discussão, o esforço foi evidenciar a situação de fundo a partir da sobreposição de metáforas, pois percebeu-se como é possível estruturar a experiência e cenário europeu de acolhimento ou hostilidade em relação aos fluxos migratórios. Os usos das metáforas evocam um licenciamento de ações, pois conseguem adesão pública à medida que tentam apresentar uma mudança de postura, não somente da *chanceler*, mas da postura da própria Europa diante de seu passado manchado. Dito de outro modo, a reportagem tenta enfocar como a *chanceler* poderia ser a pessoa que limparia a mancha deixada por uma história de hostilidade, nazismo, totalitarismos, colonialismos e racismos na Europa.

Findas as análises dos exemplos selecionados, perguntemo-nos até que ponto estas atitudes contra refugiados e migrantes em deslocamento forçado podem ser vistas não só como uma expressão do passado, mas como formas outras e atitudes do presente, principalmente por meio do uso de metáforas? Ressalta-se, também, como a metáfora desempenha uma função relevante ao criar significados que possam ser compartilhados por muitos, percepções, e um certo grau de afirmação entre o público. Muito embora, diferentes metáforas possam competir na guerra da adesão por parte do público, a visão metafórica que é disseminada frequentemente desfruta de uma grande vantagem. Ou seja, fala-se da função persuasiva da metáfora no sentido de que ela pode ser customizada para criar efeitos persuasivos em situações de grande interesse do público. A hostilidade presente nessa

“história manchada” deste “passado manchado” se reitifica hoje a partir de novas, indiretas e mais nocivas formas de hostilidade contra os fluxos de refugiados.

Observou-se, ao longo deste trabalho, que a metáfora pode vincular valor, influenciar, interditar ações e pode ser considerada como um processo que está de acordo com certos interesses políticos de determinado grupo, contexto e interesses da mídia. Como então (re)pensar a metáfora atualmente como forma, instrumento e via para perpetuação de hostilidades não só de um passado ou história manchada, mas de um presente de fechamento de fronteiras, desumanização de pessoas, lógicas, cenários e contextos emaranhados por racismos e xenofobias? Talvez este seja um empreendimento para estudo, pesquisa e ações futuras.

Como último exemplo elucidativo dos usos e acentos de valor em metáforas acerca do refúgio, bem como sobre as trajetórias, jornadas, implicações, vivências da condição de refúgio, traz-se um exemplo de uma metáfora ocorrida em um encontro com um menino em situação de refúgio. O intuito neste momento das considerações finais deste trabalho é apresentar um pequeno relato do meu encontro com uma metáfora. Este encontro com a metáfora foi umas das tantas experiências que tive e ainda tenho ao trabalhar<sup>167</sup> no contexto do refúgio. O encontro com a metáfora se deu a partir de uma conversa com um menino em situação de refúgio. Neste momento, peço a compreensão nas próximas linhas finais diante da forma de escrita mais pessoal, mas achei que seria relevante finalizar este trabalho sobre metáforas no contexto do refúgio com o meu encontro com a metáfora e com este menino que, de certa forma, deu chão para minhas indagações, bem como para este estudo.

“Sabe quem é meu amigo?!”. Ao mesmo tempo que parecia uma pergunta, trazia também um tom de exclamação. Estava sentada, me recordo como se fosse hoje, arrumando alguns materiais para realizar algumas atividades com as crianças<sup>168</sup>, e um menino se sentou ao meu lado, com sua bola na mão, se virou todo para mim e começou a contar como ele gostava de “jogar bola. Apesar do barulho das brincadeiras e da presença das outras crianças, ele estava com o corpo totalmente virado, com os cotovelos apoiados na cadeira, com sua

---

<sup>167</sup> Ao trabalhar como psicóloga com atendimentos psicológicos e como voluntária e pesquisadora social em instituições da sociedade civil voltadas ao atendimento e acolhida de refugiados.

<sup>168</sup> Cabe ressaltar que este encontro ocorreu ao longo do trabalho da autora como voluntária com populações em situação de refúgio, principalmente com crianças e jovens em situação de refúgio. Atualmente, ele reside no Brasil, com o *status* de refúgio. Ao sair de seu país de origem, antes de chegar ao Rio de Janeiro, ele residiu em outro país. Contudo, no intuito de preservar, dentro do possível, a identidade e lugar de origem, há de haver compreensão para a reduzida informação e contextualização em certos momentos do presente trabalho.

bola e olhando diretamente para mim. Ele não se mexeu, e continuou mais inclinado, sem se virar para o redor, e continuou a contar como gostava de “jogar bola”, sem mudar seu tom de voz calmo. Neste instante, sua entonação de voz mudou um pouco – estava mais alta e mais fluída –, como se tivesse então um terreno mais limpo e não dividido para ser ouvido. Recordo-me que já não ouvia e prestava atenção aos arredores, e deslocava minha atenção para uma história que sabia que iria ser cedida e doada, contudo, ainda sem a dimensão e noção de seu conteúdo.

Ele falava de sua vivência no Rio de Janeiro, ainda com a bola na mão, e de forma mais fluída e não contida, continuou a falar de como gostava de “jogar bola”. Enfatizou como era diferente jogar bola nas praias do Rio de Janeiro devido à areia, tendo em vista que para ele a areia era mais pesada e um pouco diferente que em um campo de futebol, uma quadra de escola e a rua em que morava, mas, ele contou que não se preocupava muito com isso, porque agora podia jogar bola com mais liberdade e em um espaço mais aberto. Ainda abraçado com a bola, com o corpo virado na minha direção e os cotovelos em cima do suporte da cadeira, ele em nenhum momento desviou o olhar, e continuou a falar da importância e como fazia bem para ele “jogar bola”. Depois de falar de como é “jogar bola” aqui no Brasil, ele começou a contar como era “jogar bola” na sua casa e no seu país - sempre brincava na sua rua, com seus amigos, e gostava e sonhava em ser jogador de futebol, pois sabia que era muito bom com a bola. Porém, teve que mudar, viver um tempo em outro país, para depois chegar ao Brasil.

Quando estava neste outro país, antes de chegar ao Rio de Janeiro, relatou que sua mãe tinha conseguido uma escola para ele estudar quando tinha chegado lá, e que tinha ficado feliz em continuar a “jogar bola” e fazer mais amigos. Naquele período ele não estava com seus antigos amigos, pois teve que se mudar, mas tinha ficado muito feliz pela possibilidade de conhecer e fazer novos amigos nesta escola. Ele descreveu então, ainda abraçado com a bola, como era o campo de futebol nesta escola, e que esperava jogar lá, pois havia várias crianças, e tinha um técnico/professor também; estava feliz, pois poderia aprender mais sobre futebol para jogar melhor. Em todos os momentos que ele dividiu o quanto gostava de jogar bola, ele também relatou como era muito importante para ele “jogar bola com os amigos”. O “jogar bola” para ele era um espaço de encontro e criação de amizades, e ele colocou isso de forma muito explícita enquanto conversávamos.

No entanto, quando entrou neste momento da trajetória da sua história, e começou a descrever o local e as pessoas ali, ele tirou os cotovelos do suporte da cadeira, parou de abraçar a bola e a colocou em cima das suas pernas, e começou a olhar para ela. Seu

tom de voz diminuiu e soou mais engasgado e, ao mesmo tempo, como se tivesse se recompondo de algo. Ainda com todo o movimento externo, com as crianças brincando e realizando outras atividades, ele ficou imóvel, olhando para a bola com a cabeça baixa, mas com o semblante sereno e calmo, mas quieto. Neste momento também parei e esperei seu movimento, pois percebi que naquele instante seu encontro talvez fosse consigo mesmo, um encontro para um lugar onde suas memórias o levaram, não mais aquele espaço com as crianças ou aquele que estávamos dividindo, mas para um outro espaço.

Enquanto ele olhou para bola e a segurou em cima das suas pernas, segurou-a de forma leve, mas com resistência. Até aquele momento a história foi sobre como era muito importante para ele jogar bola, e que este “jogar bola” deixava ele muito feliz, pois é o meio que ele conseguia fazer amigos. Depois de algum tempo, ele se virou para mim e continuou em silêncio. Então, perguntei se ele gostaria de contar mais sobre o “jogar bola” ou algo diferente, e disse que estaria ali para ouvi-lo. Ainda em silêncio, virado e olhando firmemente para mim, segurando a bola nas suas pernas, ele se virou mais e começou a dividir como ele encontrou “coisas” que não esperava, e que foram difíceis para ele. Perguntei-me o que ele encontrou naquele campo? O que ele encontrou naquele “jogo de bola”? O que era diferente do “jogo de bola” na rua em que morava em seu país ou nas areias do Rio de Janeiro?

Ele começou, então, a descrever como era esse campo de futebol na escola nova que estava, quem estava ali e o que ele encontrou. Continuou a reafirmar que gostava muito de “jogar bola”, porém, aquele “jogo” era diferente, e contou que percebeu essa diferença violentamente. Assim, ainda com sua entonação de voz calma e mais pontuada, ele começou a falar como era aquele “jogo”: tinha vários outros garotos junto com ele no “jogo”, dividiam em times e ele falou também que tinha um treinador/professor. Era um jogo que para ele era “normal”, como qualquer jogo de futebol. Era correr atrás da bola, passar a bola para os colegas e fazer gol. Porém, sempre quando ele corria para perto da bola para jogar, ele relatou que ao invés dos garotos chutarem a bola, chutavam a perna dele. Ele acrescentou novamente que gostava muito de jogar, e era por isso que sempre corria atrás dela, mesmo percebendo que em muitos momentos sempre chutavam não na bola, mas na sua perna.

Naquele instante, ele colocou a mão na perna, enquanto com a outra mão segurou a bola e falou como doía quando isso acontecia. Mas, como ele gostava muito de “jogar bola”, ele não parou de correr em direção “à bola”; estava feliz, pois tinha vários colegas, e podia fazer novas amizades, que queria ser um jogador de futebol e que era muito bom em jogar. Ele falou que tentava ser amigo das outras crianças, pois, para ele correr atrás da “bola”, era também correr atrás de novas amizades, e que ele não desistia fácil. Relatou também que

tinha o treinador/professor, e que tentava estar próximo dele, e que queria ser amigo dele, mas sempre ouvia dele que era para ele voltar para seu país de origem, que não era bem-vindo ali, e que era para ele ficar longe, manter distância.

Ele falou que não fazia nada para revidar, e que quando os outros colegas ao invés de chutarem a bola, chutavam sempre sua perna (propositalmente), ele tentava falar com o treinador, mas sempre ouvia que deveria voltar para o país de origem e que não era bem-vindo ali. Assim, ele voltou a abraçar a bola e a colocar o cotovelo na cadeira novamente, e falou com um volume mais baixo que ele realmente queria era só ser amigo dos outros garotos e do treinador, mas que eles não queriam ser seus amigos. Ele ressaltou como tentou se aproximar, tentou fazer amizade, queria ser amigo das pessoas que estavam ali, mas não adiantava e não funcionava. Apesar da violência e hostilidade, ele tentou como podia. Ele não via ninguém como inimigo, só como não-amigo. Que tamanha cordialidade e potência daquele menino!

Naquele instante ele parou meio que de forma um pouco brusca o seu relato, e me perguntou com certa exclamação: “Sabe quem é meu amigo?!”. Que pergunta e exclamação! Recordo-me vivamente daquele momento, e enquanto escrevo esta pergunta, novamente me pego com um engasgo na garganta. Então, depois ele levantou a bola da cadeira e me mostrou-a – que sempre esteve ali com ele o tempo todo –, e exclamou: “a bola!”. Apesar de ter encontrado tantas hostilidades neste momento da sua trajetória, ele fala que seu amigo é “a bola”. Que seu único amigo é a bola, pois mesmo tentando ser amigo daquelas pessoas, ele percebeu que não adiantava o que ele fizesse eles não queriam ser amigos dele.

A experiência com esta metáfora, e com a sua resposta, produzem então diversos olhares e entendimentos distintos, bem como evidencia uma violência, potência e delicadeza colossais. Neste momento, tenta-se se recompor nesta escrita no esforço de percorrer alguns rastros e fronteiras possíveis de serem vislumbrados a partir desta metáfora, tendo em mente que não são reduzíveis às considerações que serão feitas adiante. Cabe ressaltar, como a partir deste encontro e história de um “jogo de bola” é possível vislumbrar tantas fronteiras possíveis acerca dos dilemas, lógicas e acentos de valor e tratos distintos acerca do contexto do refúgio. Observou-se um mapeamento cruzado entre domínios, pois ele associa o domínio-alvo “amigo” ao domínio-fonte “bola”. Pode-se inferir, a partir desta metáfora trazida pelo menino, “a bola é um amigo”, uma metáfora mais fundamental, uma personificação “OBJETO É UMA PESSOA”, pois ele chama a bola de amigo, e ser amigo é um atributo de ser uma pessoa.

A partir do encontro com este exemplo, pode-se ressaltar um processo de personificação por meio desta metáfora, ou seja, a bola é para ele um amigo, licencia certas ações e interdita outras. Lakoff e Johnson (2003), no quinto capítulo de sua obra *Metáforas da vida cotidiana*, discorrem acerca da personificação, e como ela pode ser muito poderosa. Lakoff e Johnson (2003) reforçam que as metáforas “[...] mais óbvias talvez sejam aqueles em que um objeto físico é especificado como sendo uma pessoa” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 33, tradução nossa)<sup>169</sup>. Os autores ressaltam que isto permitiria compreender uma grande variedade de experiências com “entidades não humanas”. Para os autores, o ponto é que a personificação é:

[...] uma categoria geral que abrange uma gama muito ampla de metáforas, cada uma escolhendo diferentes aspectos de uma pessoa ou maneiras de olhar para uma pessoa [...] elas nos permitem fazer sentido dos fenômenos no mundo em termos humanos – termos que podemos entender com base em nossas próprias motivações, objetivos, ações e características (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 34, tradução nossa)<sup>170</sup>.

Para os autores, caracterizar algo abstrato em termos humanos tem um poder explicativo que faz sentido para a maioria das pessoas. Eles dão um exemplo acerca do sofrimento no contexto de perdas econômicas, devido aos fatores econômicos ou políticos complexos que muitas das vezes ninguém realmente entende. Nesses momentos, reforçam os autores, se usam metáforas como “*INFLATION IS NA ADVERSARY*” (INFLAÇÃO É UM INIMIGO) (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 34). Uma metáfora como esta, segundo os autores, proporciona um relato coerente do que se está sofrendo, das perdas e das dificuldades vividas. No caso deste exemplo, pode-se compreender como as experiências de hostilidades vividas por este menino, enquanto refugiado, evidenciam lógicas de amizade ou inimizade com pessoas nesta condição de imigrante e estrangeiro. Evidenciam lógicas que, como apresentadas ao longo deste trabalho, colocam estas pessoas em situação de refúgio como inimigas.

Ao mesmo tempo que a partir desta metáfora ele reforça um acento de valor positivo de sua experiência com o jogar bola, seu país e o desejo de ser jogador de futebol, também apresenta um acento valorativo negativo a partir desta metáfora. Ao mostrar que seu

<sup>169</sup> “[...] the most metaphors are those where the physical object is further specified as being a person” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 33, grifo nosso).

<sup>170</sup> “[...] a general category that covers a very wide range of metaphors, each picking out different aspects of a person or ways to looking at a person [...] they allow us to make sense of phenomena in the world in human terms – terms that we can understand on the basis of our own motivations, goals, actions, and characteristics” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 34).

amigo é a bola, está implícito a partir de seu relato e vivências que não possui amigos, pois viveu experiências com o racismo e xenofobia. Segundo o menino, ele não era visto como amigo, mas como um intruso no “jogo”, como alguém de “fora”, “não-amigo”. Assim, observa-se um ponto de vista particular sobre a sua vivência.

Tendo isso em mente, percebe-se que o modo que esta metáfora será usada, quais aspectos serão ressaltados e quais serão ocultados, dependendo do uso e relato deste menino. É possível ressaltar um acento valorativo positivo ou negativo, dependendo do uso e foco na experiência e vivência deste menino. Em grande medida, vale focar em certos rastros e fronteiras que estão em jogo neste “jogo de bola”, e as diversas marcas presentes no olhar e trato com o indivíduo na condição de refúgio<sup>171</sup>. Tais jogos podem ser vislumbrados a partir das marcas nas suas trajetórias de saída, percurso, chegada e integração. Muitos destes rastros evidenciam lógicas internacionais, nacionais e regionais, e este trabalho enfoca como esta trajetória é entrelaçada por diversas fronteiras entre estas dimensões no uso das metáforas no contexto do refúgio.

A partir do encontro com esta metáfora da “bola” e com este menino, é possível evidenciar como o entendimento acerca destas populações envolve um jogo de ênfases e ocultações de quem faz parte ou não, quem é bem-vindo ou não, configura rastros de divisões do “mundo” em espaços binários, como “[...] civilizado/não-civilizado, moderno/velho, racional/supersticioso, desenvolvido/não desenvolvido, e assim por diante” (PERSUAD; WALKER, 2001, p. 374)<sup>172</sup>. Este impacto das metáforas também produz configurações espaciais, imperiais, coloniais, demográficas etc., marcam e moldam o trato com sujeitos nesta condição de refúgio. Aquele encontro “forçado”, aquele “jogar bola” evidenciava a “descoberta” de um “jogo” que se apresenta pelo próprio processo de diferenciação, pela construção e uso de metáforas e certas categorias de “amigo”, “não-amigo” e “inimigo”. Entretanto, tal “jogo”, quando pensado a partir destas distinções entre nacionais e estrangeiros, cidadãos e refugiados, pode produzir marcas que nunca serão apagáveis, como aquela dor que o menino do relato sentia ao perceber que as outras crianças não queriam ser seus amigos, que se reatualizava violentamente pela dor dos chutes ou pelas falas racistas que ouvia.

---

<sup>171</sup> É importante salientar que o presente trabalho não se propõe a esgotar tais dimensões, mas propor alguns olhares diante da temática.

<sup>172</sup> “[...] civilized/uncivilized; modern/backward; rational/superstitious; developed/undeveloped and so on” (PERSUAD; WALKER, 2001, p. 374).

A intenção neste trabalho é (re)colocar e (re)pensar o uso da linguagem, especificamente na ocorrência das metáforas em contextos envolvendo o refúgio, e as consequências para uma hospitalidade destas pessoas em situação de refúgio. A partir da TMC, formulada pelos autores Lakoff e Johnson (2003), observou-se como metáforas conceituais operam nos alicerces da linguagem cotidiana, e como grupos semanticamente relacionados de metáforas atuam no licenciamento e na interdição de ações (alterando, por exemplo, a opinião pública e mesmo as políticas públicas).

Ao longo do percurso realizado neste estudo, o principal intuito de fundo foi evidenciar como as metáforas podem desempenhar funções sociais importantes: podem ser usadas para desumanizar o outro, legitimar e deslegitimar ações verbais e físicas, incluindo violência e discursos de ódio, bem como forma de afetar, devido ao uso de determinados acentos de valor, evocar medo, ódio ou solidariedade e hospitalidade. É um “jogo” que repete diversas lógicas e práticas de hostilidade, “personificada” na própria fala daquele treinador/professor “não-amigo”, e na própria dor no corpo dele quando chutavam a sua perna. Em outros termos: “Isso continua se repetindo em um *loop* infinito [...] de discriminação contra aqueles que são vistos como sendo diferentes, ou como ‘O Outro’” (COHEN, 2018, n. p.)<sup>173</sup>. Aquele menino que queria ser amigo foi marcado no lugar de “outro”, e que, portanto, não pertencia àquele lugar, e deveria voltar ao seu país de origem. Até que ponto as metáforas não são, dentro do cenário contemporâneo do refúgio, utilizadas como um “jogo estratégico”. e como forma de marcar este lugar de “outro”? Questionamentos para estudos futuros.

---

<sup>173</sup> “It keeps repeating itself on an endless loop [...] discrimination against those who are seen as being different, or as ‘The Other’”. (COHEN, 2018, n. p.).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALJAZEERA, *My life's empty*": father who lost family in Lebanon boat tragedy. 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/features/2022/9/28/my-life-is-empty-father-loses-family-in-lebanon-boat-tragedy>. Acesso em: 26 nov. 2022.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O REFÚGIO – ACNUR. *Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas américas*. 2018. Disponível em: [https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil\\_A-prote%C3%A7%C3%A3o-brasileira-aos-refugiados-e-seu-impacto-nas-Am%C3%A9ricas-2010.pdf](https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil_A-prote%C3%A7%C3%A3o-brasileira-aos-refugiados-e-seu-impacto-nas-Am%C3%A9ricas-2010.pdf). Acesso em: 05 abr. 2022.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O REFÚGIO – ACNUR. *Acnur: deslocamento global atinge novo recorde e reforça tendência de crescimento da última década*. 2022a. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/06/15/acnur-deslocamento-global-atinge-novo-recorde-e-reforca-tendencia-de-crescimento-da-ultima-decada/#:~:text=Ao%20final%20de%202021%2C%20o,uma%20publica%C3%A7%C3%A3o%20estat%C3%ADstica%20anual%20do>. Acesso em: 20 ago. 2022.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O REFÚGIO – ACNUR. *Um Mês após o início da guerra na Ucrânia, quase um quarto da população do país está deslocada*. 2022b. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/03/25/um-mes-apos-o-inicio-da-guerra-na-ucrania-quase-um-quarto-da-populacao-do-pais-esta-deslocada/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

ARANTES, P. C. C.; DEUSDARÁ, B.; BRENNER, A. K. A língua e alteridade na colhida por uma micropolítica da linguagem. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 1196-1207, 2016.

ARISTÓTELES. *Arte Retorica e arte poética*. Rio de Janeiro: edições de Ouro, 1969.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

BAIDER, F.; KOPYTOWSKA, M. Conceptualizing the other: online discourses on the current refugee crisis in Cyprus and in Poland. *Lodz in Pragmatics*, 2017.

BAILEY, B. *Heteroglossia*. University of Massachusetts Amherst, 2012.

BAKHTIN, M. *Dialogic Imagination*, Austin: University of Texas Press, 1983.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato*. Tradução, não-revisada e de uso didático e acadêmico, de C. A. Faraco e C. Tereza, 1993.

BAKHTIN, M. Author and Hero in the Aesthetic Activity. (1920-22). In: BAKHTIN, M. *Art and Answerability*. Austin: Texas University Press, 1995.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.

BAKHTIN, M. O Discurso no romance. *Questões de literatura e de estética: teoria do romance*. 6. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010b.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2001.

BELIM, C. Refugiados e migrantes em campanhas públicas dar voz a quem não tem voz. *Comunicação e Sociedade*, v. 38, 2020, p. 79-105.

BERNARDI, R. M. Uma Leitura Bakhtiniana de Vastas emoções e pensamentos imperfeitos, de Ruben Fonseca. *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2001.

BLACK, M. More about metaphor. In: ORTONY, A. (ed.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, [1979] 2011.

BURKE, R. Invitation or invasion? The family home metaphor in the Australian media's construction of immigration. *Journal of Intercultural Studies*, 2002.

CHARTERIS-BLASK, J. Britain as a container: Immigration metaphors in the 2005 election campaign. *Discourse e Society*, 2006.

CHUDINOV, A. P. *Russia in the metaphorical representation: cognitive studies of political metaphor (1991-2000)*: monograph. 2001.

COHEN, J. L. *Israel Faces Ugly Reckoning on Refugees and Racismo*. CNN (Cable News Network), 2018.

CORRÊA, A. M. *Racismo e suas Fronteiras: olhares para o contexto do refúgio*. 2020. Dissertação de Mestrado para o Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUCRio, 2020.

CORRÊA, A. M. *A Entrevista de Solicitação de Refúgio como Jogo de Linguagem: considerações filosóficas sobre o processo de elegibilidade do status de refugiado*. Trabalho de Conclusão de Curso do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

CORRÊA, A. M.; GURGEL, D. F. Considerações Filosóficas sobre as entrevistas de solicitação de refúgio. *Griot: Revista de Filosofia*, Amargosa – BA, v. 21, n. 1, p. 44-60, 2021.

CUNHA, G.; ALMEIDA, G. Introdução à parteII (Direito Internacional dos Refugiados). In: *Código de Direito Internacional dos Direitos Humanos Anotado*. São Paulo: Editora Perfil. Ltda, 2008.

ERIKSSON, I. *Retaining or losing the conceptual metaphor: a study on institutional translation of metaphors in political discourse from English into Swedish and Spanish*. Master's Thesis. Stockholms universitet, 2019.

ESTADO DE MINAS. Trump sobre imigrantes: “Por que pessoas de países de merda vêm para cá? *Estado de Minas*, 2018. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/01/12/interna\\_internacional,930462/trump-por-que-pessoas-de-paises-de-merda-vem-para-ca.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/01/12/interna_internacional,930462/trump-por-que-pessoas-de-paises-de-merda-vem-para-ca.shtml). Acesso em: 22 jul. 2021.

EUBANKS, P. *A war of words in the discourse of trade: The rhetorical constitution of metaphor*. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois U. Press, 2002.

EUBANKS, P. *The Story of Conceptual Metaphor: what motivates metaphoric mappings?* English, Northern Illinois. Duke University Press, 1999.

EXBERLINER. *Why didn't Syrian refugees get the same welcome?* 2022. Disponível em: <https://www.exberliner.com/politics/why-didnt-syrian-refugees-get-the-same-welcome/>. Acesso em: 01 out. 2022.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, C. A. Bakhtin e filosofia. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, v. 12, n. 2, p. 45-56, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/31815>. Acesso em: 22 jul. 2021.

FERREIRA, L. C. The Representation of Migration and Refugee on the Brazilian and US online media. *Signo*, v. 42, n. 75, p. 59-66, 2017.

FERREIRA, L. C.; FLISTER, C. V.; MOROSINI FILHO, C. B. *The representation of refuge and migration in the online media in Brazil and abroad: a Cognitive Linguistics Analysis*, 2017.

FERREIRA, L. C.; FLISTER, C. V.; MOROSINI FILHO, C. B. Conceitualização de refúgio e imigração na mídia brasileira. *In: IX Conferência linguística e cognição: diálogos imprescindíveis. Anais...* Belo Horizonte (MG) PUC Minas, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/clingcog/173731-conceitualizacao-de-refugio-e-imigracao-na-midia-brasileira>. Acesso em: 29 out. 2021.

FERRI, E. G. *The politics of protection: the limits of humanitarian action*. Washington DC: The Brooking Institution Press, 2011.

FISCHER, C. *The Flood of Refugees in our Heads: Metaphorical Framing of Refugees in German Newspaper Discourse a qualitative content analysis*. Edition 01/2020. Disponível em: <https://journalistik.online/en/paper-en/the-flood-of-refugees-in-our-heads-metaphorical-framing-of-refugees-in-german-newspaper-discourse/>. Acesso em: 09 out. 2022.

GALLAGHER, S.; LINDGREN, R. Metáforas enativas: aprendendo por meio de um engajamento com todo o corpo. *In: BANNELL, R. I.; MIZRAHI, G. F. M. (orgs.). Deseducando a educação: mentes, materialidades e metáforas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2021.

GIBBS, R. Are 'deliberate' metaphors really deliberate? A question of human consciousness and action. *Metaphor and the Social World*, 2011.

GURGEL, D. F. Metáforas Conceituais no Grande Sertão: Veredas. *Revista Eutomia: revista de literatura e linguística*, Recife, n. 14, v. 1, p. 378-402, dez., 2014.

GURGEL, D. F. Wittgenstein on Metaphor. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 156-173, 2º sem., 2016.

GURGEL, D. F. Da Metáfora em sua Face Retórica, *Griot: Revista de Filosofia*, v. 15, n. 1, p. 362-375, 2017.

HADDAD, E. *The Refugee in International society: between sovereigns*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

IMANISHI, K. O. The boy on the beach: shifts in US policy discourses on Syrian asylum following the death of Alan Kurdi. *Media, Cultura e Society*, 2022.

INAYATULLAH, N.; BLANEY, D. L. *International relations and the problem of difference*. New York: Routledge, 2004.

JUBILUT, L. L.; GODOY, G. G. *Refúgio no Brasil: Comentários à Lei 9.474/94*. São Paulo: Editora Quartier Latin do Brasil, 2017.

KÖVECSES, Z. *Metaphor and culture*. Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

KÖVECSES, Z. *Where Metaphors Come From: reconsidering contexto in Metaphor*. Oxford University Press: New York, 2015.

KÖVECSES, Z. Conceptual Metaphor Theory. *Routledge Handbook of Metaphor*. Routledge, 2017.

LAFIANDRA, B. *Migrants, Metaphors and Manipulation: a multimodal case study of trump's speeches on immigration*. *Elad-Silda*, Editora Université Jean Moulin Lyon, 2020.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. The Invariance Hypothesis: Is Abstract Reason Based on Image Schemas? *Cognitive Linguistics*, I-1, p. 39-74, 1990.

LAKOFF, G. Metaphor and War: the metaphor Systemused to justify war in the gulf. *Peace Research*, 1991.

LAKOFF, G. *Moral politics*. Chicago. University of Chicago Press, 1996.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, [1990], 1999.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Why Cognitive Linguistics Requires Embodied Realism. *Cognitive Linguistics*, v. 13, p. 245-263, 2002a.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. [1980]. *Metáforas da Vida Cotidiana*. 2 ed. São Paulo: Educ: Mercado de Letras, 2002b.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. [1980]. *Metaphors We Live by*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LUIZ FILHO, J. F. S. *Non-refoulement: breves considerações sobre o limite jurídico à saída compulsória do refugiado*. In: ALMEIDA, G. A. de; ARAÚJO, N. de (Org.). *O direito Internacional dos Refugiados: uma perspectiva brasileira*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

MEDEIROS, I. S.; SANTOS Y. R. O Processo cognitivo de construção das metáforas conceptuais: ressignificando a aprendizagem. *Revista Científica das Escolas de Comunicação e Artes e Educação*, Universidade Potiguar. Ano 4, n. 1, 2015.

MONTAGUT, M.; MORAGAS-FERNÁNDEZ, C. The European Refugee Crisis Discourse in the Spanish Press: mapping humanization and dehumanization frames through metaphors. *International Journal of Communication*, 2020, v. 14.

MORAIS, A. R. A.; FERREIRA, L. C. Metaphors of intolerance: a comparative analysis between the speeches and cartoons of Jair Bolsonaro and Donald Trump on Immigration. *Discourse and Conflict: Analysing Text and Talk of Conflict, Hate and Peace-building*, 2021, 85.

MOULIN, C. Os direitos humanos dos humanos sem direito: refugiados e a política do protesto. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 2, 2011.

MOULLAGALIEV, N.; KHISMATULLINA, L. Metaphors in Media Discourse on Migration. *Journal of History Culture and Art Research*, 2017.

MUJAGIC, M. Dangerous Waters Metaphor in News Discourse on Refugee Crisis. *Metaphorik*. University of Bihac, 2018.

MUJAGIC, M.; BERBEROVIC, S. The Immigrants are animals metaphor as a deliberate metaphor in British and Bosnia-Herzegovinian media. *Sciendo*, 2019.

MUSOLFF, A. Dehumanizing metaphors in UK immigrant debates in press and online media. *Journal of Language Aggression and Conflict*, 2015.

MUSOLFF, A. Migration, media and “deliberate” metaphors. *Metaphorik.de*, v. 21, p. 7-19, 2011.

MUSOLFF, A. Truths, lies and figurative scenarios. *Journal of Language and Politics*, 2017.

NEWSY. *Europe Welcomes Ukrainian Refugees – others, Less so*. 2022. Disponível em: <https://www.news.com/stories/ukrainian-refugees-not-welcomed-everywhere/>. Acesso em: 10 out. 2022.

NYERS, P. Abject Cosmopolitanism: the Politics of Protection in the Anti-deportation movement. *Third World Quarterly*, 2003.

O'BRIEN, G. V. Indigestible food, conquering hordes, and waste materials: metaphors of immigrants and the early immigration restriction debate in the United States. *Metaphor e Symbol*, 2003.

PERELMAN, C. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERSUAD, B.; WALKER, R. B. J. Apertura: Race in International Relations. In: *Alternatives: Global, Local, Political*, v. 26, n. 4, p. 373-376. 2001. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/030437540102600401>. Acesso em: 14 jun. 2021.

PETERSSON, B.; KAINZ, L. Migration in the Media: Metaphors in Swedish and German News Coverage. *Nordeuropa forum*, 2017.

PORTO, M. D. Water Metaphors and Evaluation of Syrian Migration: the flow refugees in the Spanish Press. *Metaphor and symbol*, v. 37, n. 3, 2022.

RITCHIE, L. D. *Metaphor: key topics in semantics and pragmatics*. Edinburgh. Cambridge University Press. First published 2013.

REVISTA ÉPOCA. Angela Merkel: o anjo protetor dos refugiados. *Revista Época*, 2015. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2015/09/angela-merkel-o-anjo-protetor-dos-refugiados.html>. Acesso em: 23 maio 2022.

RIBEIRO, K. R. Por uma visão dialógica da forma: contribuições do Círculo de Bakhtin para os Estudos da Linguística. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 100-119, 2018.

RICHARDS, I. A. *The Philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936.

RITCHIE, D. Metaphors in Conversational Context: Toward a Connectivity Theory of Metaphor Interpretation. *Metaphor and Symbol*, v. 19, p. 265-287, 2004.

SALEM, S. *et al.* Investigating the role of conceptual metaphor in the representation of the Syrian human crisis in British newspaper articles: a cognitive approach. *Journal of Language and Literature*, v. 22, n. 1, 2022.

SHIRE, W. *Poema "Home"*. Disponível em: <https://www.facinghistory.org/resource-library/home-warsan-shire>. Acesso em: 01 dez. 2022.

SOTO-ALMELA, J.; ALCARAZ-MÁRMOL, G. Victims or non-humans: exploring the semantic preference of refugees in Spanish news articles. *Language e Communication*, v. 69, 2019.

STEEN, G. J. What does ‘really deliberate’ really mean? More thoughts on metaphor and consciousness. *Metaphor and the Social World*, 2011.

TAYLOR, C. Metaphors of migration over time. *Discourse & Society*, v. 32, n. 4, p. 463-481, 2021.

THE CENTER SQUARE, Seattle not expecting migrantbuses soon, still monitoring situation. *SpencerPauley*, 2022. Disponível em: [https://www.thecentersquare.com/washington/seattle-not-expecting-migrant-buses-soon-still-monitoring-situation/article\\_fb81f73c-48da-11ed-a526-cfac15a966d2.html](https://www.thecentersquare.com/washington/seattle-not-expecting-migrant-buses-soon-still-monitoring-situation/article_fb81f73c-48da-11ed-a526-cfac15a966d2.html). Acesso em: 11 out. 2022.

THE GUARDIAN. *A new wave of migration is coming – and Europe is not ready for it*. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/jul/24/europe-migration-new-wave>. Acesso em: 26 set. 2022.

THE NEW HUMANITARIAN. *Refugees fall victim to people “ping pong” in the Balkans*. 2016. Disponível em: <https://www.thenewhumanitarian.org/news/2016/12/20/refugees-fall-victim-people-ping-pong-balkans>. Acesso em: 01 out. 2022.

THOMAZ, D. Z. *A Categoria do Refugiado Revisitada: transformações na Soberania Estatal e o Caso da Migração Haitiana para o Brasil*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em relações internacionais da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2015.

TÖRMÄ, K. *Refugees in British Media Coverage: a study of dehumanizing conceptual metaphors*. Umea Universitet, 2017.

VAUGHAN-WILLIAMS, N. *Europe’s Border Crisis: biopolitical security and beyond*. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

VEREZA, S. O Lócus da Metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da Uff - Dossiê: letras e cognição*, n. 4, p. 199-212, 2010.

VEREZA, S. “Metáfora é que nem...”:cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, Santa Crus do Sul, v. 38, n. 68, p. 2-21, 2013.

VEREZA, S. Mal comparando...: os efeitos argumentativos da metáfora e da analogia numa perspectiva cognitivo-discursiva. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 18-35, 2º sem., 2016.

VEREZA, S. The fabric of metaphor in discourse: interweaving cognition and discourse in figurative language. *Figurative Language Intersubjectivity and Usage*. John Benjamins, 2021.

VOLODINA, M. N. Language of mass media: the main tool of influencing the public consciousness. *Language of mass media: manual of graduate students*, Moscow: Akademichesky Proyekt, Alma Mater, 2008.

VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad. Michel Lahub e Yara Frateschi Vieira. E. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

WALKER, R. B. J. *After the Globe, Before the Word*. University of Toronto: Routledge, 2013.

WODAK, R.; SEDALAK, M. We demand that foreigners adapt to our life-style: political discourse on immigration laws in Austria and the United Kingdom. *In: APPELT, E.; JAROSCH, M. Combating racial discrimination*. Oxford, UK: Berg Publishers.